

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
ALISON HUMBERTO FURLAN**

**TEOLOGIA CONCILIAR DOS CARISMAS NA VIDA CONSAGRADA:  
SUA RECEPÇÃO NOS GOVERNOS GERAIS DO  
IRMÃO BASÍLIO RUEDA - FMS**

CURITIBA

2020

**ALISON HUMBERTO FURLAN**

**TEOLOGIA CONCILIAR DOS CARISMAS NA VIDA CONSAGRADA:  
SUA RECEPÇÃO NOS GOVERNOS GERAIS DO  
IRMÃO BASÍLIO RUEDA - FMS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tendo como orientador o Dr. Marcial Maçaneiro que tem como projeto de pesquisa Pneumatologia e Experiência Cristã.

CURITIBA

2020

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

F982  
2020

Furlan, Alison Humberto

Teologia conciliar dos carismas na vida consagrada : sua recepção nos governos gerais do irmão Basílio Rueda – FMS / Alison Humberto Furlan ; orientador, Marcial Maçaneiro. -- 2020  
147 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.  
Bibliografia: f. 142-147

1. Concílio Vaticano \$n (2. : \$d 1962-1965). 2. Vida religiosa. 3. Rueda, Basílio. 4. Irmãos Maristas. I. Maçaneiro, Marcial.  
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 262.5



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 011.2020  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

Aos vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte, reuniu-se às dezesseis horas e trinta minutos, na sala pós 1, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Tadeu Afonso Murad, Andréia Serrato para examinar a dissertação do mestrando **Alison Humberto Furlan**, ano de ingresso 2018, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Linha de Pesquisa “Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa”. O aluno apresentou a dissertação intitulada “**Teologia conciliar dos carismas na Vida Consagrada: sua recepção nos governos gerais do Irmão Basílio Rueda fms**” que, após a defesa foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17:48. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Presidente: Marcial Maçaneiro MMaçaneiro

Convidado Externo: Tadeu Afonso Murad - por videopresença -

Convidado Interno: Andréia Serrato Andréia C. Serrato

Prof. Dr. Rudolf von Sinner  
Coordenador  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
PUCPR

R U



Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia  
*Stricto Sensu*

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo e sempre estão presentes em todas as etapas de minha vida: pai João Carlos, mãe Rosimone, irmãs Talita e Kharla, meus avós João, Maria e Nadir. A estes, minha eterna gratidão e afeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente agradeço ao Deus da vida por me inspirar a idealização e execução deste trabalho, e por inspirar tantas outras pessoas que serviram de referência ou me ajudaram nesta dissertação. Também agradeço a Província Marista Brasil Centro Sul por abraçar meu desejo de prosseguir no estudo da teologia e me incentivar no que foi preciso. A comunidade do postulado marista de Joinville, onde resido e partilho vida e missão com os Irmãos e postulantes. A pastoral universitária da Católica de SC onde faço meu apostolado e a professora Glaci Gurgacz pelas correções de língua portuguesa. A comunidade marista universitária da PUC-PR pela acolhida, e ao Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT) da PUC-PR, em especial ao Dr. Pe. Marcial Maçaneiro pela orientação e acompanhamento no processo de mestrado. Termino meus agradecimentos parafraseando José Ribamar Feitosa que dizia que “com um pé no chão e o outro nas estrelas, o estudioso pode levar os outros a todos os lugares”. Obrigado a todos por me proporcionarem esta bela experiência!

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

- AA** - *Apostolicam actuositatem*: Decreto sobre o Apostolado dos Leigos.
- AG** - *Ad gentes*: Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja.
- AL** - *Alegrai-vos*: Carta Circular do Papa Francisco aos consagrados e consagradas.
- AR** - Água da Rocha: Espiritualidade Marista.
- C** - *Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas 1886* (Ed. 2010).
- C2** - *Circular n. 2*: Sobre a Vida Comunitária (Vol. XXV. 1970).
- C3** - *Circular n. 3*: Sobre o Espírito do Instituto (Vol. XXVI. 1975).
- C4** - *Circular n. 4*: Sobre a Oração (Vol. XXVII. 1982).
- DC** - *Documentos capitulares*: XVI Capítulo General.
- DH** - *Dignitatis humanae*: Declaração sobre a Liberdade Humana.
- DV** - *Dei Verbum*: Constituição dogmática sobre a Divina Revelação.
- EMM** - *Entorno da mesma mesa*: vocação dos leigos maristas de Champagnat.
- ET** - *Evangelica testificatio*: Exortação apostólica sobre a renovação da Vida Religiosa.
- GE** - *Gravissimum educationis*: Declaração sobre a educação cristã.
- GS** - *Gaudium et spes*: Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual.
- IMRII** – Identidade e Missão do religioso Irmão na Igreja: Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica.
- LG** - *Lumen gentium*: Constituição dogmática sobre a Igreja.
- MM** - *Misericordia et misera*: Carta Apostólica do Papa Francisco.
- PC** - *Perfectae caritatis*: Decreto sobre a renovação da Vida Religiosa.
- UMBRASIL** – União Marista do Brasil.
- VC** - *Vita Consecrata*: Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo.

## ABREVIATURA DOS LIVROS BÍBLICOS

### ANTIGO

### TESTAMENTO

Gn - Gênesis

Êx - Êxodo

Lv - Levítico

Nm - Números

Dt - Deuteronômio

Js - Josué

Jz - Juízes

Rt - Rute

1Sm - 1º Samuel

2Sm - 2º Samuel

1Rs - 1º Reis

2Rs - 2º Reis

1Cr - 1º Crônicas

2Cr - 2º Crônicas

Ed - Esdras

Ne - Neemias

Et - Ester

Jó - Jó

Sl - Salmos

Pv - Provérbios

Ec - Eclesiastes

Ct - Cânticos dos  
Cânticos

Is - Isaías

Jr - Jeremias

Lm - Lamentações

Ez - Ezequiel

Dn - Daniel

Os - Oséias

Jl - Joel

Am - Amós

Ab - Abadias

Jn - Jonas

Mq - Miquéias

Na - Naum

Hc - Habacuque

Sf - Sofonias

Ag - Ageu

Zc - Zacarias

Ml - Malaquias

### NOVO

### TESTAMENTO

Mt - Mateus

Mc - Marcos

Lc - Lucas

Jo - João

At - Atos dos

Apóstolos

Rm - Romanos

1Cor- 1ª Coríntios

2Cor- 2ª Coríntios

Gl - Gálatas

Ef - Efésios

Fp - Filipenses

Cl - Colossenses

1Ts -

1ª Tessalonicenses

2Ts -

2ª Tessalonicenses

1Tm - 1ª Timóteo

2Tm - 2ª Timóteo

Tt - Tito

Fm - Filemom

Hb - Hebreus

Tg - Tiago

1Pe - 1ª Pedro

2Pe - 2ª Pedro

1Jo - 1ª João

2Jo - 2ª João

3Jo - 3ª João

Jd - Judas

Ap - Apocalipse

## RESUMO

O Concílio Vaticano II foi um evento que modificou o caminhar da Igreja. Como disse o Papa João XXIII na abertura, era necessário um *aggiornamento*, deixar bons ares circular na Igreja. A vida religiosa consagrada não ficou fora dessa revisão e precisou passar por uma renovação, concretamente desenvolvida no documento *Perfectae Caritatis* que, somado aos demais documentos conciliares e do pós-concílio, suscitaram um novo jeito de ser à vida religiosa. É deste cenário que surge o Irmão Basílio Rueda, eleito no pós-concílio como Superior Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, para a recepção da teologia dos carismas da vida consagrada e sua pertinência ao Instituto Marista. Alguns de seus métodos são destaques como as Cartas Circulares e os retiros de renovação, que o possibilitaram visitar todas as províncias do mundo. Da literatura elaborada pelo Irmão Basílio foram elencados sete elementos, que ajudam a entender os caminhos percorridos por ele e o que era mais urgente para a renovação do Instituto Marista: a oração, a vida comunitária, a caridade, Maria, o apostolado, os votos religiosos e o testemunho. Foi a partir desses elementos que se procurou analisar os documentos elencados como mais pertinentes para se cumprir com o objetivo proposto. Não poderia faltar uma análise com a perspectiva de futuro, pois a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, passados mais de cinquenta anos, não se encerrou, ela continua a influenciar debates, propor e gerar demandas à teologia. E os Maristas respondem a essa atualização, de um jeito próprio, com documentos importantes, como sobre a sua espiritualidade – Água da Rocha e sobre a vocação leiga Marista – Em Torno da Mesma Mesa, e outros documentos que prepararam a celebração do bicentenário de fundação. Também uma análise do pontificado do Papa Francisco, que traz fortemente elementos do Vaticano II, propõe novos temas para debates, põe em pauta uma Igreja em saída, sendo inspiração para os Maristas de Champagnat a continuar sua missão de evangelização, dando respostas cada vez mais assertivas aos sinais dos tempos.

**Palavras-Chave:** Concílio Vaticano II. Vida Consagrada. Basílio Rueda. Irmãos Maristas.

## ABSTRACT

The Second Vatican Council was an event that changed the perspective of the Church. As Pope John XXIII said at the opening, an *aggiornamento* was needed, to keep good circles in the Church. The consecrated religious life was not revised, and had to go through a revision, specifically developed in the document *Perfectae Caritatis*, which was added to the other related documents and to the post-council, presented a new religious life being. This is the scenario that elevates Brother Basilio Rueda as Superior General of the Institute of the Marist Brothers. He was elected post-conciliation for the reception of the theory of the charisms of consecrated life and its relevance to the Marist Institute. Some of his methods are highlights, such as Circular Letters and Renewal Retreats, which allow you to visit all the provinces around the world. From the literature prepared by Brother Basilio, seven elements are listed that help to understand the methods taken by him and what was most urgent for the renewal of the Marist Institute: a prayer, a community life, a charity, Mary, the apostolate, religious vows and the religious witness. As of these elements, the documents listed were analyzed as more relevant to fulfill the proposed objective. An analysis with the prospect of the future could not be missing, once the renewal proposed by the Second Vatican Council, after more than fifty years, it has not ended, it continues to influence debates, to propose and to generate demands on theology. And the Marists respond to this update, in their own way, with important documents, such as about their spirituality – *Water from the Rock* and about the lay Marist vocation – *Gathered Around the Same Table*, and other documents that prepare the use of the foundation bicentennial. Also an analysis of Pope Francis's pontificate, which strongly brings elements from Vatican II, proposes new topics for debate, sets out a Church in the outing, inspiring Champagnat Marists to continue their mission of evangelization, giving more and more answers, which ones get more assertives as the time pass by.

**Keywords:** Vatican Council II; Consecrated Life; Basilio Rueda; Marists Brothers.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>15</b> |
| <b>PARA UMA TEOLOGIA DO CARISMA NA VIDA CONSAGRADA: OBJETO, EXTENSÃO E ESTADO DA ARTE</b> .....         | <b>15</b> |
| 1.1. O ESPÍRITO SANTO E OS CARISMAS .....   | 15        |
| 1.1.1 <i>O Espírito Santo e o carisma marista</i> .....   | 18        |
| 1.1.2 <i>O Espírito Santo e o carisma marista na governança do Irmão Basílio Rueda</i> .....            | 22        |
| 1.1.3 <i>O Espírito Santo e o carisma marista no seu bicentenário</i> .....                             | 24        |
| 1.2. FONTES ACESSADAS .....   | 26        |
| 1.2.1 <i>Vaticano II, sua história e a vida religiosa em debate</i> .....                               | 26        |
| 1.2.2 <i>Pós-Concílio e a renovação no Instituto Marista</i> .....                                      | 31        |
| 1.2.3 <i>Bicentenário Marista na perspectiva do Vaticano II e do Irmão Basílio Rueda</i> .....          | 34        |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>38</b> |
| <b>O CONCÍLIO VATICANO II E A VIDA CONSAGRADA NA IGREJA</b> .....                                       | <b>38</b> |
| 2.1 A PREPARAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II .....  | 39        |
| 2.2 O CONCÍLIO VATICANO II E SEU ALCANCE PARA A VIDA RELIGIOSA .....                                    | 45        |
| 2.2.1 <i>Primeiro período Conciliar</i> .....   | 48        |
| 2.2.2 <i>Segundo período Conciliar</i> .....  | 50        |
| 2.2.3 <i>Terceiro período Conciliar</i> .....   | 51        |
| 2.2.4 <i>Quarto período Conciliar</i> .....   | 52        |
| 2.3 DOCUMENTOS CONCILIARES SOBRE A VIDA RELIGIOSA .....   | 54        |
| 2.3.1 <i>Lumen Gentium</i> .....  | 54        |
| 2.3.2 <i>Decreto Perfectae Caritatis (Vida Religiosa)</i> .....   | 59        |
| 2.3.3 <i>Decreto Ad Gentes (Atividade missionária na Igreja)</i> .....                                  | 64        |
| 2.4 RECEPÇÃO DOS DOCUMENTOS NO PÓS-CONCÍLIO .....   | 65        |
| 2.4.1 <i>Reflexos dos documentos Conciliares: Evangelica Testificatio</i> .....                         | 67        |
| 2.4.2 <i>Os sete elementos num olhar pós-conciliar</i> .....  | 73        |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>75</b> |
| <b>RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II POR IRMÃO BASÍLIO RUEDA, NO CONTEXTO DO INSTITUTO MARISTA</b> ..... | <b>75</b> |
| 3.1 <b>BASÍLIO RUEDA GUZMÁN: TRAÇOS BIOGRÁFICOS</b> .....   | <b>76</b> |

|  |            |
|--|------------|
| 3.1.1. <i>Basílio na formação à vida marista</i> .....   | 77         |
| 3.1.2 <i>Basílio, irmão marista</i> .....  | 78         |
| 3.2 IRMÃO BASÍLIO E O MUNDO MARISTA.....   | 82         |
| 3.2.1 <i>Ações significativas como Superior Geral</i> .....  | 84         |
| 3.2.2 <i>O XVII Capítulo Geral: reeleição</i> .....  | 86         |
| 3.2.3 <i>Retorno à pátria e volta à casa do Pai</i> .....  | 90         |
| 3.3 ESCRITOS SOBRE A VIDA COMUNITÁRIA .....  | 92         |
| 3.4 ANÁLISE SOBRE “O ESPÍRITO DO INSTITUTO” .....  | 99         |
| 3.5 CARTA SOBRE A ORAÇÃO .....   | 105        |
| 3.6 PERSPECTIVAS SISTEMÁTICAS .....  | 111        |
| <b>CAPÍTULO IV</b> .....   | <b>114</b> |
| <b>GOVERNO DO IRMÃO BASÍLIO RUEDA: PRISMA PARA OS IRMÃOS<br/>MARISTAS NA VIVÊNCIA DO VATICANO II</b> ..... | <b>114</b> |
| 4.1 <i>ÁGUA DA ROCHA</i> .....   | 116        |
| 4.2 <i>EM TORNO DA MESMA MESA</i> .....  | 122        |
| 4.3 <i>RUMO A UM NOVO COMEÇO</i> .....   | 128        |
| 4.4 <i>UM NOVO COMEÇO EM SINTONIA COM OS SINAIS DOS TEMPOS..</i>   | 133        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>138</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>142</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de um projeto de vida e do reconhecimento de que o Concílio Vaticano II foi um marco que mudou a realidade na Igreja. Em específico, de como o religioso Ir. Basílio Rueda, FMS, recebeu o Concílio e trabalhou arduamente para renovar o Instituto Marista, enquanto Superior Geral.

Inserido na linha de Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa do Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT), na área sistemático-pastoral, da PUC-PR, esta dissertação tem como título: Teologia conciliar dos carismas na vida consagrada: sua recepção nos governos gerais do Irmão Basílio Rueda, FMS. O que se faz pertinente no contexto histórico atual, com a recente celebração dos cinquenta anos do encerramento do Concílio Vaticano II e do bicentenário de fundação do Instituto dos Irmãos Maristas. Neste período jubilar, muito se estudou e publicou, oferecendo subsídios para a pesquisa.

O objetivo é analisar a teologia carismática da Vida Religiosa Consagrada, oriunda do Vaticano II, na ótica de sua recepção pelo Instituto dos Irmãos Maristas, no governo geral do Irmão Basílio Rueda – 1962 a 1985, expoente superior geral do período pós-Concílio, pontuando como o mesmo Instituto tem acolhido e aplicado a teologia dos carismas em sua espiritualidade e missão.

Para tanto, foram formulados três objetivos específicos que facilitaram a pesquisa e a disposição dos capítulos no trabalho: Estudar a teologia carismática à Vida Consagrada elaborada no Concílio Vaticano II; examinar e apresentar de forma sistemática como o Instituto dos Irmãos Maristas recebe a teologia dos carismas à Vida Religiosa no Pós-Concílio, nos mandatos de Superior Geral do Irmão Basílio Rueda; descrever como, na atualidade, o Instituto dos Irmãos Maristas recebe essa teologia – mediante os documentos de Irmão Basílio Rueda – pontuando seus conteúdos e resultados.

Para se atingir o esperado, metodologicamente, o trabalho foi dividido em quatro Capítulos. O primeiro expõe a definição do objeto, sua extensão e o estado da arte; apresenta assim os conceitos e a bibliografia pertinente à pesquisa. Esta primeira parte já indica a divisão dos demais capítulos, com as obras que serão mais utilizadas, os autores selecionados e suas linhas de conhecimento.

Como mencionado, o viés principal de todo o trabalho será a análise da recepção da teologia dos carismas, oriunda do Concílio Vaticano II e iniciada pelo Irmão Basílio Rueda no Instituto dos Irmãos Maristas. Todo o texto escrito tem por finalidade contextualizar, embasar e comprovar a hipótese de que tal recepção foi efetiva, com conteúdos perceptíveis em Rueda, incidindo no Instituto Marista nos tempos de seu Governo Geral. Para isto, partiu-se da leitura dos escritos do Irmão Basílio, dos quais se destacaram sete elementos – tomados como chaves de análise – sendo as mais pontuadas por Rueda nesse processo de recepção e renovação. Os sete elementos são: a oração, a vida comunitária, a caridade, Maria, o apostolado, os votos religiosos e o testemunho. Não são os únicos elementos abordados, mas, para este trabalho em específico, ajudarão a alcançar o objetivo proposto. Assim sendo, todos os documentos serão analisados sob essas sete chaves.

No segundo Capítulo, aprofundamos o evento do Vaticano II: ao se falar em evento, significa que o Concílio não se reduz ao dado cronológico, de sua abertura à sua conclusão factual, mas que constitui um processo histórico-hermenêutico, um evento eclesial e teológico de longo alcance. Como evento, abarca toda a sua preparação, realização e recepção, ampliando suas perspectivas e sua incidência na história por décadas, até o presente. Nossa abordagem inicia-se com um apanhado histórico, sempre com um olhar de captar onde a Vida Religiosa encaixa-se nestes movimentos, desde a sua preparação pelas articulações e comissões até sua abertura e realização, a qual se deu em quatro períodos.

No texto, vamos acompanhar o que mais marcou cada um desses períodos, os momentos em que se debateu, de forma direta, sobre os Religiosos e a Vida Consagrada até a promulgação de todos os documentos, para poder aprofundar-nos em alguns deles, em vista da posterior recepção. Neste sentido, analisaremos quatro documentos em específico, que muito dizem à Vida Religiosa e, por consequência, aos Irmãos Maristas: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no capítulo VI, sobre os religiosos, e o VIII dedicado à Virgem Maria; o Decreto *Perfectae Caritatis* especificamente sobre a renovação da Vida Religiosa; o Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, que seria a nova diretriz para as missões e apostolado. Ainda nesta seção, faz-se uma análise da Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, do Papa Paulo VI, sobre

a renovação da vida religiosa, segundo os ensinamentos do Concílio. Esta Exortação é um documento pós-conciliar em auxílio dos religiosos, no empenho de renovação da Vida Consagrada. É um compêndio específico aos religiosos, visto que trata do que caberia a eles na promoção da teologia conciliar.

No terceiro Capítulo, apresentamos o tema central do estudo. O texto está dividido em duas partes: a primeira, uma biografia do Irmão Basílio Rueda, nascido no México em 1924. Irmão Basílio foi aluno Marista, que iniciou seus estudos para ser Irmão Marista em 1942, professou seus primeiros Votos Religiosos em 1944 e os Votos Perpétuos em 1951. Com uma terna devoção à Maria Santíssima, refletia isso no seu apostolado junto aos jovens e na atenção aos Irmãos idosos. Fez seu mestrado em filosofia sobre o tema *Ser y Valor* e, no ano de 1960, foi convidado para uma missão que mudaria sua perspectiva de Igreja, o “Movimento por um mundo melhor”, fundado pelo padre Ricardo Lombardi, SJ.

Viajando por muitos países e em contato com muitas culturas, Rueda teve a oportunidade de ajudar muito, com retiros, encontros e palestras a todos os envolvidos com este movimento. Seu êxito foi tanto que quando venceu seu contrato, em 1964, foi enviado à Espanha, a serviço do Governo Geral, onde teve a oportunidade de conhecer muitos Irmãos e de se dar a conhecer ao mundo Marista. Em 1967, é eleito Superior Geral, para iniciar e implementar o recente Concílio Vaticano II, e, em 1975, foi reeleito para continuar o trabalho iniciado.

Convém explicitar que os seus dois mandatos como Superior Geral serão nosso recorte temporal, e dos variados meios que utilizou para a renovação no Instituto, utilizaremos principalmente as Circulares sobre a oração, sobre o espírito do Instituto e sobre a vida comunitária, relendo os sete elementos de análise anteriormente descritos. O segundo mandato do Irmão Basílio Rueda acabou em 1985, quando regressou à sua província no México. Faleceu em 21 de janeiro de 1996.

Já na segunda parte, temos a análise direta das três circulares: Circular sobre a Vida Comunitária, Circular sobre o Espírito do Instituto e a Circular sobre a Oração. Também será mostrado como se deu a recepção da teologia dos carismas da vida consagrada, por meio dessas circulares. Com base na Circular sobre a Oração, foram produzidos dois livros, que serão utilizados no mesmo

tópico para tratar do tema, sintetizando todo o trabalho desenvolvido pelo Irmão Basílio, e o esforço do Irmão para que o Instituto Marista, a vida religiosa e a Igreja fossem fiéis ao Vaticano II. Esse trabalho não foi concluído em 1985, quando acabou seu segundo mandato, mas que teve que ser continuado. E é essa continuação que apresentamos no último Capítulo deste estudo. Com olhar na recepção iniciada pelo Irmão Basílio, olhamos a história recente do Instituto Marista e as perspectivas de futuro.

No nosso estudo, são utilizados três materiais específicos dos Maristas: o Documento *Água da Rocha* - sobre a espiritualidade Marista; o Documento *Em Torno da Mesma Mesa* – sobre a vocação leiga no Instituto; os documentos em preparação ao Bicentenário Marista, com o tema “Rumo a um novo começo”. Não poderia faltar um tópico sobre o pontificado do Papa Francisco, que busca fortalecer a teologia do Vaticano II, trazendo à tona novos temas e novas perspectivas para construir o Reino, o que nos aproxima do tema do trabalho.

Com efeito, trata-se de um trabalho investigativo e bibliográfico. Escritores nacionais e estrangeiros de renome, em suas diversas áreas, ajudaram-nos nesta reflexão, para que pudessem ser examinados, o mais próximo possível da realidade, os documentos do Magistérios da Igreja, as Circulares do Irmão Basílio e os documentos do Instituto Marista, respeitando a história, a cronologia dos fatos, que sempre vêm ajudar a situar-nos.

Esclarecemos ainda que o presente estudo é desenvolvido com empenho e dedicação, comprometido com o espírito do Concílio Vaticano II e com o carisma marista. Sabe-se que este trabalho não esgota a beleza dos temas, e muitos outros devem ser estudados nesta perspectiva, mas a intenção é de que esta obra abra um novo horizonte de leitura e entendimento, ajudando na missão de evangelização da Igreja.

## CAPÍTULO 1

### PARA UMA TEOLOGIA DO CARISMA NA VIDA CONSAGRADA: OBJETO, EXTENSÃO E ESTADO DA ARTE

#### 1.1. O ESPÍRITO SANTO E OS CARISMAS

A aventura religiosa é tão antiga quanto o homem, e, na história das religiões, vê-se a narrativa sobre a procura de Deus, o Transcendente. A vida consagrada, uma dessas manifestações, “tem sua pátria espiritual na revelação bíblica. As raízes mais profundas da árvore *multisselular* que é a Bíblia perscruta o velho terreno do Antigo Testamento (RODRÍGUEZ; CASAS, 1994, p. XXV). Vemos, no Antigo Testamento, manifestações carismáticas do Espírito: Sansão (Jz 13,25), Otoniel (Jz 3,10), Jefté (Jz 11,29), Saul (I Sm 11, 16), Isaías e os demais profetas que prefiguram e anunciam o Messias. Dada a encarnação do Verbo, o cumprimento das promessas ao Povo de Deus, assim entramos na nova e definitiva Aliança, na qual o Espírito Santo, agindo em Jesus, leva-O à paixão, morte e ressurreição, ápice de nossa fé. Nesse processo, vemos o início da caminhada das comunidades cristãs, suas dificuldades e alegrias.

Após a Ascensão de Jesus, são-nos narrados os casos coletivos de recepção do Espírito, que se destacam por sua sensibilidade e abertura ao Paráclito. O fato que mais conhecemos é o de Pentecostes (At 2) em que a comunidade cristã primitiva vê o cumprimento da profecia de Joel (3,1) segundo o qual todo o povo receberá a efusão do Espírito. Há ainda outros “Pentecostes” (manifestações do Espírito Santo) relatados nos Atos dos Apóstolos, que abrangem também aos gentios, como o caso dos moradores da casa de Cornélio

(At 10, 44- 45) e dos discípulos em Éfeso (At 19 5-6), os quais são exemplos de que o desabrochar de dons e carismas é uma constante na Igreja.

A relação entre *charis* / *charisma* onde tem o sufixo *ma* indica a mesma relação entre *mathésis*/ *mathema*, ou seja, ensinar/ ensinamento no qual a *charis* diz respeito a ação da graça e *charisma* ao resultado dessa ação, são dons 'conforme a graça' (Rm 12,6) que é dada pelo Espírito para o bem da comunidade. (VILLAS BOAS, 2015, p. 78).

É pela efusão do Espírito Santo que a graça manifesta-se, de maneira efetiva, os dons são postos a serviço e os carismas brotam na Igreja.

Os carismas foram dados a Jesus, não como indivíduo, mas como chefe do corpo místico. Sua missão, que se iniciou no Jordão, não chegou a seu fim com a ascensão, pois, alguns dias depois, ele enviou o Espírito Santo para que a continuasse em seu nome. Iniciada com a pregação e o poder dos milagres, a missão de Cristo só pode ter continuidade adotando o mesmo estilo e os mesmos meios de que ele mesmo se valeu. (FALVO,1976, p. 24).

Segundo Codina (2010), Paulo foi o primeiro sistematizador dos carismas:

No Novo Testamento, Paulo, um homem carismático que passou de perseguidor do Cristianismo a apóstolo dos gentios (At 9,3; Gl 1,12.15; Ef 3,2), será aquele que desenvolverá mais extensamente o tema dos carismas do Espírito na Igreja, acima de tudo em 1 Cor 12-14; Rm 12, 1-8; 16,1 e Ef 4,1-16. Esses carismas, que recebem em Paulo diversos nomes (Dons do Espírito, energias ou operações, diaconias ou serviços, carismas ou dons da graça), são para ele fatos de ordem pneumática, através dos quais se manifesta o poder divino a serviço da comunidade. Está efusão do Espírito está intimamente ligada com Jesus glorioso, tal como experimentou Paulo em Damasco: são dons do Ressuscitado a serviço da Igreja. (CODINA, 2010, p. 134).

Romero (1994), no *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, descreve a importância de Paulo na concepção e teologia dos carismas:

Especialistas estão de acordo em afirmar que o Apóstolo não pôde tomar o termo do AT, precisamente porque nos textos mencionados aparece somente como variante. Paulo nos oferece em seus escritos quatro listas de carisma: 1 Cor 2,8-10; 1 Cor 12, 28-30; Rm 12, 6-8; Ef 4, 11. Nestas listas são enumerados 19 carismas, porém, dadas as repetições, distinguimos 20 carismas diferentes. O Apóstolo não quis, por certo, redigir um alista completa, exaustiva e concordante, sobretudo porque a riqueza desses dons não permite a redução a um sistema ou a uma regra. (ROMERO, 1994, p. 89).

Algumas linhas depois, segue a reflexão:

Paulo lê nos carismas a ação e a eficácia da única graça, oferecida benévola e gratuitamente pelo único Espírito, que se diversifica sensivelmente em cada pessoa singular (1 Cor 12, 4.11.12-27.28-31), a fim de produzir em cada uma delas determinada capacidade, apta para servir a toda a comunidade eclesial (1Cor 14, 12). (ROMERO, 1994, p. 89).

Depois do período apostólico, o Espírito não parou de distribuir seus dons à Igreja. Vemos os testemunhos dos mártires, o monacato, os movimentos medievais com ênfase na pobreza, os mendicantes, os movimentos oriundos de uma contrarreforma, a vida religiosa apostólica, os movimentos pré-Conciliares e Conciliares. Já mais perto de nós, surgiram os movimentos ecumênicos, os teólogos da libertação, a renovação carismática e pentecostal, e também movimentos laicais diversos.

Esses são traços e marcas de que as pessoas estão atentas aos sinais dos tempos e abertas aos impulsos da Trindade:

O Concílio Vaticano II retomou a teologia dos carismas, ressaltando que o Espírito Santo não apenas santifica e dirige o Povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios, mas distribui graças carismáticas entre seus fieis (1 Cor 12, 7.11) que são importantes e úteis para a Igreja, quer se trate de dons extraordinários, quer de dons mais simples, deixando a quem preside a Igreja a competência de os discernir (LG 12; cf. AA 3). Como afirma a LG em outro lugar, o Espírito dirige e enriquece a Igreja “com diversos dons hierárquicos e carismáticos. (CODINA, 2010, p. 136).

A vida religiosa “embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está, contudo, firmemente relacionada com sua santidade” (LG 44). Sendo assim, o Concílio situa a vida religiosa, dentro da estrutura carismática da Igreja, “um dom do Espírito, sinal para a Igreja, dos valores evangélicos e transcendentais do Reino de Deus, vividos no seguimento de Jesus” (CODINA, 2010, p. 139). O autor explicita que a Igreja sempre apreciou a vida religiosa, sempre a apoiou e ajudou na sua sistematização. Segundo ele, é fato, também, que, em algumas circunstâncias, desejando discernir os espíritos, a Igreja controlou e freou o Espírito:

Um exemplo claro disso foi quando o Concílio Lateranense IV, em 1215, decidiu que, no futuro, os carismas religiosos só seriam quatro: os de Basílio, Agostinho, Bento e Francisco. Pode a hierarquia, em nome do discernimento e do bem comum, controlar e limitar os carismas do Espírito a seu gosto? A multidão de carismas religiosos

que surgiram na Igreja desde então pôs às claras o abusivo de tal determinação. (CODINA, 2010, p. 139).

Na visão desse autor, sempre houve tensão entre a vida religiosa e a instituição eclesial, uma vez que, por vezes, a Igreja valoriza a vida religiosa apenas pelo que os religiosos fazem, à medida que são úteis para a pastoral diocesana e paroquial. Ademais, a vida religiosa não foi instituída para ficar presa a uma paróquia, mas sim estar livre para circular onde mais se precisa. Codina (2010) alerta-nos sobre o perigo da paroquialização da vida religiosa, que é ainda mais eminente na vida religiosa masculina clerical. A propósito disso, ele assim se expressa:

Podemos nos contentar em repetir as palavras de João Paulo II em sua exortação pós-sinodal *Vita Consecrata*, quando citando Santa Tereza, se pergunta 'que seria do mundo se não existissem os religiosos?' Não será que a Igreja institucional se sente ainda, muitas vezes depositária exclusiva do Espírito? (CODINA, 2010, p. 141).

Outra constatação é o fato de que, se a vida religiosa deixa de ser testemunho de oração, de missão, de evangelização, de experiência espiritual, de educação cristã, de docência teológica, de trabalho nas comunidades eclesiais de base, da presença na comunicação social, do trabalho na saúde, na promoção social, na atenção aos mais pobres, aos necessitados, às crianças, aos órfãos, aos drogados, da atenção aos encarcerados, afro descendentes, entre outros tantos serviços, acaba perdendo seu sinal e tende a ir desaparecendo, pois perde seu brilho, deixa apagar o fogo do Espírito que nela ardia. E esta é a triste realidade de muitos institutos. Talvez, essas definições bem claras tenham ajudado o Instituto Marista, de religiosos Irmãos, a se expandir, readequar-se e perdurar até os dias de hoje.

### 1.1.1 O Espírito Santo e o carisma marista

Para bem falarmos da vida religiosa marista, precisamos dizer que, numa Congregação, suas vocações e seu carisma são como que os braços da Igreja na atuação do Espírito Santo. Diante desse contexto, surgem os seguintes questionamentos: Como explicar os caminhos que estas tomam, seu início, perenidade e, como bem sabemos pela história, o fim de outras; não sendo pela

dinamicidade do Espírito Santo? Já nos alertava o autor sagrado: “O vento sopra onde quer, ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem e nem para onde vai. Assim acontece com aqueles que nascem do Espírito” (Jo 3, 8).

Tendo como base as definições anteriormente descritas, somamos a essas o texto inicial das Constituições dos Irmãos Maristas:

Guiado pelo Espírito, Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros. Tal vivência, como também sua abertura aos acontecimentos e às pessoas, está na origem de sua espiritualidade e de seu zelo apostólico. Torna-o sensível às necessidades de seu tempo, especialmente à ignorância religiosa e às situações de pobreza da juventude. Sua fé e desejo de cumprir a vontade de Deus revelam-lhe sua missão: ‘Tornar Jesus Cristo conhecido e amado’. Dizia muitas vezes: ‘Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a amou’. Neste espírito fundou nosso Instituto para a educação cristã dos jovens, particularmente os mais necessitados. (C 2).

Não se pode desconsiderar que o mandato do fundador foi configurando-se com o passar dos anos. Ele foi tomando corpo e funcionalidade diferente, conforme as sociedades em que estava presente exigiam, no entanto, sempre respaldado no mandato da Igreja pelo seu Magistério.

Nasceram [Institutos Religiosos] com multiplicidade de formas. Criavam processos inéditos de anunciar o evangelho, buscar novos interlocutores, construir comunidades fraternas e viver a espiritualidade cristã. No entanto quase toda a Vida Religiosa se impôs a um modelo que vigorou durante séculos, até o Concílio. Para reconhecimento oficial dos Institutos se exigiam uma série de regras e procedimentos que enquadravam os grupos, reduzindo-lhe a capacidade criativa e padronizavam sua forma de existir e atuar. (MURAD, 2015, p. 832).

Considerando-se que se faz necessária a contextualização histórica dos processos vividos na Igreja e no Instituto Marista<sup>1</sup> e também sobre como este chegou aos dias atuais, vejamos o excerto a seguir, no qual Ferrarini (2019, p. 6) divide a história marista, por suas similaridades, em três períodos<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> O termo “marista”, neste trabalho, refere-se os Irmãos Maristas, fundados por Marcelino Champagnat, em distinção dos Padres Maristas, das Irmãs Maristas e das Irmãs Maristas Missionárias, que são outras fundações. Quando se tratar de um desses Institutos, serão devidamente nomeados.

<sup>2</sup> O livro em questão, contempla a história dos Irmãos Superiores Gerais falecidos, por essa razão, no trecho citado, é comentado até o Ir. Charles Howard.

- A primeira, desde os anos de 1830 até por volta de 1900, influencia os Irmãos superiores gerais Francisco, Louis-Marie, Nestor e Théophane. Está marcada por um mundo bastante europeu, por uma Igreja tridentina, romana, por uma cultura marista francesa e pelo colonialismo europeu no resto do mundo.

- A segunda, de 1900 até por volta de 1960, que compreende os generalatos dos Irmãos Stratonique, Diogène, Leonidas e Charles Raphael. Nesse período, evidenciam-se grandes mudanças sociais devido: à industrialização e ao operariado, à emergência do comunismo, a um mundo bi polarizado ideologicamente, aos gritos de libertação política, sobretudo na África e Ásia, e aos dois conflitos bélicos mundiais.

- A terceira etapa, de 1960 em diante, corresponde aos tempos do Irmão Basílio e Charles Howard. Esse período é assinalado não apenas pelas áreas de influências ideológicas, mas também pelo mundo dos ricos e dos pobres; emergência de uma teologia na linha vaticana e medeliniana na América Latina; nova eclesialidade produzida pelo Vaticano II; tensão mundial e a guerra fria; mundo cibernético, tecnológico etc.

Dessa última, sobre influência do evento Concílio Vaticano II, é que vamos abordar este trabalho. O Concílio Vaticano II emitiu dois documentos que nos ajudarão, de forma basilar, a entender a recepção da teologia dos carismas no Instituto Marista: um sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, que “foi o documento-síntese do Vaticano II, representa a janela aberta para o mundo, pronta para deixar o ar fresco entrar” (LOPES, 2011, p. 14) na Igreja, e consequentemente na Vida Religiosa; outro, um documento específico sobre a Vida Religiosa, chamado *Perfectae Caritatis*. Este exigiu uma renovação singular e profunda:

A conveniente renovação da vida religiosa comporta uma volta constante às fontes de toda a vida cristã, à inspiração original de cada um dos institutos religiosos e a sua adaptação às condições dos tempos que mudaram. Essa renovação deve ser feita sob o impulso do Espírito Santo e sob a orientação da Igreja. (PC 2).

No entanto, esse documento tornou-se uma diretriz, e assim se fez necessário, em outro momento, com maior tempo para pensar e escrever algo mais sistemático, que ajudasse os Institutos nessa renovação. O Vaticano, na pessoa do Papa Paulo VI, oficializa uma Exortação Apostólica, *Evangelica*

*Testificatio*, no ano de 1971, sobre a renovação da Vida Religiosa, segundo os ensinamentos do Concílio. “Ele [Paulo VI] tinha intuído os desafios e os riscos da renovação, assinalando as grandes exigências de uma vida centrada no Cristo e no seu Evangelho, mas também aberta ao diálogo e ao testemunho no mundo de hoje” (SECONDIN, 1997, p.17). Esta exortação será analisada posteriormente, pois é direcionada à vida consagrada e está no recorte temporal de nosso estudo.

Frutos desse período, do evento que foi o Vaticano II, e eleitos para dar respostas a esses acontecimentos, temos no Instituto Marista, uma nova era no estilo de governança, que, segundo os estudos de Ferrarini (2019), é a terceira etapa, citada anteriormente, que corresponde desde a época pré-Conciliar até o pós-Concílio e sua recepção imediata. Atingindo de maneira mais específica o objeto de nosso estudo, os mandatos de Basílio Rueda. Assim, podemos entender melhor os caminhos tomados por ele nos seus escritos e estilo de governança.

É certo que o Espírito vos dá também a graça de descobrir o rosto do Senhor no coração dos homens que Ele vos ensina a amar como Irmãos, e ajuda-vos, sem dúvida, a decifrar as manifestações do seu amor no meio da trama dos acontecimentos. Na atenção humilde prestada aos homens e às coisas, o Espírito de Jesus ilumina-nos e enriquece-nos com a sabedoria, desde que estejamos profundamente penetrados pelo espírito de oração. (ET 44).

Analisando os textos bases de nossa pesquisa, como os documentos do Concílio, mensagem, discursos, bem como a Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* e textos auxiliares, estes nos ajudam a discutir o tema, seja por linha histórica, seja na linha teológica. A primeira, porque se crê que é necessário um olhar histórico, pois os acontecimentos são frutos de relações e de olhares, e não podem ser avaliados de forma isolada. A segunda, por ser o motivo primeiro da elaboração dos materiais, que precisam passar pelo olhar do teólogo. Para tanto, mencionamos alguns: Baraúna, Alberigo, Lorscheider, Codina, Libanio, Comblin, que ajudarão nas reflexões e na melhor recepção do que foi entregue à Igreja. Ferrarini também nos ajuda com esta reflexão:

A espiritualidade foi o elemento, talvez mais afetado pela evolução das mentalidades, das ciências, da urbanização, do crescimento numérico do Instituto, das atualizações propostas pelo Vaticano II etc. No clima

de progressiva estrada da globalização, a espiritualidade centrada em fórmulas, em livros, na cultura francesa, na tradição no comunitário foi fortemente afetada. Apelos do mundo, do intenso trabalho profissional e até da missão, dos atrativos da cultura, do lazer, da tecnologia, da comunicação, do consumismo, da pornografia amplamente exposta foram surrupiando os tempos da oração, do estudo religioso, da meditação, da Eucaristia, do silêncio, dos retiros. Assim passou a ter primazia a ação, o trabalho ou o ócio. (FERRARINI, 2019, p. 24).

Além desses autores, há também textos complementares, como dicionários de teologia, do Vaticano II, da Vida Consagrada, com verbetes que nos ajudarão na definição de alguns temas e serão guias por todo o trabalho. Autores como Passos, Sánchez, Latourelle, Almeida também são nomes que comporão nossa pesquisa. Todos os autores aqui citados serão retomados ainda neste capítulo, com suas respectivas obras e sua utilização dentro deste estudo.

### *1.1.2 O Espírito Santo e o carisma marista na governança do Irmão Basílio Rueda*

Do impulso fundador de Marcelino Champagnat, tocado pelo Espírito, dom distribuído à Igreja, faz-se necessária uma readequação, uma leitura dos sinais dos tempos, a partir dos novos acontecimentos:

Renascimento – Termo usado em certas ocasiões pelo Senhor e em seus discursos e por São Paulo ao falar das Igrejas- talvez seja este o mais adequado para descrever o estado atual da vida religiosa. Não sei se os Padres Conciliares e os próprios redatores do Capítulo VI da Constituição dogmática *Lumen Gentium* e do Decreto *Perfectae Caritatis* teriam previsto as consequências eclesiais da metamorfose que iam desencadear na vida religiosa. Hoje, a poucos anos de distância do encerramento do Concílio, podemos afirmar categoricamente: estamos assistindo a mudança tão profunda que, pela dinâmica das coisas, ultrapassa o conteúdo do mandato conciliar. Exprimindo esta afirmação, não pretendo de maneira alguma formular juízo favorável ou desfavorável sobre o fato, limitando-me simplesmente a registrá-lo. (IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. 1971, p.334).

Convém ressaltar que o Irmão Basílio Rueda, superior geral no Pós-Concílio, foi responsável por iniciar essa reforma, uma verdadeira renovação no Instituto, a qual deu em documentos e no testemunho pessoal, o que ajudou a penetrar no mundo todo, por meio da vida Marista, o tão pedido *aggiornamento*.

Os carismas são apresentados como um modo pelo qual o povo também participa da 'função profética de Cristo', de modo que os diversos carismas possibilitam a adesão à fé de modo a penetrá-la 'com mais profundidade' e aplicá-la 'mais totalmente na vida'. (VILLAS BOAS, 2015, p. 79).

Assim como o Espírito suscitou o Concílio, não iria deixar de suscitar pessoas na Igreja que fossem sinal de que essas mudanças eram possíveis, benéficas e necessárias e também seriam o sinal da continuidade da Igreja. Frente a isso, do Instituto Marista, surge o Ir. Basílio Rueda, como sinal para o próprio Instituto, para a Vida Religiosa e conseqüentemente para a Igreja.

Basílio Rueda é um daqueles homens que Deus coloca no meio de nós com a finalidade única de nos mostrar que, de tempos em tempos, Ele se manifesta no meio de nós enviando verdadeiros profetas, homens que por sua delicadeza ao Espírito conseguem enxergar além do tempo presente. (GRUPO MARISTA, 2015, p. 8).

Para explicitar melhor a metodologia deste trabalho, na atenção aos documentos frutos do Vaticano II e na análise dos escritos do Irmão Basílio, destacam-se sete temas, que utilizaremos como categorias de análises, sugerindo como que "óculos de leitura" para a adequação do Instituto ao Vaticano II: a oração, a comunidade, a caridade, Maria, a missão/ apostolado, os conselhos evangélicos e o testemunho. Estes elementos serão apresentados e estudados de uma forma mais sistemática no próximo capítulo.

Para essa adequação, o Irmão Basílio fez inúmeras viagens, durante as quais sempre atendia os Irmãos, ou seja, queria falar, olhar, e ajudar a cada um na sua individualidade.

A conveniente renovação da vida religiosa comporta uma volta constante às fontes de toda a vida cristã, à inspiração original de cada um dos institutos religiosos e à sua adaptação as condições dos tempos que mudaram. Essa renovação deve ser feita sob o impulso do Espírito Santo e sob a orientação da Igreja. (PC 2).

Além do mais, foi Irmão Basílio quem deu encaminhamento à renovação das Constituições pedidas pelo Concílio, e esteve à frente dos trabalhos desde os primeiros ensaios, até a aprovação pela Santa Sé. Ele escreve na apresentação das novas Constituições: "As *Constituições* que os apresentamos, são, pois, um resultado excepcionalmente importante do Capítulo, e a maneira

de simbolizar a renovação que o Instituto pretende pôr em prática, sob a nova luz” (DC p.10).

Traçando um paralelo entre os documentos conciliares (*Lumen Gentium*, *Perfectae Caritatis* e *Ad Gentes*) e as circulares do Irmão Basílio sobre a oração, vida comunitária e a Carta Circular sobre o Espírito do Instituto, será possível constatar como se deu a recepção dessa teologia carismática junto aos Irmãos Maristas:

A renovação eficaz e a adaptação conveniente não se podem obter sem a colaboração de todos os membros do Instituto. Estabelecer, porém, as normas e dar as leis desta renovação, assim como das possibilidades para uma suficiente e prudente experiência, pertence somente as autoridades competentes, sobretudo aos Capítulos Gerais, salva a prorrogação da Santa Sé ou dos Ordinários de lugar, quando for necessária segundo as normas de direito. Todavia, os superiores, nas coisas que dizem respeito a todo Instituto, consultem e ouçam os seus súditos de modo conveniente. (PC 4).

Também se fará uso de Documentos Capitulares, documentos oficiais do Instituto, e de autores como Bigotto, Strobino, Lanfrey, o próprio Basílio Rueda e de instituições como o Memorial Marista, UMBRASIL, que produzem um significativo material de patrimônio espiritual marista.

Com esses materiais, poderemos deslumbrar os primeiros 16 anos do Instituto Marista, depois do Concílio. A vontade de abraçar o mundo, ajudar os Irmãos e a missão a continuar foi o dom oferecido à Igreja pelo Irmão Basílio. Após seu primeiro mandato com início em 1967, foi reconduzido ao cargo, permanecendo até 1985. Irmão Basílio morreu em 1996, cumprindo sua missão. Como ele mesmo dizia: era preciso “queimar a vida por Cristo. Fazer a aurora nascer!”

### *1.1.3 O Espírito Santo e o carisma marista no seu bicentenário*

Convém ainda escrever sobre os desdobramentos desses mandatos, ou seja, depois de 50 anos do Concílio Vaticano II e do XVI Capítulo Geral, com a festa dos 200 anos de fundação do Instituto Marista e a celebração do XXII Capítulo Geral no ano de 2017. Esses acontecimentos possibilitaram avaliar a trajetória do Instituto e apresentar a Irmãos, leigos e leigas esse caminhar na

história que nos torna únicos e impele-nos a continuar a missão de Cristo nas nossas realidades.

Sob o lema “Um novo Começo”, o Instituto celebrou seus 200 anos. A preparação para esse jubileu deu-se no decorrer desses últimos 50 anos. Cada superior geral, desde o Irmão Basílio, trouxe alguma novidade construindo a implementação do Concílio. O documento sobre a Espiritualidade Marista (Água da Rocha) faz referência à reforma da casa de L’Hermitage, bem como da casa de La Valla (fundação), entre outras.

No entanto, o que mais floresce é a aceitação da vocação laical dentro do Instituto. Acreditamos que, depois de tanto tempo reorganizando a vida religiosa, agora é a vez da organização laical dentro do Instituto. A leitura, ainda dos textos do Concílio, expresso no Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA), fruto do capítulo IV da *Lumen Gentium* (LG), levou-nos a entender que:

O Cristo Senhor, constituído pontífice entre os homens (Hb 5,1-5), fez do novo povo ‘um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai’ (Ap 1,6;5-9-10). Os batizados são consagrados pela regeneração e pela unção do Espírito Santo. Todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na luz admirável (1Pd 2, 4-10). (LG 10).

Sendo assim, criou-se o documento sobre participação dos leigos e leigas no carisma marista (*Em torno da mesma mesa*), afinal, carisma é dom para a Igreja. Não é de exclusividade dos Irmãos, pois foram os primeiros administradores a quem o Espírito confiou este tesouro, que deve ser compartilhado. Por fim, no mandato do Irmão Emili Turú, foi criada a nova nomenclatura para se referir aos Leigos e aos Irmãos: Maristas de Champagnat.

Na comunhão eclesial, o Espírito fez brotar, entre os leigos, carismas que nasceram, originalmente, em institutos religiosos. O dom do carisma compartilhado inaugura um novo capítulo, rico de esperanças, no caminho da Igreja. O mesmo aconteceu conosco, os maristas. O carisma de São Marcelino Champagnat se expressa em novas formas de vida marista. Uma delas é a do laicato marista. (UMBRASIL, 2010, p. 17).

Além desses documentos, serão consultados Ost, Furet, Green, Martínez e novamente Lanfrey, autores maristas que estão referenciados e indicados na parte do capítulo que segue. A investigação será balizada nestes três pontos: a

nova relação entre vida religiosa, carismas e vivências; a aceitação e a adequação junto à vida marista; como este processo está dando-se na atualidade.

## 1.2 FONTES ACESSADAS

Ao recolher as fontes para o trabalho, seguindo o projeto de pesquisa, optou-se por três divisões bibliográficas, que acompanham a metodologia de divisão dos capítulos, fontes primárias, secundárias, específicas e gerais. Cada divisão comporta obras que são fundamentais na construção do trabalho.

### 1.2.1 Vaticano II, sua história e a vida religiosa em debate

No primeiro item, temos as referências que nos ajudarão a acessar a teologia dos carismas, proposta pelo Concílio Vaticano II, especialmente concernente à Vida Consagrada, nos documentos conciliares e nos documentos que complementam o Concílio.

#### **Fontes primárias:**

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio*: sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do Concílio. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1971.

Após o término do Concílio e da promulgação da declaração *Perfectae Caritatis*, foi necessário um documento mais substancial que ajudasse a Vida Religiosa na sua renovação. Era preciso um documento que ajudasse a não cometer equívocos e que facilitasse a assimilação da proposta do Vaticano II. Pode-se dizer que é um anexo ao documento conciliar.

CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Este compêndio contém as mensagens, discursos e os documentos do Concílio, desde sua preparação imediata até a sua conclusão. Dele serão

analisadas, com mais afinco, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* - sobre a Igreja e o Decreto *Perfectae Caritatis* – sobre a renovação da Vida Religiosa.

### **Fontes secundárias:**

BARAÚNA, Guilherme. *A igreja do Vaticano II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1965.

Este livro é um comentário muito preciso sobre o Concílio Vaticano II. Os temas que serão utilizados vão desde o melhor entendimento sobre assuntos basilares da vida da Igreja e aos mais importantes ao nosso trabalho como os “Dons Espirituais”, “Vocação Universal a Santidade”, “Os Religiosos na Igreja”, “O lugar dos Religiosos na estrutura da Igreja”, e, para a Congregação Marista também se faz importante na sua compreensão “Maria Tipo e Modelo da Igreja”.

LATOURELLE, R. (org). *Vaticano II: balance y perspectivas- veinticinco años despues (1962-1987)*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990.

Apesar de ser publicada após o período base do trabalho, esta obra está dentro dos limites da definição da pesquisa. O texto é escrito em espanhol e aborda grandes temas relacionados à imediata assimilação do Concílio. Dela se utilizará o apanhado sobre o contexto histórico, sobre Carismas dos fundadores e Vida Consagrada (e por que não dos refundadores/reformadores, como é o caso de Basílio Rueda), o valor dos Conselhos Evangélicos e a revisão das Constituições pedidas pelo Concílio, que Basílio Rueda iniciou no seu primeiro mandato e concluiu no seu segundo mandato.

SANCHIS, Antonio. *La vida religiosa em el mistério trinitário*. Salamanca: Secretariado Tinitario, 1967.

Da coleção *Trinidad y Vida*, o volume 6 trata exatamente da Vida religiosa no mistério Trinitário, a partir das leituras do então recente Concílio. Com temas importantes como “O Espírito na Vida Religiosa” e “Vida comum religiosa, vida de família, sinal da imagem da Trindade”, este livro entra em sintonia com os esforços de revitalização de Basílio Rueda, incididos a partir da Vida comunitária.

### Referências bibliográficas específicas:

ALBERIGO, G. et al. *O catolicismo rumo à nova era- O anúncio e a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962)*. Vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Consiste em um texto de cunho histórico que ajudará na explicitação da preparação do Concílio e o ambiente em que foi gestado.

ALMEIDA J.; MANZINI R.; MAÇANEIRO M. *As janelas do Vaticano II – A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida, SP: Editora Santuário 2013.

Nesta obra os organizadores fizeram um comentário, de forma geral, porém profunda de todos os temas tratados no Concílio. Para esta pesquisa, serão utilizados os comentários sobre a *Lumen Gentium* e sobre a *Perfectae Caritatis*, os quais também serão úteis para último capítulo, que diz respeito ao ecumenismo, à liberdade religiosa e aos leigos e leigas na Igreja.

DÍEZ, Felícimo Martínez. *Vida Religiosa- Carisma e missão profética*. São Paulo: Paulus, 1995.

Após 30 anos da abertura do Concílio, muitas questões estavam andando; outras ainda causavam desconfiança. O autor em questão aborda este assunto para ajudar a esclarecer alguns pontos, dentre os quais destacam-se: “Seguimento e missão”, “Venha o Espírito para tempos de inverno”. Por se tratar de uma abordagem fora de nossa cronologia, ajudará no desenvolver histórico comparativo, bem como será útil no último capítulo.

GONÇALVES, Paulo S. L.; BOMBONATTO, Vera I. (orgs.). *Concílio Vaticano II – Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

Trata-se de uma obra atual e com grande enfoque na recepção do Concílio na América latina e caribenha. Dará aporte a algumas questões históricas e ajudará na definição de alguns temas, que, trazidos à atualidade e à cultura local, são mais bem compreendidos.

LORSCHIEDER, A (et al). *Vaticano II – 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

Trata-se de um livro que faz uma releitura da história do Concílio, especialmente o significado da palavra *aggiornamento* e o que ela significou à Igreja. Também aborda pontos específicos como serviço, missão, povo de Deus e faz um apanhado sobre a Teologia do Concílio, temas que podem ser muito úteis ao trabalho.

PASSOS, João; SANCHEZ Wagner (Coords.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2015.

É um dicionário temático elaborado para a comemoração dos 50 anos de conclusão do Concílio. Sendo um dicionário, é muito prático e de extrema ajuda na compreensão e conceitualização de alguns temas e termos, como, por exemplo: Carisma, Espírito Santo, religiosos. Também aborda os documentos *Lumen Gentium* e *Perfectae Caritates*, importantíssimos a nossa pesquisa.

RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. *Dicionário teológico da vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994.

Será um grande instrumento, pois define os verbetes a partir do prisma da vida religiosa. É uma obra rica e de muito sentido para o trabalho que nos dedicamos a fazer. Integram aos organizadores outros teólogos e teólogas de renome teológico e na teologia da vida consagrada.

SECONDIN, Bruno. *O perfume de Betânia – A Vida Consagrada como mística, profecia, terapia – Guia para a leitura da exortação apostólica Vita Consecrata*. São Paulo: Loyola, 1997.

Como já esclarecido no título da obra, esta bibliografia quer ser um guia para a leitura e entendimento da exortação *Vita Consecrata*. De fundamental importância, ela conduz-nos a uma leitura mais clara e compreensiva deste documento que é abordado diretamente no nosso trabalho.

UMBRASIL. *Utopias do Vaticano II- Que sociedade queremos? – Diálogos*. Brasília: UMRASIL; São Paulo: Paulinas, 2013.

Livro elaborado a partir da iniciativa do Irmãos Maristas em nível de Brasil, traz uma visão de fácil compreensão sobre os principais temas conciliares. Apresentado em forma de diálogos, esclarece algumas questões e apresenta

uma visão arejada sobre os assuntos discutidos. A Igreja, Maria, Vida Religiosa e a vocação laical são os temas que mais nos interessam.

#### *Fontes do Magistério:*

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*. Vaticano: 1996.

Passados 30 anos do Concílio, a Igreja organiza um sínodo para discutir a Vida Religiosa, fazendo uma avaliação da recepção dos mandatos conciliares. A partir desse grande encontro, das discussões e constatações, surge esta exortação, que ajuda a compreender melhor alguns processos e quais ainda precisam ser reforçados.

#### **Referência bibliográfica geral:**

ALMEIDA, Antônio José. *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989.

Este livro ajuda-nos na compreensão da atuação do Espírito Santo, na vida não ordenada na Igreja, e, a partir daí a fazer alguns paralelos com o ministério de superior geral de uma congregação religiosa laical. Dessa forma, pode-se contribuir para legitimar os rumos encaminhados por Basílio Rueda.

AMARAL, Luciano. *Dons espirituais de serviço*. São Paulo: Loyola, 1993.

Texto que esclarece melhor o tema dos Dons. São elencados 12 na tentativa de criar paralelo desses dons, repaginados pelo Concílio nas pessoas que estiveram à frente dos processos de adequação do Instituto. Com este texto, a intenção também é de legitimar as decisões tomadas pelos Superiores gerais pós-Concílio.

FALVO, Serafino. *O despertar dos carismas - uma surpresa maravilhosa para a Igreja hoje*. São Paulo: Paulinas, 1976.

Este livro entra nesta seção porque foi escrito na época delimitada no trabalho e desmistifica a questão dos carismas de forma em geral. São temas importantes como “Carismas e santidade”, “Os carismas são para todos”,

“Distribuição dos carismas”, que podem ser úteis para compreender a fundação e os *insights* de Basílio Rueda.

### 1.2.2 Pós-Concílio e a renovação no Instituto Marista

Com esta bibliografia, pretende-se examinar e apresentar, de forma sistemática, como os Instituto dos Irmãos Maristas recebe a teologia dos carismas no Pós-Concílio, nos mandatos de Superior Geral do Irmão Basílio Rueda, início da tão esperada renovação que volta às fontes.

#### **Fontes primárias:**

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *CIRCULAR Nº 2 – Sobre a Vida Comunitária*. Vol. XXV. Roma, 1970.

Esta circular é a que mais revela os planos do Ir. Basílio na renovação do Instituto. Ele sente que as mudanças devem começar pela vida comunitária, visto que a missão marista no mundo ia muito bem. Esta Circular aborda o tema específico da renovação da Vida Comunitária na sexta parte sobre os tópicos: “situação atual”, “em que deve consistir na renovação” e “como fazer a renovação”.

IRMÃOS MARISTAS DA ESCOLAS. *CIRCULAR Nº 3- Sobre o Espírito do Instituto*. Vol. XXVI. Roma, 1975.

Esta Circular foi escolhida como uma das mais importantes por ir diretamente ao tema do trabalho: O Espírito do Instituto. Nela Basílio trata especificamente sobre o Carisma do Instituto, sua espiritualidade e os desdobramentos destas questões na vivência. Ademais, apresenta-nos a simplicidade, a modéstia e a humildade como caminho para alcançarmos tal objetivo.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *CIRCULAR Nº 4- Sobre a Oração*. Vol. XXVII. Roma, 1982.

Esta Circular foi originada a partir de uma Circular enviada aos Provinciais, que, por pedido, foi estendida a todos os Irmãos do Instituto. Elaborada a partir

de alguns princípios, seguida de um apanhado histórico acerca da realidade, e, num terceiro momento, por onde caminhar e como caminhar, deu grande ajuda aos Irmãos a respeito de sua visão de como implantar os mandatos do Vaticano II na Congregação.

*\_Nossos superiores gerais: biografia dos superiores do instituto dos Irmãos Maristas, de 1839 A 1993. Memorial Marista. Curitiba: PUCPRESS, 2019.*

Este livro relata a história de vida e na Congregação Marista dos superiores gerais que já faleceram. A parte correspondente ao Irmão Basílio foi escrita pelo Irmão José Flores e corresponde às páginas 553 a 617. A obra será usada como base para a biografia do Irmão e para tecer paralelos entre sua missão e a implementação do Vaticano II.

#### **Fontes secundárias:**

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *Documentos capitulares- XVI Capítulo General*. Zaragoza: Editorial Luis Vives, 1979.

Este documento é o compêndio dos documentos produzidos, no XVI Capítulo Geral, no ano de 1968. É o primeiro esboço sobre para aonde a Congregação deveria seguir, visto que o mundo vivia a construção do Vaticano II. Foi neste Capítulo que o Ir. Basílio fora eleito, portanto os trabalhos tiveram já a sua condução desde sua eleição para o mandato. Muitas respostas e linhas de recepção serão encontradas neste documento.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *Circular nº 5- A criatividade na oração comunitária*. Vol. XXV. Roma: 1973.

Esta Circular é um apêndice da Circular Prática sobre a oração. Contém poucas páginas, no entanto, complementa a linda circular sobre a oração.

#### **Fontes bibliográficas específicas:**

BIGOTTO, Giovanni. *Ir. Basílio Rueda Guzmán - Homem de Deus*. Cadernos Maristas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, postulação junto à causa dos santos. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2003. Este material originou um livro de mesmo

nome, que está dividido em dois volumes. O primeiro volume que contempla os cadernos de 1 a 4 já foi lançado e utilizado neste trabalho.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *Circular- Constituições e Estatutos, nossa regra de vida*. Vol. XXIX. Roma: 1986.

Esta circular foi escrita pelo Irmão Charles Howard, sucessor de Basílio Rueda. Sendo assim, fora do tempo estipulado para o trabalho. No entanto, ela comunica a aprovação definitiva das Constituições e Estatutos, que foram solicitados pelo Vaticano II, e que foram elaborados e adequados nos 16 anos de mandato do Ir. Basílio.

RUEDA, Basílio. *Apologia e desmitização da vida comum*. São Paulo: Paulinas, 1973.

Após a grande eficácia e abrangência da circular sobre a vida comunitária, o Irmão Basílio foi convidado a tornar seu escrito universal. Também foi convidado a participar da coleção “Eu sou aquele que serve”, no âmbito da vida comunitária. O livro é basicamente a Circular a ser estudada, com alguns ajustes para tornar acessível à Vida Religiosa.

RUEDA GUZMÁN, Basílio. *Proyecto Comunitario*. Madrid: Instituto Teológico de Vida Religiosa, 1981.

Seguindo a tradição marista de elaboração de um projeto comunitário, o Ir. Basílio enviou uma circular adequando a elaboração deste projeto as novas realidades que estavam surgindo no Pós-Concílio. Desta vez, convidado pelo Instituto Teológico de Vida Religiosa, adequa a sua Circular como Superior Geral a toda a vida consagrada e recebe uma publicação. Este livro pode ajudar-nos a descobrir traços da recepção dos carismas na vida comunitária, a partir do projeto dessas novas comunidades que surgiam após o Concílio.

SITE: <http://champagnat.org/530.php?b=Basilio&p=179>. Site oficial do Instituto dos Irmãos Maristas. Contém vários documentos e produções específicas sobre o Ir. Basílio, desde suas circulares, escritos e testemunhos sobre ele, e também os escritos posteriores sobre seus mandatos como superior geral e sobre sua biografia. Além desse material, encontram-se nele todas as

atas da postulação geral para seu processo de canonização. A intenção é encontrar, nestes materiais, a teologia do carisma do Vaticano II na vida de Basílio Rueda.

#### **Fonte bibliográfica geral:**

FURET, Jean Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo –SP: Edições Loyola, 1999.

É um texto escrito para não deixar perder-se a vida e feitos do fundador. Essa obra trouxe a fundação até os dias de hoje. Ela contribuirá neste trabalho para as questões comparativas antes do Concílio e o Pós-Concílio.

GRUPO MARISTA. *Carta sobre a Oração- Ir. Basílio Rueda/Ir. Ivo A. Strobino*. Curitiba, PR: Editora Champagnat, 2015.

Texto de publicação atual que reflete alguns trechos dos escritos do Ir. Basílio. Ele foi baseado na carta sobre a oração que está sendo estudada como fonte primária em nosso trabalho.

#### *1.2.3 Bicentenário Marista na perspectiva do Vaticano II e do Irmão Basílio Rueda*

Nesta última seção, a bibliografia irá ajudar-nos a escrever sobre atualidade. O Instituto dos Irmãos Maristas, que recebe a teologia Conciliar – mediante os documentos de Irmão Basílio Rueda – faz um processo histórico, chegando ao bicentenário. É um período de avaliação, ação de graças e perspectiva de continuidade.

#### **Fonte primária:**

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *Constituições e Estatutos*. Roma: Gráfica Guidonia, 2010.

Sendo aprovada, em 1986, a versão definitiva, após a readequação do Vaticano II, a versão atual sofreu pequenos ajustes e alterações nos Capítulos Gerais de 1993, 2001 e 2009. No entanto, carregam as adequações sofridas, e

são o melhor material para descrever a atualidade da Congregação Marista nas mais variadas áreas, inclusive a que nos propomos a estudar.

TURÚ, Emili. *Circulares dos Superiores Gerais- Instituto dos Irmãos Maristas*. Tomo 32 (2009-2017), Circulares 412 a 419. Roma: 2017.

Este é um compêndio das últimas Circulares escritas pelo Irmão Emili Turú, superior Geral que preparou e esteve à frente do Instituto na entrada do bicentenário. Dessas Circulares duas serão de grande utilidade: Deu-nos o nome de Maria e a convocação ao XXII Capítulo Geral Um novo La Valla. Conta-se também com as Circulares preparatórias aos 200 anos: Montagne, Fourvière e La Valla.

### **Fontes secundárias:**

OST, Pedro. *Uso evangélico dos bens*. Porto Alegre: Editora CMC, 2009.

Contribuição pessoal do Ir. Pedro às províncias, ou a quem precisar sobre o tema do uso evangélico dos bens, que já fora discutido por Basílio Rueda, mas que havia se perdido nos mares de prioridades dadas nas primeiras décadas pós Concílio. Muito nos interessa o tema sobre o uso evangélico dos bens e Carisma, bem como o dos talentos.

UMBRASIL. *Água da Rocha – Espiritualidade Marista fluindo na tradição de Marcelino Champagnat*. Brasília, DF: UMBRASIL, 2008.

Depois de longa data, foi preciso escrever o que afinal seria uma espiritualidade Marista vinda da tradição de Champagnat e que passou pelas profundas transformações do Concílio, chegando à atualidade em várias partes do mundo. É um documento essencial para aglutinar até onde se andou, e também o que se pensa sobre o tema hoje.

UMBRASIL. *Em torno da mesma mesa - a vocação dos leigos maristas de Champagnat*. Brasília, DF: UMRASIL, 2010.

Este documento surge da nova confirmação que se quer dar ao Instituto. Por ser um instituto religioso laical, pretende-se abrir as portas aos leigos que querem partilhar a espiritualidade Marista, tornando assim o Carisma mais

universal possível, entregando-o à Igreja e à sociedade de forma mais abrangente.

### **Referências bibliográficas específicas:**

BARRIO, Juan J. *A vitalidade do programa educativo Marista, 1840-1993*. Coleção Carismas e princípios educativos Maristas V. 2. Curitiba: FTD, 2017.

É um livro que abrange grande parte da existência do Instituto. Aborda temas como a herança do carisma de educador, o período do Concílio e os dois mandatos de Basílio como superior Geral: do carisma do fundador ao carisma do Instituto.

GREEN, Michel. *A educação Marista a partir de 1993 – sua vitalidade e seu potencial para a criação de uma nova realidade*. Coleção Carismas e princípios educativos Maristas. Vol. 3. Curitiba: FTD, 2017.

Muitas questões já estão amadurecidas, mas é possível falar e vislumbrar alguns elementos com mais propriedade, e esse livro é essa atualização. Há temas importantes como: escola Marista como parte da missão da Igreja na educação, a redefinição da espiritualidade, nossa localização na Igreja e a preparação aos 200 anos.

MARTÍNEZ ESTAÚN, Antônio. *Pedagogia da Presença*. Curitiba: Grupo Marista, 2014.

O autor aborda e defende a tese de uma pedagogia Marista que se cria com o passar dos anos. A importância do livro é dada por partir sempre da via carismática do Instituto como: “um Carisma educativo”, “a presença do Carisma Marista”, “um Carisma para todas as dioceses”. A obra pode oferecer muitas chaves de leituras e abrir outras possibilidades de pesquisa.

TAYLOR, J; ESTAUN, A.; DRUILLY, F. *Herdeiros da Promessa*. Curitiba: Grupo Marista, 2015.

É um pequeno livro que relembra a promessa realizada por Marcelino e seus companheiros recém-ordenados para a fundação da Sociedade de Maria,

fazendo um paralelo com a atualidade, como vivemos esta promessa como herdeiros deste Carisma.

### **Referência bibliográfica geral:**

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Identidade e missão do religioso irmão na Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

Documento gerado a partir da necessidade de esclarecer melhor a Igreja, as próprias Congregações e a sociedade em geral sobre a missão, a vocação e importância do religioso leigo na Igreja. Este documento pode ajudar-nos no esclarecimento de termos, e sobre alguns aspectos de vivências na Congregação na atualidade. De certa forma, trata-se de um documento que faltou nesses 50 anos pós o Vaticano II.

LANFREY, Ir. André. *Introdução à Vida de M. J. B. Champagnat*. Brasília, DF: UMBRASIL, 2011.

Uma grande chave de leitura ao documento da vida do fundador. Com conceitualização histórica e outras chaves de leitura e testemunhos, o autor desmistifica o Fundador e os primeiros Irmãos, tornando-nos mais próximos. Pode ajudar-nos a entender alguns processos e a tradição que carregamos até os dias atuais.

UMBASIL. *Calendário Religioso Marista: 2017*. Brasília: UMBASIL, 2018.

Subsídio diário utilizado nas orações dos Maristas de Champagnat. Lembra fatos, acontecimentos, datas do Instituto, bem como algumas chamadas como que chaves de espiritualidade que nos remete a um documento que pode ser útil.

## **CAPÍTULO 2**

### **O CONCÍLIO VATICANO II E A VIDA CONSAGRADA NA IGREJA**

Um Concílio é um tempo de graça, pois nele são tomadas decisões que mudam o peregrinar da Igreja, a atualizando na história, sem perder de vista sua razão escatológica de ser. No Vaticano II não foi diferente, visto que mudanças foram necessárias, e precisaram ser implementadas. A vida religiosa, como Igreja, também teve que se reconfigurar e redescobrir seu lugar entre o Povo de Deus.

Descrever, mesmo que, de forma resumida, o contexto, a história e os documentos Conciliares, irá ajudar-nos a entender melhor o capítulo que segue, as iniciativas tomadas pelo Irmão Basílio Rueda para a renovação no Instituto Marista e a extensão que teve o evento Vaticano II nesse processo.

Com este capítulo, queremos deixar claro que a renovação proposta pelo Vaticano II não se deu na realização temporal do Concílio. Foi um acontecimento gerado por situações eclesiais, sociais e teológicas. Durante sua realização, houve debates e percepções diferentes a respeito de temas. Em decorrência disso, um grande discernimento foi necessário. E, por fim, a parte que, apesar de passados mais de 50 anos, ainda buscamos assimilar, que é tornar a Igreja cada vez mais renovada, numa leitura fiel aos sinais dos tempos.

Um segundo olhar é sobre a vida religiosa, que não ficou alheia a todo esse processo, pois precisou adaptar-se como Igreja e especificamente como vida religiosa a esse novo vislumbre de Igreja que se apresentou. E por consequência, os Maristas de Champagnat, que na pessoa do Irmãos Basílio Rueda, que não terá maior desfecho neste capítulo, tiveram seu grande

estimulador e propagador da teologia conciliar. Faz-se necessário, no entanto, lembrar que ele acompanhou todo este processo e acreditou nele, só assim pode ser possível a sua colaboração para a Igreja na vida religiosa Marista para recepção pedida pelo Concílio.

## 2.1 A PREPARAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II

Desde o início do século XIX, a Igreja sentia-se desprotegida, quase que sem direção com as mudanças que a sociedade vinha sofrendo. Com a industrialização, as independências das colônias, a Igreja ia perdendo seu poder temporal. Isso era novidade e assustava a muitos líderes religiosos. Por isso, a Igreja precisava urgentemente dar uma resposta.

Martina (1990) elenca-nos dois pontos que, segundo ele, agitavam a administração da Igreja: A “extinção do colonialismo”, que na América do Sul começou nos anos de 1800, e já no final do século ocorria na Ásia e na África; a “descolonização”, as lutas pelas hegemonias nacionais e as afirmações das culturas locais. Nos países já afirmados socialmente, a migração às cidades e o inchaço populacional deram um novo ar às sociedades.

Para acompanhar essas mudanças, a alternativa foi convocar o Concílio Vaticano I. Porém o enfoque dado a esse Concílio era o de garantir o poder da Igreja e também garantir que as almas continuassem a serem salvas pela Igreja. Mas as mudanças que ocorriam de forma nova e veloz fizeram o Concílio Vaticano I encerrar suas atividades em 1870, mesmo sem ter sido acabadas as discussões. O Concílio Vaticano I não teve seu fim declarado devido à guerra franco-prussiana. Quando houve possibilidade de retorno muitas coisas discutidas já não se faziam passíveis de discussão.

A revolução industrial continuava a trazer inovações e, para entendê-las, eram necessárias novas abordagens. A industrialização não só aumentou a produção de bens de consumo já existentes, mas também introduziu novos. Não era a revolução do carvão ou do ferro, apesar de estes produtos permanecerem fundamentais. Depois de 1870, inicia-se a idade da eletricidade, do petróleo e da química. (SOUZA, 2005, p.17)

Essas mudanças causaram as duas grandes guerras, que reconfiguram as relações, territórios e a Igreja em todo o mundo. Todos os papas, desde Pio

IX, empenhavam-se em manter a homogeneidade da Igreja e sua superioridade como instrumento de salvação, inclusive com oposições profundas às novas formas de teologia que iam surgindo entre as massas. Nesse turbilhão chega ao pontificado Pio XI, cuja preocupação era:

Cada vez maior, com a Igreja envolvida num mundo de agitações e tensões explica, em parte, por que Pio XII começou a centralizar o governo em suas mãos. Pacelli via na exposição da doutrina da Igreja em face de muitos problemas do mundo moderno sua missão mais importante. (SOUZA, 2005, p.22).

No entanto o mundo sentia seu novo alvorecer, e as tendências tridentinas ficavam cada vez com minorias de religiosos. Movimentos como dos padres operários e a exegese bíblica, em relação à ciência bíblica, implementada pelos protestantes davam um novo ar à vida Católica. Portanto, era necessária uma atualização.

A exegese bíblica, que ficara para trás em relação a ciência bíblica protestante, aprendeu dessa última o aproveitamento das ciências auxiliares, como, por exemplo, a linguística, a arqueologia e a ciências comparadas as religiões. Outro fator importante foi o reencontro com os santos padres e o estudo da história eclesiástica, que beneficiaram a dogmática e o movimento litúrgico. A influência do pensamento medieval de Tomás de Aquino deu lugar a um diálogo com o existencialismo moderno e a filosofia fenomenológica. O jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) empreende uma tentativa inédita de conciliar fé e ciência: sua visão evolucionista do mundo e da humanidade inspirou uma nova e mais ampla inteligibilidade da existência Humana, também em sua dimensão religiosa. (SOUZA, 2005, p.22).

Convém ressaltar que nem tudo pode ser considerado como negativo no pontificado de Pio XII, pois alguns movimentos alimentaram a necessidade de mudanças dentro da Igreja, sinalizando que as futuras mudanças deveriam ser profundas e na área pastoral.

Diversas iniciativas resultaram enormemente positivas: no campo cultural, o concernente as escavações na tumba de Pedro, no Vaticano (1940-1950) e, no campo pastoral, a introdução das missas vespertinas, a mitigação e a quase abolição do jejum eucarístico, o reestabelecimento, depois de quase dois milênios, da Vigília Pascal, como também a solida abertura das diretrizes para a formação dos seminaristas com a *Menti Nostrae* de 1950, e o impulso dado aos institutos seculares. (MARTINA, 1990, p.32).

Pio XII falece em outubro de 1958, depois de passar por longa enfermidade. E então é eleito ao papado o patriarca de Veneza, cardeal Angelo Roncalli com 77 anos, que adotou o nome de João XXIII.

A Igreja vinha de um modelo centralizador, por meio da Intervenção Romana, com a eleição de Roncalli, em idade bastante avançada, a ideia geral era de que seria um papado de transição. Para que o colégio dos cardeais tivesse mais tempo para discernir um possível nome para encerrar as mudanças com prudência, ou que fosse rígido em manter o que se tinha até então.

É evidente que nessas circunstâncias boatos começaram a correr. Alguns afirmavam que o conclave o havia escolhido porque não havia entrado em acordo sobre outro candidato mais qualificado. Teria sido uma aliança entre cardeais conservadores e progressistas. Tendo em conta sua idade avançada e seu anonimato, tudo levava a pensar que sua eleição era uma ideia aceitável. (SOUZA, 2005, p.24).

Mas o que se vê, a partir de então, é que João XXIII não perdeu tempo com o cargo e poder a ele confiado, e, sim, foi um papa de transição. Não como o que se esperava, que fizesse a suave passagem de pontificados, mas foi o papa de transição de modelo de Igreja.

Logo vieram as surpresas, não só pela 'jovialidade' e simpatia, muito diferente de Pio XII, mais por seu projeto: convocar um Concílio. Três meses depois de ocupar a Cátedra de Pedro, em janeiro de 1959 após uma missa pela unidade dos cristãos, celerada na Basílica de São Paulo Extramuros, revelou sua intenção de iniciar durante o seu pontificado uma ampla reforma na Igreja por meio de um concílio ecumênico. (SOUZA, 2005, p.24).

A dúvida que pairou era de que esse concílio seria a sequência do Vaticano I. Mas João XXIII expressava em seus discursos que era necessário limpar a atmosfera da Igreja que há séculos tinha obscurecido o que de mais lindo e essencial a Igreja tinha a oferecer.

A mais importante contribuição, por parte da Igreja, para a unidade e a tarefa essencial do Concílio seria o programa mencionado por João XXIII: *aggiornamento*. Uma atualização da Igreja, uma inserção no mundo moderno, onde o cristianismo deveria se fazer presente e atuante. O ponto fundamental dos seus discursos estava na explicação clara das falhas da Igreja e na insistência da necessidade de mudanças profundas. (SOUZA, 2005, p.24).

Essas atitudes alcançaram o mundo todo, gerando preocupações por parte de alguns e entusiasmo por parte de outros. Fato é que os seus discursos fizeram com que o mundo voltasse os olhos ao velho e jovial João XXIII. A própria Cúria, o clero, os religiosos, leigos, cristãos e não cristãos, queriam saber quais mudanças a Igreja iria oferecer à sociedade que se modernizava.

É surpreendente que, apesar da secularização difusa- pelo menos no Ocidente- que tornava incerta a própria noção de “concílio”, o anúncio de João XXIII tenha suscitado na opinião pública uma onda de atenção, interesse e, sobretudo, expectativas. Não foi induzido pelos grupos divergentes, vimos que esses se mantiveram cautelosos e às vezes desconfiados e desconcertados pela surpresa. Ao invés, o povo – fiéis e não fiéis, católicos e não católicos- perceberam na iniciativa do velho pontífice um ato carregado de significado. (ALBERIGO et al., 1996, p.48).

Depois de um curto período, instituiu-se o nome: Vaticano II, pondo fim à polêmica que seria a reabertura do Vaticano I, suspenso em 1870. Tratava-se de um Concílio novo, tendo grandes possibilidades de deixar o que não convinha mais. João XXIII deixou claro, em suas intenções, que o Concílio seria de mudanças pastorais, que focavam no modo como agir numa sociedade que mudava muito num rumo sem voltas. Esse sentimento é manifestado na Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para a convocação do Concílio:

O Concílio Ecumênico acontece felizmente num momento em que a Igreja se dedica a robustecer sua fé com forças renovadas e reencontrar novos caminhos de unidade. Sente, ao mesmo tempo, que não a impulsionam unicamente o cumprimento de seus deveres, em vista de se tornar mais eficaz como Igreja e tornar mais santos os seus filhos, mas também as exigências de maior brilho para a verdade cristã e para a renovação profunda de suas instituições. (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p.14).

Na preparação do Concílio Vaticano II, muitas comissões foram instituídas para iniciar e gerar as reflexões. Trazemos aqui algo sobre a Comissão para os religiosos, que era presidida pelo Cardeal Valeri. Composta, na sua maioria, por religiosos, essa comissão colheu e organizou materiais, chegando a vinte tópicos para início de trabalhos, que foram apresentados em 1960.

O esquema retomava a interpretação clássica das palavras de Cristo ao jovem rico, distinguindo entre a vida ordinária cristã de obediência aos mandamentos e ao estado de perfeição palmilhado seguindo os conselhos evangélicos. O texto foi apresentado como em continuidade

com semelhante esforço no Vaticano I de discutir e defender a vida religiosa. Oposição e escárnio estavam sendo expressos e o desenvolvimento de novas formas em que ela pode ser vivida exige que o Concílio fale claramente para evitar confusão e erros. (ALBERIGO et al., 1996, p.189).

Depois de muito trabalho, foram propostos pontos essenciais: a renovação, a união ou federação de institutos e a isenção dos religiosos ao hábito religioso. Dois erros eram precisos ser combatidos: o ativismo, que negligenciava a vida de oração, e o naturalismo, que negligenciava o sobrenatural. A síntese desses documentos era: um novo olhar eclesiológico, de missão e que afetaria a vida consagrada, tudo à luz de um *aggiornamento*, que estava sendo pensado numa volta às fontes (bíblicas e patrísticas).

Em todos os sinais de advertência e mudança, que foram vislumbrados para a abertura de um Concílio, de forma direta, a vida religiosa estava envolvida, pois ela é um dos maiores reflexos da missão da Igreja. Se a Igreja estava fechada em si, em muitas questões, a vida religiosa mostrava ao mundo esse fechamento, pois nela se dava a perfeição. No livro de Alberigo et al. (1996), é feita uma síntese dos pronunciamentos papais, na busca pela fidelidade da Igreja ao projeto do reino de Deus na modernidade: “Seguimento de Jesus Cristo e unidade interna, Espírito Santo e Igreja e Igreja e vocação”. E, sem sombra de dúvidas, a vida religiosa estava intimamente envolvida nesses três elementos.

A vida religiosa nasce no século IV como resposta a um cristianismo que perderá sua radicalidade:

Sua origem estava na falta de seriedade na vivência da fé de grande parte dos cristãos e na vontade de viver seu batismo de uma maneira mais radical. Mas se Cristo não foi o fundador, iniciador, podemos afirmar com segurança que foi seu Inspirador. Portanto tudo por causa de Cristo. (PEDRINI, 2013, p. 408).

O Espírito Santo não funda ou inspira a vida religiosa sem o fundamento que é Jesus, no testemunho dos Apóstolos e dos primeiros cristãos. Jesus mesmo, sendo casto, pobre e obediente, é o fundamento em pessoa para a consagração. A vida religiosa é dinamizada pelo Espírito Santo. É ele quem a atualiza quando nós humanos perdemos o sentido de radicalidade e essencialidade batismal; inspirando-nos, uma vez mais, em Cristo para dar ao

mundo um sinal do Reino de Deus. A vida religiosa é expressão escatológica do Batismo, na qualidade de sinal do Reino na Igreja para o mundo.

A partir da vida monástica, a vivência da Consagração foi institucionalizando-se, por culpas dos próprios consagrados que levavam a enfatizar coisas secundárias, criando estruturas e megaestruturas, deixando-a mais rígida e complicada. Isso fez com que a vida religiosa perdesse seu encanto.

Assim a vida religiosa foi deixando de ser o que era para se tornar o que não era. Uma visão tradicional compreendia a vida religiosa como um estado de perfeição. Esta visão a encontramos em muitos livros que tratam deste estado de vida. Exclusivamente da perfeição. Único modo de alcançá-la era a vida consagrada. Não se podia chegar à perfeição em outros estados de vida como, por exemplo, o matrimônio e até mesmo o sacerdócio. A santidade tornou-se propriedade particular dos religiosos. (PEDRINI, 2013, p.409).

Sempre houve a lembrança do Evangelho em contínuas renovações da vida religiosa -VR ao longo dos séculos, mesmo dentro das comunidades monásticas, com reformas contínuas e frutuosas. Não houve o cancelando da inspiração, da vitalidade, do martírio e da renovação dos modelos de vida religiosa, os quais não dependem apenas do caminhar humano.

Buscou-se uma fundamentação bíblica para os votos religiosos, mas, segundo Pedrini (2013, p. 409), estas passagens não são ligadas exclusivamente à vida religiosa ou aos votos religiosos, mas são conselhos a todos os cristãos. Sabe-se também que se pode extrair dos textos bíblicos outros conselhos que não deixariam de ser evangélicos. E que também a definição dos três votos: pobreza, obediência e castidade é uma configuração e exigência recente na história da Igreja.

Além do mais, a vida religiosa estruturada e tradicional estava como que indiferente “ao mundo”. Parecia, às vezes, que a estrutura era incapaz de ser mudada e questionada. Tudo estava tão bem organizado e estruturado que qualquer questionamento era considerado insubordinação, rebeldia e incapacidade de seguir na vida religiosa. O meio tornou o fim, sem o primordial regendo a vida consagrada: simplicidade, originalidade, autenticidade, identidade, muitas crises originavam-se. Não se pode omitir que parte significativa caiu nesta condição.

De fato, há elementos que pediam renovação. Mas a vida religiosa não se reduzia a isso, pois junto, na mesma época, tivemos várias novas fundações, em novos modelos.

O Magistério da Igreja se pronunciou muitas vezes em relação aos problemas da vida religiosa. O Concílio de Trento se pronunciou quando a Igreja estava atravessando um período difícil depois da Reforma Protestante. O Concílio se empenhou em colocar a Igreja em ordem teologicamente e em suas estruturas essenciais. Nesse tempo a vida religiosa estava bem viva e compreendia sua identidade e seu lugar dentro da Igreja, mas estava confusa em suas estruturas. (PEDRINI, 2013, p. 410).

Nesse andar temporal da vida religiosa, também se faz necessário citar o ativismo que aos poucos foi entrando nela: religioso bom é aquele que mostra resultados. O ativismo entrou nos conventos, e se reconhecia a consagração no fazer e nas estruturas. Nada seria capaz de sustentar este estilo de vida com o essencial posto em segundo plano.

Cabe ressaltar ainda que muitos se santificaram e que ajudaram outros a encontrarem o caminho da verdadeira vida cristã. E Concílios, como o de Trento, escreveram documentos e fizeram sinalizações à vida religiosa, sem tocar em pontos profundos, pois o objetivo era outro. Teve que ser o Vaticano II a fazer a mudança profunda que tanto se necessitava. É sobre isso que trataremos a partir de agora.

## 2.2 O CONCÍLIO VATICANO II E SEU ALCANCE PARA A VIDA RELIGIOSA

No dia 14 de novembro de 1960, a fase preparatória teve seu início com o discurso do Papa na Basílica de São Pedro. Em 1961, o número de pessoas que trabalhavam na preparação do Concílio já era de 846. As comissões realizavam o trabalho de elaborar textos a serem submetidos à aprovação do Concílio. Elaborados a partir das sondagens, muitos eram os conteúdos e estilos de proposições. Era necessário organizar tudo para facilitar o debate conciliar.

A composição das comissões era internacional, mas com cerca de 80% de europeus. Antes de publicar o nome dos convocados para trabalhar nas comissões, pedia-se ao Santo Ofício para verificar se não existia nada em contrário em relação ao futuro membro da comissão. A presença internacional era assim composta: 53 asiáticos, 17 africanos, 87 da América do Norte, 64 da América Central e do Sul e

11 da Oceania. As Igrejas Orientais participavam com 48 membros, entre patriarcas, bispos, sacerdotes e religiosos. (SOUZA, 2005, p.31).

O Concílio Vaticano II, de forma representativa, tentou contemplar a Igreja presente em todo o mundo, no entanto, é nítida a forte presença do hemisfério norte, nas composições, e a participação do clero. Poucos eram os leigos, inclusive nas comissões para tratar de assuntos laicais. Também havia pouca presença de mulheres, mesmo na comissão que tratava da vida religiosa.

Transcorridos os processos para criação de documentos, levantamento de informações, envios de convites externos a Igreja e ajustados os esquemas, o Papa lança a Bula de Convocação do Concílio *Humanae Salutis*, no Natal de 1961, acelerando o ritmo de preparação do Concílio. O Motu próprio *Concilium Dni*, de 02/02/1962, fixou a abertura do Concílio para 11/10/1962. Em 15/04/1962, na carta pessoal, *Ommes sane*, convocou todos os bispos para o Concílio. O Papa anota em seu diário: “Depois de três anos de preparação, por certo laboriosa, mas também feliz e tranquila, eis-nos, agora, ao sopé da santa Montanha” (BEOZZO, 2015, p.188).

Depois dessa longa preparação, o Concílio é aberto no dia 11 de outubro de 1962, em missa celebrada pelo cardeal decano Tisserant, seguindo o rito sem grandes novidades. Relatos falam da entrada do Papa na Basílica sem a tiara, mas com a mitra, igualando-se aos seus companheiros de episcopado. Para um novo tempo, nova simbologia.

João XXIII abre oficialmente o Concílio, agradecendo a todos os que já se empenharam na construção desse evento. Em seguida, faz um apanhado histórico do presente e o que se busca alcançar à igreja e à humanidade quando este Concílio encerrar. Resumidamente, segue um trecho do discurso de abertura *Gaudet Mater Ecclesia*:

Portanto, o principal objetivo do trabalho conciliar não é o de discutir princípios doutrinários, retomando o que os padres e teólogos, antigos e novos, ensinaram, que todos sabemos e está profundamente gravado em nossas mentes.

Para isso não seria preciso um Concílio Ecumênico. Hoje, é necessário que toda a doutrina cristã, integralmente, sem nenhuma omissão, seja proposta de um modo novo, com serenidade e tranquilidade, em vocabulário adequado e num texto cristalino, como se procurou fazer em Trento e no Vaticano I, e como ardentemente desejam todos os cristãos católicos e apostólicos. (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 31).

Esse Concílio dividiu-se em quatro partes. A primeira realizou-se de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962. Estava claro, a partir desse momento, o que o Papa queria com o Concílio. E pode-se dizer que era o que o mundo esperava que se fizesse.

Além de definir as questões práticas de metodologia, e quem participaria das comissões, um acontecimento histórico marcou esse primeiro período: a crise dos mísseis em Cuba, quando os Estados Unidos e a União Soviética estavam à beira da Terceira Guerra Mundial. No Concílio, estavam bispos de Cuba, Estados Unidos e da União Soviética, além da grande e tenebrosa possibilidade de uma nova guerra. Coube a João XXIII intervir junto a John Kennedy e Nikita Krushev para que resolvessem o conflito entre si e preservassem a paz no mundo.

A partir desse acontecimento, os padres Conciliares escreveram uma mensagem à humanidade desde o Concílio. Segundo alguns autores, foi o prenúncio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Segue um fragmento da Mensagem enviada à Humanidade pelos membros do Concílio Ecumênico Vaticano II, com assentimento do soberano Pontífice, em 20 de outubro de 1962:

Faltam-nos recursos materiais. Não podemos contar com o poder político. Colocamos, porém, nossa confiança inteiramente na força do Espírito de Deus, prometido a Igreja por Nosso Senhor Jesus Cristo. Além de nossos irmãos, a que servimos como pastores, convocamos com toda a humildade e ardor todos os cristãos e até todos os homens de boa vontade, 'que Deus quer salvar e fazer chegar ao pleno conhecimento da verdade', para colaborar conosco, na construção de uma civilização mais fraterna. Deus quer que desde agora, pela caridade, o seu reino esteja presente na terra, prefigurando o reino celestial. (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 37).

O Concílio foi um evento midiático, transmitido ao mundo inteiro por meio de rádio e televisão, meios de comunicação em massa que estavam em recém desenvolvimento. "O Concílio foi o primeiro evento transmitido ao vivo mundialmente pela televisão, pelo menos para os países do hemisfério norte" (BEOZZO, 2015, p.189), deixando clara, assim, a importância desse encontro, e que toda a humanidade, por jornal, rádio ou TV estava atenta ao que dali surgia.

### 2.2.1 Primeiro período Conciliar

Aberto o Concílio, o primeiro período durou de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962. E o primeiro grande tema posto à mesa foi o da liturgia, já aprovado pela comissão preparatória.

Esse, provavelmente, foi o fato que mudou visivelmente a cara da Igreja de forma brusca. Os fiéis não participariam mais das celebrações de forma passiva, ou seja, deveriam celebrar junto. Além de outras grandes reformas como cantos, livros sagrados, a partir de então, as celebrações seriam em língua vernácula. O ano litúrgico seria mais cristocêntrico, a comunhão sob as duas espécies, em algumas circunstâncias, entre outras mudanças que mexeram já de início na estrutura.

Os bispos da América Latina, da Ásia e da África, mesmo tendo sido formados, grande parte em Roma, revelaram-se na sua maioria progressistas devido à experiência pastoral. Algo difícil de acreditar começava a ser aceito pela maioria: a finalidade pastoral desejada pelo Papa João XXIII para o Concílio. (SOUZA, 2005, p.37).

Além dessas mudanças, ainda foram apresentados mais três temas, sobre quais são as fontes da revelação, e aí o debate foi bem acalorado, pois o embate entre Escritura e Tradição poderia pôr em cheque a reconciliação ecumênica com os Protestantes. Mas é fato que depois de longas discussões os membros do Concílio chegaram a um meio termo.

Também foram debatidos os esquemas sobre os meios de comunicação. Foi um debate que acalmou os ânimos conciliares, depois das discussões dos dois temas anteriores. Talvez eles não tivessem noção ainda da importância pastoral que esse tema teria décadas mais tarde.

Por fim, foi abordado o tema sobre as Igrejas Orientais. Já de início foi constatado que o trabalho preparatório tinha sido insuficiente:

A primeira parte do esquema que tratava da unidade da Igreja sob a direção de um único Pastor, continha pontos, como foi observado pelo patriarca Máximos IV, que se prestavam mais para irritar do que para conquistar ortodoxos. (SOUZA, 2005, p.40).

Diante de tal embate, e da importância da discussão, esta precisava ser reformulada e amadurecida para só então ser votada. “Muitos católicos se

escandalizaram com a discórdia dos padres conciliares, o que acontecera em todos os concílios anteriores” (SOUZA, 2005, p.41).

No dia 8 de dezembro de 1962, o papa suspendeu temporariamente o Concílio, visto que nenhum dos quatro textos estavam prontos para a publicação, e previu que, para se chegar num consenso, seria necessário um tempo maior. A retomada das audiências estava marcada para o dia 8 de setembro de 1963. Mas ela não seria mais presidida por João XXIII.

#### a) A morte de João XXIII e a eleição de Paulo VI

Eleito papa já em idade avançada, mas com o espírito renovador em sua alma, João XXIII não quis demonstrar sua fragilidade na condução do Concílio. “Depois de seis dias de retiro em Torre San Giovanni, o papa passou por profundas consultas médicas. Os resultados dos exames ficaram prontos em 23 de setembro, e nunca foi publicado”. (ALBERIGO et al., 1996, p. 437).

No dia 29 de novembro de 1962, as audiências papais foram suspensas, o que deixou todos em alerta sobre o estado de saúde do papa. Mas, no dia 07 de dezembro, antes da suspensão do Concílio, o Sumo Pontífice esteve em oração com os padres Conciliares, e, no discurso, disse que essa pausa não seria o fim do Concílio. Exclamou em um de seus discursos: “E o animador perene, o supremo organizador da Igreja: o Espírito Santo” (ALBERIGO et al.), 1996, p. 439), mostrando sua confiança no que estava acontecendo à Igreja.

João XXIII falece no dia 03 de junho de 1963, deixando um grande legado à Igreja. “Grande foi a comoção em todo o mundo. O pranto era maior fora do que dentro da Igreja” (SOUZA, 2005, p. 42).

A continuação do Concílio dependeria da decisão de continuar ou não do novo papa. No dia 21 de junho de 1963, o então Arcebispo de Milão, o Cardeal Giovanni Battista Montini, é eleito papa e escolhe o nome de Paulo VI. Antes que surgisse qualquer dúvida, exclamou que o Concílio continuaria.

No dia seguinte a sua eleição, Paulo VI anunciava, por meio de uma mensagem radiofônica, a sua intenção de continuar o Concílio e fixou a data para reiniciar os trabalhos: 29 de setembro. Demonstrou suas intenções ecumênicas enviando representante à celebração do jubileu de ouro do patriarca de Moscou, Alessio. (SOUZA, 2005, p.43).

Paulo VI anunciou algumas modificações para a abertura e reestruturou alguns procedimentos metodológicos para que fosse facilitada a coordenação entre o papa e a assembleia.

### 2.2.2 Segundo período Conciliar

O segundo período Conciliar teve duração de 29 de setembro a 4 de dezembro de 1963, e o tema central desta sessão foi montar um esquema sobre a Igreja. Para isso, o novo papa elencou objetivos mais específicos como tentativa de dar maior fluência aos trabalhos.

No discurso de abertura, Paulo VI deixou clara a intenção destes trabalhos: “Expor a doutrina da natureza da Igreja. A reforma interna da Igreja. A importância da unidade dos cristãos. O diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo” (SOUZA, 2005, p.44).

Com efeito, era preciso debater esses temas, a fim de chegar a um consenso saudável, visto serem temas fundamentais e primordiais à catolicidade da Igreja de Jesus Cristo:

O Concílio Ecumênico Vaticano II, na nossa opinião, deve buscar e adotar o modo de viver querido por Cristo. Só então, realizando esse trabalho de santificação íntima, pode a Igreja manifestar ao mundo a sua face, possibilitando-lhe dizer: quem me vê, vê o Cristo, da mesma forma que disse o Senhor: “quem em vê, vê o Pai” (Jo 14,9). (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 53).

Foram definidos os primeiros documentos: a *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia e o decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação. Grande debate é estabelecido sobre Maria. A questão era se o tema deveria ser acrescentado ao VIII capítulo do documento sobre a Igreja, ou se seria um documento específico.

Durante as discussões sobre ecumenismo, surgem dois novos esquemas, que se desdobrarão na Declaração *Nostrae Aetate*, sobre as religiões não cristãs e *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa. Foi reavaliado o esquema sobre o apostolado dos leigos e leigas, que gerava, ainda, muito desconforto.

Enfim, falar sobre a Igreja e como ela se porta ao mundo não pareceu uma questão fácil. Pouco se avançou nesta questão. Novas luzes surgiram,

novos documentos foram fazendo-se necessários, mas ainda muita coisa estava sem solução aparente frente às diversas visões de Igreja.

### 2.2.3 Terceiro período Conciliar

O terceiro período foi aberto no dia 14 de setembro de 1964 e foi encerrado no dia 21 de novembro de 1964. Na missa de abertura, pela primeira vez, havia concelebrantes, o papa e mais 24 padres, sendo sinal de que o Documento sobre a liturgia estava vigente.

Outro fato importante nesta sessão foi a inclusão de 15 auditoras, sendo 8 religiosas e 7 leigas:

Receberam a comunhão na Missa matinal e participaram da 81ª Congregação Geral, fazendo com que o conjunto do povo de Deus na figura de seus batizados, mulheres e homens, tomasse parte no Concílio ao lado do corpo episcopal, dos integrantes da Vida Religiosa e de presbíteros. (BEOZZO, 2015, p.196).

Também foram acrescentados não católicos ao número de representações. Também na abertura foi acentuada a necessidade de completar a doutrina do Vaticano I. Cada vez mais o *Aggiornamento* ia fazendo-se real.

Paulo VI preside a 116ª Congregação Geral em 6 de novembro de 1964. E justamente faz-se presente na sessão em que se iniciariam os debates sobre as missões, mostrando assim a importância que dava ao tema, conforme explicitado no excerto a seguir:

O projeto que tendes em mãos trata dessa questão. Quanto pudemos avaliar, há muita coisa excelente no que se refere as matérias tratada, aos argumentos aduzidos e à ordem em que são apresentados. Por isso achamos que será fácil aprová-los, apesar de algumas passagens que deverão ser aperfeiçoadas. Que os sensatos concelhos, as ações analisadas, as orientações e modos de agir aí indicados contribuam para traçar um caminho eficaz para o Reino de Deus neste mundo a fim de que a sementeira evangélica venha a produzir muitos frutos. (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 78).

O esquema sobre a Igreja que era composto por 6 capítulos recebeu mais dois: um de caráter escatológico e o tão debatido tema sobre a Virgem Maria. Foram debatidos e aprovados os esquemas sobre as Igrejas Orientais Católicas - *Orientalium Ecclesiarum*, sobre o Ecumenismo – *Unitatis Redintegratio*. Também

foi aprovada a Constituição Dogmática sobre a Igreja- *Lumem Gentium*. Ainda eram motivos de grandes discussões a atividade pastoral dos Bispos e a liberdade religiosa.

a) Inicia-se a redefinição sobre a Vida Religiosa Consagrada

É fato que a vida religiosa não permaneceu imune às definições da primeira e da segunda sessão do Concílio. Mas foi nesta terceira sessão que começou a se enxergar diferente, como parte integrante da Igreja, e uma Igreja aberta ao diálogo e ao contato com o outro como irmão. “As diretrizes da reforma da vida religiosa (debatidas entre 10 e 12 de novembro) e sobre a educação cristã (de 17 a 19 de novembro) eram para muitos padres pouco completas” (SOUZA, 2005, p.44).

Já no documento *Lumem Gentium*, muitas coisas já estavam claras. Este documento é de temática eclesiológica e toma como ponto de partida a vocação universal a santidade, deixando de ser a vida religiosa pelos conselhos evangélicos o modelo reservado de perfeição. Mas não deixando de ser parte constituinte da Igreja.

O intuito era fazer toda a Igreja, e de modo particular os religiosos, tomar consciência dos elementos essenciais da vida consagrada. Com isso, acentua-se que os conselhos evangélicos e a variedade de carismas são um dom do Senhor para toda a Igreja. (PEDRINI, 2013, p. 413).

No entanto este Capítulo VI da *Lumem Gentium* não trata da questão de forma exaustiva, o que vai ser tarefa para a próxima sessão e para o decreto *Perfectae Caritatis*.

#### 2.2.4 Quarto período Conciliar

Esta sessão ocorreu de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965. Foi dever desse último período ajustar o que estava pendente e de decidir pelo que fosse melhor para sustentar os pontos que continuariam a gerar discussões. No discurso de abertura deste quarto período, Paulo VI esclarece:

O Concílio, além disso, oferece novas perspectivas a cada um de nós e a todo mundo. Que podemos fazer, que pode fazer a Igreja senão contemplá-las e abraçá-las? A sessão que está começando versará principalmente sobre problemas do mundo, por isso requer muito amor para com os seres humanos tais quais são nos dias de hoje, como são e da forma que vivem, onde quer que se encontrem. (CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 95).

Então, iniciaram-se os debates sobre o espinhoso tema liberdade religiosa. Em seguida, foi debatido sobre o múnus pastoral dos Bispos, assunto também difícil de se chegar a um consenso. Os textos que seguiram, apesar da complexidade, foram ajustados e aprovados de forma precisa e, pode-se dizer, de forma rápida.

Durante os debates, foram definidos os seguintes decretos: *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos Bispos; *Perfectae Caritatis*, sobre a renovação da vida religiosa; *Optatum Totius*, sobre a formação sacerdotal; *Nostrae Aetate*, sobre a relação com as religiões não cristãs; *Gravissimum Educationes*, sobre a educação cristã; Constituição dogmática *Dei Verbum*, sobre a Palavra de Deus. Também foram emitidos os decretos *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos; *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa; *Ad Gentes* sobre a atividade missionária na Igreja; *Presbiterorum Ordinis* sobre a vida e ministério dos presbíteros e também a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo.

O tema da ordenação de homens casados para regiões com poucas vocações foi debatido e não levado adiante. A histórica excomunhão Roma-Oriente de 1054 foi revogada.

Na sua homilia Paulo VI admitiu que muitas questões ainda estavam ficando à espera de uma conveniente resposta. Por outro lado, afirmou que o Concílio havia conseguido realizar a finalidade assinalada por João XXIII. Seu principal propósito não era *ad intra*, ficar olhando para si mesma, mas *ad extra*, estando a serviço da humanidade. (SOUZA, 2005, p.64).

Cabe relatar um pouco mais sobre o documento *Perfectae Caritatis*, o qual foi de elaboração e aprovação pouco conflituosa, mas de mudanças radicais. Foi votado em 11 de outubro, tendo somente 13 votos contrários, e, na sessão pública, 2325 votos favoráveis e somente 4 votos contra. Este documento e o capítulo VI da *Lumen Gentium* serão melhor apresentados em texto posterior.

Passara por percalços bastantes contraditórios, retomava o ideal de perfeição enunciado pelo capítulo VI da *Lumen Gentium*, procurando desenvolver suas linhas de realização. As ordens e as famílias religiosas daí tiraram sobretudo um estímulo profundo para reexaminar a própria condição, não sem risco de alguma tensão interna ou com a Santa Sé. (BEOZZO, 2015, p.201).

Assim, “encerra-se o Concílio, como dito por Paulo VI, cumprindo sua intenção de abertura. Muitos serão os desafios de implantação, muitas mentes e ações terão de ser mudadas” (SOUZA, 2005, p.64). O Concílio foi um evento mundial. Foi encerrado em 8 de dezembro de 1965, na Praça de São Pedro, pelo Papa Paulo VI, com mensagens dirigidas a governantes, artistas, intelectuais, mulheres, pobres, doentes, trabalhadores e jovens.

### 2.3 DOCUMENTOS CONCILIARES SOBRE A VIDA RELIGIOSA

Dois foram os escritos que trataram exclusivamente da vida religiosa, oriundos dos trabalhos do Concílio Vaticano II. O primeiro foi o Capítulo VI da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que trata da Igreja. O Segundo foi o Decreto *Perfectae Caritatis*, que aborda questões mais práticas para a renovação da vida religiosa.

Outros documentos atingem a vida religiosa e sua renovação de forma indireta, como é o caso do Decreto *Ad Gentes* sobre as missões, a Constituição Dogmática *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo. Estes são exemplos, mas abordaremos, a seguir, os dois específicos à vida religiosa.

#### 2.3.1. *Lumen Gentium*

O título *Lumen Gentium*, na tradução literal, significa Luz das Gentes ou Luz dos povos. E essa luz é designada a Cristo e não à Igreja “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).

Os Santos Padres – vários escritores cristãos dos primeiros sete séculos do cristianismo- diziam que Cristo é o Sol, e a Igreja é a Lua. O sol tem luz própria, como Cristo; a lua recebe luz do sol, como a Igreja. A Igreja é, diziam esses santos pensadores, o “mistério da Lua”. E será tanto mais ela mesma se estiver voltada e se deixar iluminar pelo Sol da justiça, que é Cristo. (ALMEIDA, 2013, p. 30).

Sendo a Igreja reflexo da luz de Cristo, todos os que a compõem devem portar dessa luz e levá-la às demais pessoas. E aí está a eclesiologia apresentada, revigorante e nova pelos textos conciliares. A Igreja é apresentada como povo de Deus, e que esse povo é profético, sacerdotal e real. E isso muda por completo as relações dentro da Igreja.

Outro ponto muito importante foi a relação de poder apresentada por este documento: “Os que têm uma posição especial na Igreja a têm para servir” (ALMEIDA, 2013, p. 32). Não é questão de santidade maior, nem de honra, poder, posição, mas sim dioconia, ministério e serviço. Dentro deste contexto todo, analisaremos, de forma direta, os dois temas da LG que competem a nosso estudo, o tópico sobre os religiosos e o tópico sobre Maria, que nos ajudarão a entender melhor o caminho de renovação traçado e iniciado pelo Irmão Basílio Rueda.

#### a) Capítulo VI – Os religiosos

No Capítulo V, sobre a vocação universal à santidade, ao tratar da santidade na Igreja, os padres conciliares optaram por destacar os que seguem os conselhos evangélicos. Quem professa estes conselhos seja de forma pública ou particular, deve manifestar ao mundo o testemunho e exemplo de santidade. Assim expressa o n. 39 da *Lumen Gentium*:

A santidade na Igreja se manifesta de direito e de fato nos muitos e variados frutos da graça, que o Espírito faz brotar nos fiéis, quando tendem para a perfeição em suas vidas. A santidade da Igreja se manifesta de maneira especial pela prática dos conselhos chamados evangélicos, assumidos particular ou publicamente por muitos fiéis, sob moção do Espírito, os quais dão testemunho e exemplo de santidade. (CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p.222).

Assim se encaixam os religiosos dentro da Constituição sobre da Igreja. Dentre os temas abordados no capítulo VI, elencamos alguns que nos serão úteis para o próximo capítulo, a saber: os conselhos evangélicos, a vivência da caridade, a vida comunitária, a oração, a missão que muito se dá no apostolado, o exemplo de Maria e o testemunho que qualifica a vida religiosa e atrai novas vocações. Ao apresentar desta maneira, pode parecer que são coisas distintas e que não se interagem. No entanto são elementos transversais, interligados,

sendo que cada um interfere diretamente no outro. Optou-se por buscá-los separadamente por pura questão metodológica.

Os conselhos propostos por Cristo e seus discípulos são muitos e todos merecem o nome de evangélicos; mas, seguindo o uso em teologia da vida consagrada, o Concílio usa a expressão “conselhos evangélicos” para designar os três votos religiosos: pobreza, obediência e castidade. E fez questão de distinguir o que é preceito de conselho.

O Concílio retomou a noção tradicional de “conselho”. Alguns puseram em dúvida o valor da distinção entre preceito e conselhos e, um Padre expôs, longamente, em intervenção escrita, porque não aceitava esta distinção: parecia-lhe sem fundamento no Evangelho e evasiva de uma situação histórica onde se reservava a uns o que dissera para todos. Ao falar dos conselhos, o Concílio mostra, ao contrário, que julga legítima a distinção. No Evangelho, deve distinguir-se o que é mandato daquilo que apenas é aconselhado. (GALOT, 1969b, p.43).

No que tange à castidade, esta é sinal do amor de Deus e, igualmente, estímulo de amor ao próximo porque permite ser família segundo o Reino (cf. Mc 3,34-35), com relações de fraternidade e comunhão entre discípulos. “Graças a esta caridade que anima, a continência perfeita é fonte particular de fecundidade espiritual no mundo. O amor a Deus e ao próximo não fica estéril; quanto mais ardente, tanto mais fruto produz” (GALOT, 1969b, p.54).

No serviço à Igreja, este documento apresenta-nos como que duas asas, ou dois pulmões em um mesmo ser: a oração e a missão. Este encontra seu fundamento na caridade, para a qual os conselhos evangélicos orientam.

Uma vez que os conselhos evangélicos, pela caridade a que conduzem, ligam, de modo especial, aqueles que os praticam, à Igreja e seu ministério, é necessário que sua vida espiritual seja igualmente devotada ao bem da Igreja toda. Daí, resulta o dever de trabalhar, cada um segundo suas forças e sua vocação, seja pela oração, seja por atividade efetiva, para enraizar e fortificar nas almas o reino de Cristo, para divulgá-lo ao mundo inteiro. (GALOT, 1969b, p.74).

Este Capítulo VI da LG cita, de forma breve, a participação de Maria na renovação da vida consagrada. Esta presença de Maria na Igreja é elucidada no Capítulo VIII: Maria é apresentada como exemplo de consagrada, na liberdade espiritual, na purificação do coração, na caridade, e seguidora de Cristo. Sendo assim, foi referência de vida cristã para muitos fundadores:

Com efeito os conselhos assumidos voluntariamente segundo a vocação pessoal de cada um, contribui consideravelmente para a purificação do coração e para a liberdade espiritual, estimulam continuamente o fervor da caridade e, sobretudo, tornam o cristão mais conforme ao gênero de vida virginal e pobre que Cristo escolheu para si e que a Virgem, sua Mãe, abraçou: é isto o que prova o exemplo de tantos fundadores. (GALOT, 1969b, p. 103).

O texto conciliar não aborda com profundidade a questão comunitária da vida consagrada. Analisa outros meios que são também importantes, mas não há um item específico que fale da vida em comum. “A realização de uma autêntica comunidade cristã produz, só pelo fato de existir, a propagação do Evangelho” (RUEDA, 1973, p.71). A questão sobre a vida comunitária voltará à nossa reflexão, à luz de outros documentos, por ser um ponto forte para a renovação carismática da Congregação dos Irmãos Maristas.

O valor definitivo da sociedade humana resulta de sua densidade espiritual e do grau de sua união a Cristo. Os religiosos fornecem, portanto, a esta sociedade uma contribuição indispensável; ajudam no estabelecimento de uma comunidade que haure de Cristo e a sua vida e o seu amor é que orienta para ele a sua caminhada. (GALOT, 1969b, p.110).

O último ponto que queremos tratar é sobre o testemunho. É missão dos religiosos serem o rosto de Cristo, pois eles buscam igualar-se a Cristo no estilo de vida, na oração e na missão. Cada família religiosa é chamada a apresentar Cristo à humanidade.

Esta responsabilidade indica, ao mesmo tempo, a profundidade da inserção dos religiosos na vida da Igreja, uma vez que por meio deles Cristo deve manifestar-se ao mundo em sua ação contemplativa e beneficente. Se a Igreja mostra por eles o Cristo, significa que eles se situam neste fluxo de vida da Igreja que sai de Cristo, isto é, no mais íntimo da existência da Igreja. Neles, Cristo vive e deve viver para se manifestar à humanidade. (GALOT, 1969b, p. 102).

Assim, apresentamos os sete elementos principais, que nos ajudarão a entender a recepção da teologia do carisma por parte de Rueda, no contexto da Congregação Marista, comentados no Capítulo VI da *Lumen Gentium*.

b) Capítulo VIII – A Virgem Maria, mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja

Neste apanhado sobre os documentos conciliares, presentes na recepção de Rueda no contexto marista, queremos explicar o que diz a *Lumen Gentium* sobre Maria, “considerado como o documento doutrinal mais significativo e orgânico sobre a mãe de Jesus emanado pela Igreja Católica nos últimos séculos” (MURAD, 2015, p.584) e sua importância para o carisma marista e para a recepção dada no pós-Concílio.

A santa virgem, eternamente predestinada a ser a mãe de Deus, na perspectiva da encarnação do Verbo, tornou-se na terra, por disposição da Providência, ilustre mãe do redentor, sua primeira e generosa associada, humilde serva do Senhor. Concebendo seu Filho, dando-o à luz, alimentando-o, apresentando-o ao Pai no templo e participando dos seus sofrimentos até a morte na cruz, cooperou de maneira toda especial com a obra do Salvador, pela obediência, pela fé e pela caridade ardente, para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por isso, é nossa mãe na ordem da graça (LG 61).

Na fé, temos Maria como nossa mãe na ordem da graça, e por essa razão se deu o especial carinho que o Padre Champagnat tinha para com ela, inclusive nominou sua germinal congregação com o nome dela. E na renovação proposta pelo Concílio, o Ir. Basílio lê estes textos e dispõe-se a restituir o lugar que é por direito de Maria na Congregação Marista.

À afirmação Cristo como único mediador entre nós e o Pai, é acrescentado: “O papel maternal de Maria não faz nenhuma sombra, nem diminui em nada esta mediação única de Jesus” (LG 60). Ela também é apresentada como virgem e mãe, modelo ou *typos* da Igreja, especialmente no discipulado e na vida teologal:

Maria já alcançou o grau de santidade e perfeição que o Pai lhe concedeu, ao passo que os fiéis ainda peregrinam em meio as dificuldades. Por esta razão, eles levantam os olhos para Maria, modelo de virtude para a família dos eleitos. Ao ser exaltada e venerada, Maria atrai os fiéis para seu Filho, para o seu sacrifício e para o amor do Pai. Agindo na fé, a Igreja age segundo Maria, tipo e figura que o Pai lhe concedeu. Ela, como Maria, gera Cristo no coração dos fiéis, cuidando posteriormente deles com afeto maternal. (LOPES, 2011, p.161).

No penúltimo bloco do documento, normatiza-se o culto a Maria, para que não seja minimalista e nem maximalista, a conclusão dá-se em Maria como sinal de esperança e auxílio do povo de Deus em peregrinação. É nessa devoção que o Instituto Marista leva o nome de Maria, como aurora do sol sem ocaso que é Jesus Cristo, seu Filho, à sua missão espalhada pelo mundo todo.

### 2.3.2 Decreto *Perfectae Caritatis* (Vida Religiosa)

Este documento passou por grandes mudanças já na sua fase preparatória. Muito se insistia na questão de um estado de perfeição, que, aos poucos, foi reduzindo-se a um estado privilegiado de se chegar à santidade. “No dia 22 de abril de 1963 foi apresentado o novo esquema; comportava ainda 35 páginas e havia conservado o título “os estados de perfeição a ser adquirida””. (GALOT, 1969c, p. 5). Debater e renovar a vida religiosa foi uma questão laboriosa, dada a importância que ela tem e as reformas que necessitava. Mas a unanimidade expressa na votação leva-nos a concluir que o caminho a ser seguido estava bem delimitado:

Finalmente o Espírito Santo expressou-se pelo voto que manifestou a aprovação quase que unânime da Assembleia. Somente a proposição que concerne a vida religiosa leiga encontrou um número mais elevado de opositores: 57 sobre 2148 votantes; para todas as outras proposições, esse número era negligenciável, e o conjunto do projeto foi aprovado por 2126 votos contra 13.

Essa quase unanimidade nos ajudará a encontrar no documento conciliar a expressão autêntica da vontade da Igreja, que é expressão da vontade divina. (GALOT, 1969c, p.7).

Sobre o título, também muito debatido, veio a escolha de “perfeita caridade”, buscando, em símbolo, tudo o que a vida consagrada deve ser ao mundo, e o que ela deve buscar. Afinal, a caridade, buscada com vistas à perfeição do amor evangélico, é o centro e núcleo de sentido da consagração, na vida comum. É importante porque a caridade dimensiona os votos, que diferenciam-se de uma visão jurídica e estática da vida religiosa. Essa visão estava latente no Ir. Basílio Rueda, toda vez que escrevia aos seus Irmãos. Assim sendo, não se buscava uma reforma do que já se vinha fazendo, mas, sim, uma renovação. O título também dá indicativos de que não é uma exposição

doutrinal, ou seja, o decreto tem um fim particular e prático para promover a adaptação e renovação da vida consagrada.

Certamente a busca da caridade perfeita não é o privilégio exclusivo dos religiosos; ela deve encontrar-se em toda a vida cristã, mas é especialmente desenvolvida pela prática dos conselhos evangélicos. Estes têm, por fim, assegurar um amor a Deus levado até o extremo: 'Deus amado intensamente' diz a Constituição *Lumen Gentium* (44), cuja doutrina é evocada pelo decreto. Um tal amor tende também a abraçar plenamente a Igreja e o mundo. A vida consagrada busca a perfeição do amor na dupla direção fundamental, Deus e o próximo. (GALOT, 1969c, p.10).

Visto um pouco sobre a origem do documento, vamos retomar os sete elementos previamente elencados, que são fundamentais para a renovação da vida consagrada marista e serão abordados posteriormente, a saber: os conselhos evangélicos, a caridade, a oração, a missão, Maria, a vida comum e o testemunho.

A vida religiosa passou por transformações até chegar à forma que a conhecemos hoje. Fato é que existiu, desde o início do cristianismo, pessoas que viveram os conselhos evangélicos, cada qual a seu modo de consagração a Deus (PC 1). E é este fato que legitima a existência e importância da vida consagrada no seio da Igreja.

Esta origem divina manifesta-se ainda pela intervenção do Espírito Santo. Porque é "sob o impulso do Espírito Santo", declara o Concílio, que desde os inícios da Igreja, desenvolveu-se a vida consagrada a Deus, seja na solidão, como famílias religiosas. O sopro do Espírito Santo que suscitara em Pentecostes a formação da Igreja, fez surgir, no interior desta Igreja, uma vida caracterizada pela prática dos conselhos evangélicos e pela imitação mais completa do Cristo. Como esta vida se esforça por tender à "caridade perfeita", traz a marca do Espírito Santo; o qual sendo o amor divino personificado, difunde o amor perfeito. (GALOT, 1969c, p.40).

Por muito tempo, a vida religiosa foi considerada e fundamentada como renúncia: renúncia ao casamento, às riquezas, à independência pessoal. No caso da vida religiosa masculina não clerical, a consagração era explicada e entendida por via negativa, distinguindo-se do estado clerical e laical. O decreto conciliar, porém, vai pela via positiva: a vida religiosa expressa uma pertença a Deus, dedicação exclusiva ao serviço do Reino. "O estado religioso não é

intermediário entre hierarquia e laicato. De ambos os estados são chamados cristãos e cristãs para a vida consagrada” (LOPES, 2017, p.130).

Quanto à vida espiritual, o documento diz que é necessário e primordial que as congregações de vida apostólica não se esqueçam da oração, da vida espiritual, “professar os conselhos evangélicos é buscar e amar acima de tudo a Deus que nos amou primeiro (Cf. 1Jo 4,10)” (PC 6). Essa relação com Deus deve ser expressa na oração individual, nas ações litúrgicas e na ação pastoral. A temática da vida de oração, foi um dos temas mais queridos pelo Irmão Basílio para a recepção e implantação do Vaticano II no Instituto Marista, que estudaremos no próximo capítulo.

A ação apostólica, na vida religiosa ativa, constitui sua identidade no ser da Igreja: “A ação apostólica ou beneficente pertence a própria natureza da vida religiosa, como um ministério sagrado ou obra de caridade, que lhe é propriamente confiada pela Igreja” (PC 8). No entanto ela não deve excluir sua interioridade; não deve ser sua finalidade nem se deixar levar pelo ativismo. A sua vivência diária deve estar em consonância com sua vida que é inteiramente ofertada a Deus e ao seu Reino, na integridade.

Hoje acentua-se o lado do amor ao próximo, aquele que de nós precisa. Mas um caminho não exclui o outro. Ambos têm seus escolhos. Deve-se evitar tanto buscar a Deus, distanciando-se da história- isso nos isolaria do mundo-, quanto buscar ao próximo incansavelmente distanciando-nos de Deus- isso seria ativismo, que nos fecha na aridez da busca incessante do que fazer, sem aquela unidade interior necessária à vida espiritual. (CALIMAN, 2012, p.58).

Cada família religiosa expressa, segundo o carisma recebido, a abrangência da Igreja na sociedade e na história, atuando, de forma específica, nas suas necessidades e da implementação do Reino. “Cada família religiosa é, pois, suscitada pelo Espírito Santo para aumentar a beleza e a eficácia apostólica da Igreja. É pela Igreja que ela se justifica, e é numa visão de Igreja que ela deve ser considerada” (GALOT, 1969c, p.52). Ainda:

O espírito religioso, alimentado pela Palavra de Deus, pela oração constante, fecunda a vida apostólica e transforma o ‘seguir a Cristo’ em ‘oração existencial’, buscando a perfeição da caridade. Concretamente não há vida apostólica que não seja animada pelo Espírito e leve a meditação da Palavra de Deus, à oração e, por isso, à contemplação. Essa vida apostólica nos leva a ser “contemplativos na ação”. Só assim pode-se escapar do ativismo, que esteriliza a vida religiosa e a torna

insignificante no mundo hoje. Para evitar este extremo, a *Perfectae Caritatis* enfatiza a “harmonização entre observâncias e usos com as exigências da vida apostólica. (CALIMAN, 2012, p. 62).

Na conclusão do decreto, faz-se alusão à Virgem Maria, como que um coroamento e auxílio à renovação da vida religiosa (cf. 25). Com o olhar em Jesus Cristo, ela aponta e caminho que ela mesma percorreu. De maneira especial, a figura de Maria torna-se exemplo de renovação no Instituto Marista, que leva seu nome e é fundado sob sua proteção. É ela a primeira entre os santos, que liga a Igreja celeste à terrena, e tem especial relação com a vida consagrada. “Ela (Maria) se encontra sempre em oração diante do Senhor, a fim de obter o progresso da Igreja e mais especialmente o progresso da vida consagrada” (GALOT, 1969c, p. 152).

O decreto termina fazendo um paralelo com o início:

As primeiras palavras do decreto *Perfectae Caritatis* são esclarecidas pelo modelo vivo que constitui a vida de Maria: plenitude de graça e caridade perfeita são sinônimos. Maria representa também a novidade da consagração virginal na Nova Aliança; eis porque está ela em condições de orientar a renovação da vida consagrada. (GALOT, 1969c, p. 153).

Com base nas primeiras comunidades cristãs, que eram “um só coração e uma só alma” (At 4,32), unidas na ação e no partir do pão, na liturgia, no respeito mútuo, na caridade, na fraternidade, suportando-se uns aos outros, na unidade entre os irmãos, nos ensinamentos emanados do Evangelho (Cf. PC 15), é este o sinal que a vida religiosa empenha-se por ser. Como observa Caliman (2012) nesta mesma comunidade, o religioso enfrenta as dificuldades que a sociedade em geral impõe à consagração religiosa:

A renovação da Vida Religiosa querida pelo Concílio, não se reduz, de forma alguma, a viver juntos sob a mesma regra e sob o mesmo teto. Ela tem que se estruturar como fraternidade “carregando um o fardo do outro”, superando o anonimato das grandes comunidades, a distância entre os irmãos e mesmo a sobrecarga de trabalho. (CALIMAN, 2012, p. 78).

A mudança na relação e vida comunitária teve que ser encarada com muito desprendimento. A vida comunitária pedida não se reduz, de forma alguma, a simplesmente viver juntos no mesmo teto. A renovação deveria criar

maior comunhão, aproximar as pessoas numa vivência mais fraternal, na qual as distinções se dão apenas por aptidão, por vocação particular, ou nas coisas exclusivas as ordens sacras (Cf. PC 15). A tal respeito, Caliman observa que:

Essas observações mantêm coerência com as indicações da Constituição Dogmática sobre a Igreja e, por outro, a centralidade que deve ter na vida comunitária a construção de uma autêntica fraternidade religiosa para o serviço a Deus e ao próximo. (CALIMAN, 2012, p. 79).

A comunidade religiosa carrega em si o ideal de toda a Igreja, de forma mais modesta e reduzida da perfeição da caridade que a todos cabe, e que edificou a Igreja nos primórdios do cristianismo.

A aplicação dos princípios da comunidade eclesial ao caso particular das comunidades religiosas sugere mais uma vez qual o papel da vida religiosa na Igreja. As comunidades religiosas são destinadas a realizar, num quadro mais limitado e mais modesto, o ideal comunitário que a Igreja inteira contém e do qual deu testemunho impressionante em sua fase inaugural. (GALOT, 1969c, p. 83).

Só depois de se apresentar os elementos abordados anteriormente é possível falar do testemunho que a vida religiosa deve ser na Igreja e na sociedade. Partimos da citação sobre a pastoral vocacional:

É lícito aos institutos darem-se a conhecer para fomentar vocações e angariar candidatos, contanto que o façam com a devida prudência e segundo as normas dadas pela Santa Sé e pelos Ordinários do lugar. Lembrem-se, porém, os religiosos de que o exemplo da própria vida é a melhor recomendação dos Institutos e o melhor convite para abraçar a vida religiosa. (PC 24).

Acreditamos que não há apelo maior que o testemunho vocacional para a continuidade da Vida Religiosa e sua renovação. Poderíamos abordar outros tópicos concernentes ao testemunho, mas este cala fundo. Se os religiosos não testemunharem seu amor por sua vocação, na vida, no dia-a-dia que se dá na vida comum, na oração no apostolado, na caridade, testemunhando que é possível a implementação do reino Deus, ela irá definhar. E deixará de cumprir sua missão/função na Igreja. O testemunho só será possível se se tiver bem claro os pontos anteriormente tratados e vividos com audácia e com entusiasmo.

### 2.3.3 Decreto Ad Gentes (Atividade missionária na Igreja)

A renovação proposta pelo Vaticano II inclui o conjunto da missão, nas diversas expressões apostólicas. Este documento acolhe os sinais dos tempos, supera a cristandade e direciona um novo paradigma missionário.

O Concílio dá graças a Deus pelo magnífico trabalho missionário feito em toda a Igreja. Quer, no entanto, apontar para os princípios da atividade missionária e drenar as forças de todos os fiéis para que o povo de Deus, caminhando na via estreita da cruz, difunda por toda a parte o reino do Cristo Senhor. (AG 1).

Não foi fácil livrar-se do peso da cristandade e da colonização, mas se iniciou um processo de liderar a missão a lugares específicos e ao povo de Deus, messiânico e peregrino. Missão esta, fundamentada na missão do Pai, Criador de todas as coisas (cf. AG 2); na do Filho, que se encarna para tornarmos participantes da natureza divina (cf. AG 3); e na do Espírito Santo, que sustenta a Igreja de todos os tempos (cf. AG 4).

A missão sempre é compreendida como atividade de uma comunidade eclesial em defesa do bem-estar da vida de todos os povos. A inspiração para essa visão vem do próprio Deus, envolvendo não somente sua imagem abstrata, mas a de Deus Emanuel, que se encarnou e viveu como nós. (ANDRADE, 2013, p.138).

A partir de agora, o centro da missão deixa de ser a preocupação da difusão da Igreja, e sim a propagação do Reino de Deus, que ela anuncia como libertação a todos. “Por isso a Igreja envia seus servos, que são santos e pecadores, para articular, universalmente os povos numa grande rede de solidariedade” (ANDRADE, 2013, p. 139).

No capítulo sobre a obra missionária, apresenta-se três artigos: um sobre o testemunho cristão, e pede que seja uma presença com amor; outro sobre a pregação do Evangelho e reunião do povo de Deus, que delimita a evangelização e a conversão, bem como a iniciação ao cristianismo por meio do catecumenato e da iniciação a vida cristã; um último artigo sobre a formação da comunidade cristã, desde o clero local, os catequistas e a promoção da vida religiosa. A propósito deste último, vejamos o excerto a seguir:

Os diversos institutos que trabalham na vinha da Igreja, como portadores imbuídos dos diversos aspectos de sua tradição, procurem exprimi-los de maneira a serem entendidos pelo modo de ver e pelo jeito de ser de cada povo. Prestem atenção às práticas ascéticas e contemplativa das religiões locais. São como sementes lançadas por Deus, antes da pregação do Evangelho, até hoje presentes em antigas culturas, e que podem ser perfeitamente assumidas pela vida religiosa. (AG 18).

Isso é um pequeno ensaio sobre esse documento tão importante e tão revolucionário para a missão da Igreja, que, com absoluta certeza, fez o “rosto” da vida religiosa mudar mundo a fora, seja nas novas igrejas, seja nas missões que há tempo já existiam. O clamor social foi ressaltado e fez com que a vida religiosa olhasse aos menos favorecidos pelos sistemas dominantes. A missão religiosa e conseqüentemente a missão dos Irmãos Maristas tomou outros rumos.

#### 2.4 RECEPÇÃO DOS DOCUMENTOS NO PÓS-CONCÍLIO

Estamos nos anos que sucedem o término do Concílio, a necessidade e a vontade de entender melhor o que acabara de acontecer tomam conta da Igreja e, na vida religiosa, a vontade de se entender a partir disso foi uma constante:

Encerrado na sua realização como acontecimento pontual, começa um novo movimento de sua história, que propriamente não terá fim, com maior ou menor influência sobre a realidade que lhe seguirá. É o tempo da recepção. Expressão teológica que traduz, em termos sociais, a metáfora humana de assimilação dos alimentos externos de que todo corpo necessita para continuar vivendo. (LIBANIO, 2005, p. 71).

Como o Concílio teve que se reunir várias vezes e decidir sobre muitas questões, os documentos que saíram precisaram ser mais bem esmiuçados, destrinchados e interpretados, a partir da vivência específica de cada grupo que estava ali contemplado. Analisaremos, neste tópico, a Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* do ano de 1971, que foi lançada nos anos seguintes ao encerramento do Concílio, como um complemento aos textos do Concílio referentes à vida religiosa.

Também serão apresentados aqui alguns textos e documentos da época em questão que nos ajudarão a entender como se deu esse reconhecimento e

recepção dessa mudança teológica que foi tão profunda e que causou uma reviravolta no seio da vida religiosa, conforme explicitado no fragmento a seguir:

A partir do Vaticano II, a Vida Religiosa abre-se ao novo sopro do Espírito que suscita renovação e mudanças em âmbito de toda a Igreja e conseqüentemente na Vida Religiosa. No caminho percorrido, a Vida Religiosa sempre tratou de guardar fidelidade às grandes orientações do Magistério da Igreja. (PEDRINI, 2013, p. 412).

Muitas tentativas para essa renovação acabaram por piorar as relações e o estilo de vida de algumas ordens e congregações. É preciso orientar a vida religiosa de uma maneira mais afetuosa e clara. E, então, depois desta reflexão surge a Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* em 1971, assinada pela Papa Paulo VI.

O Papa constata que a aplicação do Concílio está causando incertezas, instabilidades, inseguranças e perturbações na vida de muitos consagrados. Há os que querem condenar todo o passado e a própria Vida Religiosa, há os que repudiam as exigências do Concílio e há os que são arrojados demais na tentativa de renovação. O Papa adverte para o equilíbrio na renovação. (PEDRINI, 2013, p. 413).

Não se pode esquecer a raiz fundacional e o que se agregou a ela, mas é necessário analisá-la no prisma do presente para se conseguir a tão esperada renovação para os tempos vindouros. Pedrini (2013, p. 413) continua dizendo que “é preciso ater-se ao essencial, isto é, seguir Cristo e consagrar-se totalmente a Ele pela prática dos Conselhos Evangélicos”.

A vida religiosa nunca perdeu seu valor e importância, mas, agora, a exigência pelo testemunho e a santificação tornaram-se compromissos essenciais, além dos religiosos serem chamados a estar junto aos pobres, da justiça e das causas sociais, não estando do lado dos que oprimem.

Vale citar ainda dois documentos pontifícios. O primeiro, de 1984, escrito por João Paulo II, por ocasião do Ano Santo, no qual se dirige aos religiosos de vida ativa e contemplativa com a Exortação Apostólica *Redemptionis Donum*. Em linhas gerais, o Pontífice pede a conversão e a reconciliação com Deus, em Jesus Cristo.

Os religiosos são chamados a viverem sua vocação de consagrados a Deus. Em Jesus Cristo, pela vivência dos conselhos evangélicos que constituem a economia da Redenção, os meios mais radicais para

transformar o coração e testemunhar o amor. É precisamente desse testemunho de amor que o mundo de hoje tem necessidade. (PEDRINI, 2013, p. 415).

Na ocasião da promulgação da *Redemptionis Donum* (1984), Irmão Basílio Rueda estava em seu último mandato como Superior Geral. Era a celebração dos 20 anos da *Perfectae Caritatis*, mas ele não teve tempo hábil para difundi-lo ao Instituto Marista. Já longe de nossa cronologia, em 1994, realiza-se o Sínodo sobre a Vida Consagrada, para analisar os 30 anos de *Perfectae Caritatis*. À sua conclusão, João Paulo II lança a Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, em 1996:

Com a exortação o Papa quis dirigir-se às comunidades religiosas e às pessoas consagradas com a esperança de fazer crescer a alegria de todo o povo de Deus e com a confiança de que as pessoas consagradas acolham com cordial adesão esta exortação. Além disso, com a reflexão, o Papa quer aprofundar o dom da Vida Consagrada na tríplice dimensão de consagração, de comunhão e de missão, a fim de que os consagrados encontrem novos estímulos para enfrentar espiritualmente e apostolicamente os desafios que forem aparecendo. (PEDRINI, 2013, p. 416).

Fiéis ao objeto pesquisado, estudaremos o documento *Evangelica Testificatio*, de forma mais detalhada e sobre a perspectiva dos elementos de recepção ao Concílio captados nos escritos do Irmão Basílio, que nos darão uma visão mais clara de como se deu essa transformação na Igreja e na vida marista.

#### 2.4.1 Reflexos dos documentos Conciliares: *Evangelica Testificatio*

A intenção, neste tópico, é abordar alguns escritos que ajudaram a renovação da vida religiosa e o principal a ser usado é a Exortação *Evangelica Testificatio*, que surgiu justamente com a intenção de evitar equívocos na interpretação dos documentos conciliares.

Uma das missões que esse documento quer enfatizar é a fidelidade ao espírito dos Fundadores, a intenção evangélica da fundação, o exemplo de santidade, sendo esses os critérios mais seguros daquilo que cada instituto deve empreender. Paulo VI (1971), no número 11 da ET, escreve que: “O carisma da vida religiosa, na realidade, longe de ser um impulso ‘nascido da carne e do

sangue' ou ditado por uma mentalidade que 'se conforma com o mundo presente', é antes o fruto do Espírito Santo".

Outra questão que fora enfatizada é a relação da vida religiosa com a Trindade, voltando à centralidade a Cristo, modelo e inspiração da renovação para vida religiosa, pois foi da volta às fontes do cristianismo, da preocupação com o seguimento radical a Cristo nas várias formas de discipulado que nasce a vida religiosa na Igreja, nos diferentes modos de expressar-se.

Assim os religiosos são sinais manifestos do mistério da trinitário habitando a Igreja. São os sinais visíveis ao alcance de qualquer fiel, indicadores do mistério de Deus Trino, que vive no interior do reino de Deus Pai. Finalmente põe (o estado religioso) a vista de todos, de uma maneira peculiar, a elevação do reino de Deus sobre toda terra e suas exigências; demonstra também para a humanidade inteira a maravilhosa grandeza da virtude de Cristo que reina e o infinito poder do Espírito Santo que realiza maravilhas em sua Igreja. (SANCHIS, 1967, p.150).

No documento ET, elucida-se o papel existencial dos votos na renovação da vida religiosa. Nas descrições, são utilizadas palavras como "fonte de fecundidade espiritual" (ET 14), "dom de Deus" (ET 15), "coparticipação fraterna" (ET 21), "autoridade e obediência" (ET 25), "liberdade" (ET 27). Assim diz Paulo VI:

Tal é vossa consagração que se realiza na Igreja e mediante o seu ministério, tanto o dos seus representantes, que recebem a profissão religiosa, como da comunidade cristã, cujo amor reconhece, acolhe, ampara e envolve aqueles que, no seu seio se dão a si mesmos, como um sinal vivo 'que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja e correspondem corajosamente às exigências da vocação cristã...manifestando, assim, a todos os fiéis os bens celestes, já presentes neste mundo'. (ET 7).

O segundo elemento a ser abordado é o da caridade. A caridade é central na vida religiosa, pois ela tem sentido de amor divino e humano, manifestado na prática do bem, na doação. Cristo no seu discernimento escolheu os apóstolos para serem testemunhas comprometidas com sua missão. Orientou-os que fossem aos pobres, que vivessem do seu trabalho, que colocassem as coisas em comum, que pregassem a vida de Cristo onde quer que estivessem.

Esse também é o apelo à vida religiosa, ser essa continuidade daquilo que Cristo pensou para a humanidade:

O religioso, qual 'cristão por antonomásia' (S. Tomás de Aquino), é filho de toda a Trindade, se bem com funções muito próprias de cada pessoa. O próprio do Espírito é dar-nos o sentido profundo da Humanidade de Cristo. Seu convite resulta, de cara para a Igreja, um carisma com a dimensão essencial do serviço o 'sinal' eclesial. (SANCHIS, 1967, p.79).

A exortação *Evangelica Testificatio* volta ao tema da caridade, quando aborda o voto de pobreza. Na atenção ao Evangelho, os religiosos têm a importante tarefa no âmbito das obras de misericórdia (ET 16), na justiça social (ET 16, 18), no clamor que vem dos pobres (ET 17, 18), que muitas vezes estão na indignância individual e na miséria coletiva (ET 17), e que na verdade são criaturas privilegiadas de Deus:

Essa chamada, não o ignoramos, ressoa nos vossos corações de uma maneira tão dramática, que por vezes, alguns de vós sentem também a tentação de uma ação violenta. Mas, enquanto discípulos de Cristo, como poderíeis vós seguir vida diversa a sua? Ela não é, como bem sabeis, um movimento de ordem política ou atemporal, mas sim, um apelo à conversão dos corações, à liberdade de todo e qualquer entrave temporal e ao amor. (ET 17).

No que se refere à vida de oração, ou à vida espiritual, o Papa Paulo VI na ET emprega muitas linhas, fazendo notar a importância da espiritualidade para a vida religiosa. O item IV é dedicado exclusivamente à renovação e crescimento espiritual, tema este muito abordado pelo Irmão Basílio Rueda na renovação do Instituto Marista, como veremos.

Este elemento descreve a oração no relacionamento íntimo com a Trindade, e que é essa relação que deve impregnar a vida fraterna. Paulo VI exorta que: "Na atenção humilde prestada aos homens e às coisas, o Espírito de Jesus ilumina-nos e enriquece-nos com a sabedoria, desde que estejamos profundamente penetrados pelo espírito de oração" (ET 44).

Ainda no movimento de oração pessoal, descreve sobre o silêncio em que "a busca da intimidade com Deus comporta a necessidade, verdadeiramente vital, de um silêncio de todo o ser" (ET 46). Os próximos itens descritos referem-se mais à vida de culto em comunidade como a vida litúrgica (ET47), a Eucaristia (ET 48), a participação na missão da Igreja (ET 50), que também são pontos centrais na vida de oração de um religioso. Ir. Basílio assim descreve: "Fazer todo

o possível para despertar a sede de Deus, de ver seu rosto, de sentir sua vida, de gozar de sua intimidade” (C4 p. 30).

O próximo elemento é referente à missão. Ainda que a missão seja uma perspectiva presente no conjunto do documento – como reflexo da vida e do testemunho dos religiosos, ganha ênfase quando ET trata do voto de pobreza:

Ganhar a vossa vida e dos vossos irmãos e irmãs, e ajudar os pobres com o vosso trabalho, são deveres que vos incumbem. Entretanto, as vossas atividades não podem derogar a vocação dos vossos diversos institutos, nem comportar, habitualmente, trabalhos que sejam de molde a substituir-se às suas tarefas específicas. Além disso, não devem essas vossas atividades, de maneira nenhuma, arrastar-vos para a secularização, com detrimento da vida religiosa. Vigiai, pois, sobre vós mesmos, quanto ao espírito que vos anima! Que malogro não seria, se vos sentísseis “valorizados”, unicamente pela retribuição de trabalhos profanos! (ET 20).

Esta se torna umas das principais preocupações na vida religiosa apostólica. Qual seria a medida do trabalho, como estar na sociedade sem deixar de lado a vida de oração e comunitária? Eis um desafio que a vida religiosa encontra até os dias de hoje. A proposta de ET é que a secularização e a diversidade de obras não se imponham, mas que os religiosos atuem conforme o carisma original e estejam atentos à vida espiritual: cuidar de que espírito os anima! Irmão Basílio, escreve na carta sobre a oração, uma síntese do que ele espera para um Irmãos Marista que integra a sua vida:

Fique claro que falamos aqui da oração cristã e que oração nunca fica desassociada da vida cristã, da caridade cristã. O que conta não é a oração como um ato isolado, mas enquanto alma das obras, do amor, da dedicação e da ação apostólica. (C4, p. 6).

No que tange à Maria, como que habitual, fica para o coroamento de todo o texto. A centralidade é a Trindade seguindo o modelo de Cristo, com Maria mencionada entre os exemplos humanos de seguimento. O Papa Paulo VI coroa sua exortação com uma exortação mariana:

Que a mãe amadíssima do Senhor, a cujo exemplo vós consagrastes a Deus a vossa vida, vos alcance, para a vossa caminhada de cada dia, aquela alegria inalterável que só Jesus pode dar. E que a vossa vida, seguindo o seu exemplo, possa dar testemunho “daquele amor materno de que devem estar animados todos aqueles que associados na missão apostólica da Igreja cooperam com os homens...” (ET 56).

Trazer a figura de Maria, para este trabalho, é de suma importância, pelo seu papel de destaque na vida de um Marista. Irmão Basílio teve muito carinho e apresso e sonhou um instituto pós-Vaticano II com uma renovada devoção mariana. Segue o texto elaborado no XVI Capítulo Geral:

A vida, doutrina e obra de Marcelino Champagnat dão testemunho de sua espiritualidade mariana. Para ele, é este um instrumento de apostolado que, no contexto histórico, se manifesta como autêntico carisma: o povo de Deus descobre aqui um sinal do papel de Maria na economia da salvação, e o Espírito Santo manifesta seu impulso com olhares a edificação do reino de Deus. (DC p. 62).

No capítulo da ET sobre o “estilo de vida”, a maior parte dos tópicos refletem as sugestões de como tornar a vida comunitária mais leve e profética, a qual utilizaremos em análise posteriormente. A mudança sugerida pelo Concílio inicia-se na comunidade religiosa: “Esta orientação fará de vossas famílias religiosas o ambiente vital, que desenvolverá o germe da vida divina, enxertado pelo Batismo em cada um de vós” (ET 38).

O documento orienta-nos que a vida comunitária deve ser simples e acolhedora, que mesmo formada por pessoas imperfeitas, ela deve desenvolver um ambiente sadio, alegre, que valorize a personalidade de cada integrante, que ampare os que ali necessitam. Além de tudo isso, que ela possa favorecer o crescimento espiritual de cada um dos seus membros.

Ainda sobre a vida comunitária, faz-se um paralelo entre as pequenas e as grandes comunidades. As grandes, cada vez menos comuns, exigem mais sacrifício para que os indivíduos não vivam no anonimato. Mas o apoio mútuo pode ser maior. Quanto às pequenas, cada vez mais comuns, exigem mais de seus membros para manter a comunidades com suas funções vitais.

Se um determinado esquema pode favorecer, realmente, o instaurar-se um clima espiritual, seria ilusório, contudo, o acreditar que ele se baste para o desenvolver. As pequenas comunidades, em vez de apresentarem uma forma de vida mais fácil, demonstram-se, pelo contrário, mais exigentes para com os seus membros. (ET 40).

Nesse sentido, toma-se como modelo Jesus que foi testemunho de vida pobre, simples, humilde, amante da paz, livre e ao mesmo tempo obediente, espontâneo e constante na fé (cf. ET 31), cuja história pessoal dá-se a partir de um referencial comunitário. As maiores energias dele foram dispensadas para

conviver, para formar comunidade, tanto na vida familiar em Nazaré como na vida pública.

Assim, quando pousa [o Espírito Santo] sobre a primeira comunidade de Jerusalém, brota uma vivência coletiva de união. Da proclamação da Palavra de Deus e da efusão do Espírito Santo se deu a experiência cristã de se sentir um, comprometido com o bem comum divino e participado, que constituía a alma do grupo: é o Espírito comunicando a mensagem de Cristo desde dentro. (SANCHIS, 1967, p. 109).

Cabe ainda escrever sobre o testemunho. Se nos documentos conciliares é descrito pouco sobre o testemunho dos religiosos, os documentos pós-Conciliares dedicam uma especial atenção a este tópico, visto sua importância para a Igreja, à sociedade e à continuidade da vida religiosa.

O apelo final do documento ET já inicia com as questões basilares para a autêntica renovação; pede o sincero entusiasmo para compreender as tendências atuais. Os pontos que seguem são a “necessidade do seu testemunho evangélico no mundo” (ET 52), “testemunhos vivos do amor do Senhor” (ET 53), “Apelo a todos os Religiosos e religiosas” (ET 54) e a “Irradiação fecunda da vossa alegria” (ET 55). Num destes tópicos relata que:

Este mundo, hoje mais do que nunca, precisa ver em vós homens e mulheres que acreditam na palavra do Senhor, na sua ressurreição e na vida eterna, até o ponto de comprometerem sua vida terrena para darem testemunho da realidade desde amor que se oferece a todos os homens. (ET 53).

O amor divino compartilhado em nós resulta num testemunho e numa presença viva para os que não veem o mistério divino. Se falharmos no testemunho, há o risco destas pessoas não terem o contato com o amor, com Deus (Cf. 1 Jo 2). Na leitura da bibliografia do Irmão Basílio Rueda, encontramos muita preocupação com o elemento testemunho. Seja em sua vida pessoal, seja no seu desejo de um Instituto que seja autêntico no seguimento de Cristo, e testemunho de vida consagrada. É a respeito disso que explicitaremos mais adiante.

#### 2.4.2 Os sete elementos num olhar pós-conciliar

Este último tópico é um refrigério do que foi trabalhado anteriormente. Depois de ter exposto o evento Vaticano II: preparação, acontecimento histórico e recepção, voltado à vida religiosa, trazemos os sete elementos a partir de autores que compõem o Dicionário teológico da vida consagrada (1994), que são frutos de todo esse processo e materiais estudados. Assim descrevem:

a) Oração: “De uma forma ou de outra, as diversas definições ou descrições da oração falam de relação entre Deus e o homem. Deus, pois, e o homem são os primeiros envolvidos na oração. Diálogo, trato são talvez as palavras mais tradicionais para descrever a oração. Experiência é a categoria de moda, também ao falar da oração [...] Assim Deus, homem e conteúdo dialógico são três capítulos fundamentais que não deveriam faltar em qualquer consideração oracional, por leve que seja”. (GARCIA MONJE, 1994, p. 750).

b) Comunidade religiosa: “Nasce na pessoa o chamado de viver em uma comunidade segundo determinado carisma. Não se nasce primeiro para a comunidade e depois para o carisma, mas a identificação comunitária da pessoa o faz a partir do carisma que sentiu como graça que o atrai. Essa a razão por que toda comunidade é carismática, seja no seu nascimento, porque brotou como graça do Senhor, seja em sua missão porque foi encarregada de levar o bálsamo de Cristo a uma necessidade concreta”. (ASIAÍN, 1994, p. 199).

c) Caridade: “Com base nessa interioridade, o cristão ouve novamente o clamor evangélico do amor aos pobres, aos humildes e aos pecadores. Não o entende como o mandamento exterior, e sim como algo que surge da sua própria incorporação, apesar de seu pecado, ao Senhor Jesus. Já não pode amar-se a si mesmo sem amar a Cristo; e, segundo Mt 25, 31-46 e 1Jo 3, 16-20, não pode amar a Cristo sem abrir seu coração às necessidades da humanidade, da qual forma parte”. (TILLARD, 1994, p. 988).

d) Maria: “Foi aquela que seguiu mais estreitamente Jesus; ela foi a primeira e perfeita discípula de Cristo, o que tem valor universal e permanente

(cf. Mc 35). Por isso, podemos dizer que os religiosos veem Maria como exemplo de vida entregue inteiramente a serviço de Deus e do próximo”. (FERNÁNDEZ, 1994, p. 622).

e) Missão/apostolado: “Cada instituto assume e ressalta algumas das mediações missionárias da Igreja: uns a mediação do anúncio doxológico, litúrgico e confessante (institutos monásticos, contemplativos, institutos ou comunidades de presença), outros a mediação praxica que se expressa no anúncio evangelizador (institutos para a evangelização, a catequização), ou na ação beneficente (institutos para a caridade, promoção social, a educação) [...] daí nasceu seu estilo específico dentro da missão”. (PAREDES, 1994, p. 691).

f) Conselhos evangélicos: “A vida dos conselhos permite a gratuidade do amor tributado a Cristo desenvolver-se melhor...Castidade voluntária, pobreza voluntária, obediência constituem os três grandes eixos em torno dos quais pode-se estruturar um projeto de vida evangélica radical, na qual se vivera com mais gratuidade e mais facilidade a adesão incondicional a Cristo e a seu Evangelho”. (ALONSO, 1994, p. 280).

g) Testemunho: “O religioso, como testemunha da fé; necessita de intensa vida de oração que exigirá momentos de diálogo com Deus na solidão e, sobretudo, viver o dia todo envolto em atmosfera impregnada de sua presença amorosa que faz encontrar Deus em todas as coisas. Há de saber experimentá-lo também no barulho da vida e na luta em favor das vítimas da injustiça”. (PALMÉS, 1994, p. 60).

Ao produzirmos este texto queremos deixar mais claro o que impulsionou a renovação e adequação da Igreja, para que, no próximo capítulo, possa ser facilitado o estudo da recepção da teologia dos carismas do Vaticano II no Instituto Marista, nos governos do Irmão Basílio Rueda, e como ela chega à atualidade.

## **CAPÍTULO 3**

### **RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II POR IRMÃO BASÍLIO RUEDA, NO CONTEXTO DO INSTITUTO MARISTA**

Findado o Vaticano II, iniciou-se o período de acolhimento e aprofundamento dos frutos desse evento histórico. No Instituto dos Irmãos Maristas, o primeiro responsável pela recepção e adaptação fora o Irmão Basílio Rueda, que assumira o Instituto nesse alvorecer. Ele era um homem de visão e estava confiante de que os frutos do Vaticano II eram o que o Espírito Santo pedia a Igreja, e claro, a vida religiosa.

No entanto o Irmão Basílio sabia que não seria um caminho fácil, e que muito menos deveria ser um caminho solitário. Era preciso, portanto, conhecer o mundo Marista e ouvir o maior número de pessoas possíveis, de Irmãos a leigos, para que essa renovação fosse um trabalho conjunto, do qual todos se sentiriam partícipes e pudessem identificar-se com este novo modelo.

É significativo que esta colaboração geral seja enunciada antes da menção da tarefa específica que incumbe os superiores. Com efeito, antes de ser tarefa dos superiores, renovação e adaptação são a obra de todos os membros: são eles que têm a principal responsabilidade pela qualidade e fecundidade de seu instituto, e que devem velar pelo sucesso do seu desenvolvimento. (GALOT, 1969c, p.104).

Com efeito, a volta às fontes não seria uma tarefa fácil, e muito menos rápida. Diante disso, era preciso ter cautela quanto imposições de novos estilos vida ou até mesmo tomar decisões precipitadas. Expresso no documento

conciliar e na concepção do Irmão Basílio a tão esperada renovação deveria ter a participação de todos (cf. PC 4). É evidente que os superiores maiores têm sua importância legal e moral, porém essa participação deveria culminar no sentimento de pertença, para ser mais fácil de ser assimilada.

Esse era o ideal do Irmão Basílio, que tinha isso em mente e foi isso que implementou. Se atingiu a plena realização? Talvez não. Mas outro que fizesse o trabalho que ele fez e que gerasse os frutos que ele gerou, seria difícil de ser encontrado neste pós-Concílio. Pela novidade que o Concílio trouxe, a nova mentalidade, a mudança no jeito de fazer e pensar a eclesiológica, a pastoral e a missão, como veremos, o Irmão Basílio foi peça importante para a recepção e adaptação no Instituto Marista ao Vaticano II.

### 3.1 BASÍLIO RUEDA GUZMÁN: TRAÇOS BIOGRÁFICOS

No dia 16 de outubro de 1924, nasce o quarto filho do casal Heladio Rueda e Josefina Guzmán, na cidade de Acatlán de Juárez, no estado de Jalisco no México, o pequeno José Basílio. Ele teve a infância marcada pela ausência de sua mãe, que morreu no ano de 1929 na cidade de Guadalajara, por problemas cardíacos.

Na ausência da mãe, Basílio ficou aos cuidados de suas tias Mercedes e Concepción, que viviam em Guadalajara. Iniciou seus estudos num colégio de religiosas, no qual suas irmãs eram internas. E foi ali que começou a tomar consciência de que sua mãe não estava mais entre eles e entender que a vida exige muito dos vivos.

Basílio deu sequência a seus estudos no colégio de Jalisco em 1932. Teve que repetir o quinto ano do primário, por ser travesso e brincalhão. E, quando iniciou os estudos do secundário, decidiu ir morar com seu pai em Alcatlán e ajudá-lo no comércio de telas que era o patrimônio da família.

Além de ajudar seu pai, Basílio ajudava como acólito na paróquia, onde montou um pequeno laboratório de química, no qual passava as horas. Aprendeu a jogar xadrez e passava muitas horas jogando com seu pai, além de visitar vários conhecidos, entre eles seus antigos professores, Irmãos Maristas, em Guadalajara. Nessas visitas, sentiu-se atraído pelo modo de viver dos Irmãos e assim nasceu em seu coração o desejo de ir viver com eles.

Costumava visitar nos fins de semana, seus antigos professores do Colégio em Guadalajara. Numa dessas visitas sentiu-se atraído pelo modo de viver dos Irmãos Maristas do colégio e decidiu viver com eles. A partir desse momento deu-se uma mudança na vida de Basílio, e não lhe foi difícil deslocar seus interesses mundanos para uma vida de piedade, em que a Eucaristia chegou a ser nele uma verdadeira necessidade. (FLORES, 2019, p.555).

No entanto convencer seu pai da ideia não foi tarefa fácil. Quando expôs sua pretensão, o pai dele tentou dissuadi-lo da ideia. Mas, passados sete meses desde a primeira tentativa e nas vésperas de ingresso na formação Marista, seu pai deu-lhe a permissão, o apoio e a bênção, confiando-o à Maria.

### *3.1.1. Basílio na formação à vida marista*

Basílio ingressou na casa de formação em Tlalpan, em 23 de julho de 1942, onde retomou seus estudos a partir do primeiro ano do secundário. Por ter mais de 15 anos, no ano seguinte, já ingressou no postulado (etapa prévia ao noviciado) onde fez sua preparação para os primeiros votos religiosos. A devoção de Basílio à Maria e o carinho pela vida religiosa foram moldando-o em um jovem que se destacava e em quem se via um grande futuro.

Basílio se tinha destacado como um líder. O jovem Basílio aos 17 anos nato com seus companheiros e como estudante pertinaz, dedicado e constante, apesar de ter quase 18 anos e ter deixado de estudar três. Dos formadores aprendeu o valor da fidelidade às pequenas e às grandes coisas, tomadas em sua hierarquia sadia e na autêntica liberdade proposta pelo Evangelho. (FLORES, 2019, p.555).

Os postulantes tomaram o hábito religioso marista em 12 de setembro, ocasião em que Basílio recebeu o nome de Irmão José Basílio, que mais tarde foi trocado por Irmão Basílio Diego. Segundo Flores (2019), um de seus biógrafos, Basílio mudou muito seu estilo de vida, perdeu um pouco de sua espontaneidade e seu espírito brincalhão e tornou-se um noviço fervoroso, que se manifestava em seu domínio de si, no recolhimento e na vida de oração<sup>3</sup>.

Das atividades do fervoroso noviço, uma era ajudar como acólito, visto que era muito desafinado para ajudar no coro das missas. Desde que chegou à

---

<sup>3</sup> Nota-se que o biógrafo, seguiu uma linha piedosa, ressalta as virtudes de um bom noviço como legislava antes do Vaticano II, deixando, por vezes, a escrita longe da realidade.

cidade, muito se interessou pelas crianças pobres, trazendo-as aos jogos de futebol dos noviços e ensinando-lhes o catecismo.

Em 8 de dezembro de 1944, Basílio e seus companheiros emitiram os primeiros votos de consagração religiosa. Em uma carta a irmã Guadalupe, escrita no dia de seu santo patrono, deste mesmo, diz-lhe: “Tive a dita de unir-me a Jesus, pelos laços de pobreza, castidade e obediência; a Maria e a meu instituto, peça a Deus que eu seja fiel a Jesus toda a minha vida. (FLORES, 2019, p.556).

Depois, os jovens Irmãos foram enviados a Querétaro, para iniciar seus estudos acadêmicos e poder dar aulas. Basílio destacou-se por sua espontaneidade e sentido de humor, que haviam ficado apagados no noviciado e que eram suas características. Também se notou um zelo e cuidado pelos Irmãos idosos, sem deixar seu ritmo de estudos e trabalho de todos os dias.

### 3.1.2 *Basílio, irmão marista*

Como era habitual, logo após a capacitação, integrou o corpo docente de uma escola, onde se demonstrou zeloso professor. No entanto, em 1947, o estado de saúde de seu pai agravou-se e Irmão Basílio dirigiu-se a Guadalajara para assisti-lo até sua morte em 22 de maio do mesmo ano. Permaneceu em Guadalajara até que tudo estivesse em ordem.

Em 1948, é transferido para a Cidade do México, onde, além de lecionar, iniciou a graduação em filosofia no Centro Universitário México. Não deixava de se comover pelas crianças pobres e pelos idosos, o que fazia com que tivesse muitas experiências de fortalecimento da fé.

Por mais de um mês dedicou cuidados especiais a um Irmão que chegou à Cidade do México, afetado de febre tifoide, dedicou-lhe todo o tempo livre de que dispunha e também atenção durante a noite, sem deixar por isso de levantar as 4h30 da manhã e cumprir as obrigações de professor e de estudante. (FLORES, 2019, p.558).

Em 1951, juntamente com sua turma de primeira profissão, faz os exercícios espirituais de Santo Inácio, como preparação à Profissão Perpétua. Segundo Flores (2019, p.558), o que mais lhe tocou foi a seguinte frase: “Não me fale de pecados, fale-me de amor”, frase que teria sido pronunciada pelo pregador do retiro e que esboçou três chamadas para a vida como Irmão:

chamada ao amor de Deus, chamada à devoção à Maria e chamada à caridade fraterna.

Após seus votos perpétuos e terminada sua graduação em filosofia, em 1954, foi nomeado ao Juniorato, na cidade de Queretáro, para ajudar na formação dos jovens Irmãos. No ano seguinte, foi nomeado diretor dessa casa. Foi aí também que iniciou seu mestrado em filosofia, com o tema “Ser e Valor”, na Universidade Autônoma do México, sob a orientação do Dr. Oswaldo Robles.

Em 1957, foi destinado a residir em Tlalpan, para que pudesse terminar sua dissertação de mestrado, defendida posteriormente em 1961. Mas isso não o impedia de participar da vida da comunidade, ser um bom exemplo aos noviços e postulantes e de se dedicar aos Irmãos idosos.

Em 1958, é enviado ao Centro Universitário México, para ajudar na vida universitária. Promovia entre os jovens a participação em vários grupos apostólicos, tornando-se conhecido. Eis que surge então o convite para que o Ir. Basílio participasse do lançamento dos Cursilhos de Cristandade no México, o que lhe deu conhecimento nacional e o fez chegar ao Movimento<sup>4</sup> por um Mundo Melhor.

O jesuíta, Pe. Ricardo Lombardi, fundador do Movimento por um mundo Melhor, estava desejoso de implantar no México este movimento de forma mais eficaz. Então, escreveu aos superiores de províncias mexicanas para enviar um representante para ouvir a proposta e quem se interessasse integrar o movimento e fortalecê-lo naquele país. Da província México Central, o representante foi o Ir. Basílio. Após inteirar-se da proposta, dispôs-se a ajudar por três anos. Flores observa:

Quando o Irmão Provincial notificou ao Conselho Geral a respeito de ceder Irmão Basílio por três anos ao Movimento, um conselheiro achou que a decisão não lhe apareceu muito acertada e comentou que mais de um membro de outra congregação religiosa, não havia voltado a integrar-se ao Instituto. Irmão Provincial comunicou ao Irmão Basílio esse comentário do conselheiro geral, e Irmão Basílio respondeu imediatamente: ‘Asseguro-lhe, Irmão Provincial, que nunca deixarei o Instituto dos Irmãos Maristas em que professei e, ao terminar meus compromissos com o Mundo Melhor, voltarei a integrar nas fileiras, e, em todos os lugares em que me achar, mantereí contato com meus Irmãos’. (FLORES, 2019, p. 563).

---

<sup>4</sup> A partir de agora, pela praticidade ao se referir ao Movimento por um Mundo Melhor, usaremos apenas “o Movimento”.

Do grupo promotor no México, em 1961, foi ao Centro Internacional de Rocca di Papa, perto de Roma. Em seguida, foi nomeado diretor nacional do Movimento no Equador. Em uma de suas muitas viagens, foi acometido por uma enfermidade pulmonar, que o acompanhou até sua morte. Chegando ao fim dos três anos de contrato com o Movimento, as lideranças iniciaram uma articulação para sua continuidade.

Os Bispos do Equador, conscientes de que o Movimento ia desaparecer com o regresso do Irmão Basílio ao México, fizeram o impossível para prolongar sua estada em Quito e, sem previa consulta ao Irmão Basílio, expuseram suas preocupações ao Conselho Provincial do México. O Irmão Provincial respondeu que o tempo concedido pela Sagrada Congregação já tinha expirado e que correspondia ao padre Lombardi fazer o pedido formal. (FLORES, 2019, p. 567).

Padre Lombardi fez o pedido oficialmente e Irmão Basílio foi cedido por mais um ano ao Movimento, no intuito de favorecer a transição e possibilitar que fosse tranquila e equilibrada às novas lideranças que iriam assumir esta missão. Em uma entrevista, Irmão Basílio relata que:

Sem que o tivesse procurado, a obediência me enviou a exercer um apostolado em lugares fora do normal de minha Congregação...Neste trabalho pude comprovar que Deus está presente em toda a parte, mais do que eu pudesse imaginar. Foi suficiente para isso apresentar o Evangelho tal qual é, sem camuflá-lo, com todas as suas exigências e o poder do heroísmo que nos é dado em Jesus Cristo...Raras vezes encontrei grupos ou pessoas que se fechassem à ação da Graça. (FLORES, 2019, p.567).

Nesse tempo, também aproveitou para pregar retiro nos países da América Latina, mais incisivamente no Chile e na Colômbia e, em muitas ocasiões, falava da renovação que o Concílio Vaticano II estava gerando na Igreja. O Concílio estava acontecendo e o Irmão Basílio já traduzia estas novas realidades aos seus Irmãos nos retiros e palestras.

Findado o ano de posterga, sentiu que o Instituto precisava de sua atuação direta novamente, não que não gostasse do Movimento, mas que os votos que fizera o chamavam a retornar aos quadros dos Irmãos, ainda mais perante as mudanças Conciliares. Sabendo de seu retorno, o Vigário Geral, o Irmão Leôncio Martins, que conhecia muito bem o Irmão Basílio, sugeriu ao

Irmão Superior Geral que ele o nomeasse diretor do Segundo Noviciado<sup>5</sup> de língua hispânica, pois o Irmão tinha o perfil do qual se precisava: “abertura aos novos tempos, renovação e adaptação da vida religiosa, numa palavra *aggiornamento* (atualização)” (FLORES, 2019, p. 569). E assim aconteceu, num primeiro momento, ficou em Suguenza; no segundo, a casa foi transferida para El Escorial<sup>6</sup>, onde permanece até a atualidade. Foi nesse período que emitiu o Voto de Estabilidade, em abril de 1965, quando reafirma o compromisso definitivo de fidelidade ao Instituto, voto este que havia solicitado antes de terminar seu trabalho no *Movimento por um Mundo Melhor*.

Na nova casa em El Escorial, muitas eram as coisas a serem feitas, para que a casa ficasse apta a receber os Irmãos que nela se achegavam. Além do trabalho manual, o trabalho formativo e burocrático, o Irmão Basílio deixou o trabalho sobrepôr sua saúde. A prioridade era sempre as pessoas e o Instituto.

Irmão Basílio empenhou-se especialmente em propor a formação à altura da Renovação, com forte base antropológica a fim de sustentar os valores cristãos da vida religiosa de acordo com as necessidades que o Vaticano II detectou. Convidava as melhores e mais atualizadas pessoas que apoiavam o *aggiornamneto* (atualização). Temas como sexualidade, afetividade e vida consagrada, como também sobre a maturidade humana, produziam impacto positivo nos Irmãos que tiveram formação religiosa inicial dentro de outros esquemas acadêmicos e doutrinários. (FLORES, 2019, p. 571).

Por El Escorial, passaram Conselheiros Gerais, Provinciais e Irmãos que vinham até Madri. Praticamente todos, por hábito e reconhecimento, visitavam os confrades de El Escorial. Eram essas pessoas que davam uma visão eclesial do Instituto espalhado pelo mundo todo. Além do mais, todas as conferências eram pensadas à luz do Vaticano II (FLORES, 2019, p.570), devido à urgente necessidade de pôr-se em dia com a Igreja do pós-concílio.

---

<sup>5</sup> No Instituto dos Irmãos Maristas chama-se segundo Noviciado um tempo de formação humana e religiosa que se oferece a todos os membros que já têm uma boa caminhada em anos de Votos, a fim de ressignificar sua consagração e dar fôlego para continuar no crescimento espiritual que a vida religiosa exige. Para os Irmãos de língua portuguesa e espanhola, esta etapa acontecia na Espanha.

<sup>6</sup> El Escorial é o nome dado ao centro de formação para Irmãos de língua portuguesa e espanhola. Localizado em Fuente Nueva, à 4 km de distância do Mosteiro de São Lourenço do Escorial, a alguns quilômetros de Madri.

### 3.2 IRMÃO BASÍLIO E O MUNDO MARISTA

No ano de 1967, iniciou-se o processo para o XVI Capítulo Geral. Era um Capítulo especial, pois estava prestes a se comemorar os 150 anos de fundação do Instituto, e o peso seria dinamizar a vida marista na refundação proposta pelo Vaticano II. O processo desencadeou-se de forma tradicional. Cada Província, pela porcentagem de Irmãos, elegeu seus representantes capitulares, já na primeira metade do ano. Os representantes capitulares estavam responsáveis por pensar os temas de renovação, em certa medida latentes.

Os irmãos das Províncias espanholas<sup>7</sup> reuniram-se em El Escorial pela praticidade e pela estrutura da casa. Ali tiveram longas e densas reuniões. Como o Irmão Basílio era diretor da casa, estava sempre atento às necessidades dos Irmãos que os visitavam. Por seu amplo conhecimento das realidades e experiência, foi convidado a assessorar alguns momentos das reuniões dos Capitulares. Um dos Irmãos disse, na ocasião: “Se os Irmãos do México não elegerem delegado o Irmão Basílio, nós, Irmãos da Espanha o levaremos como consultor” (FLORES, 2019, p. 573). No entanto, sabiamente, os Irmãos da Província do México Central o elegeram Delegado Capitular e a notícia logo chegou à casa de El Escorial.

Basílio então dirige-se ao México, para se reunir com seus Irmãos e tomar conhecimento do andamento da sua Província de origem, afinal estava muito tempo fora dela e, como representante, deveria levar os anseios de seus coirmãos de Província até o Capítulo Geral. No dia 3 de setembro, foi declarado aberto e constituído o XVI Capítulo Geral. Durante as sessões e trabalhos, já se ouvia o nome do Irmão Basílio como sucessor do Ir. Charles Raphael no governo do Instituto. Todas os assuntos e decisões eram pautados nos documentos do Concílio, sendo que os mais visitados eram a *Lumen Gentium* e *Perfectae Caritatis*.

Segundo Flores (2019, p. 575), ao perceber o que estava acontecendo, Irmão Basílio chama o Irmão Raul Coral, seu antigo colaborador no Movimento na Colômbia e indaga-lhe sobre como está sentindo o Capítulo, e o Irmão responde-lhe que ele é grande concorrente a ser Superior Geral. Como estava

---

<sup>7</sup> Províncias espanholas: Bética, Castilha, Catalunha, Madri.

um tanto preocupado, ele consultou o Pe. Lombardi, em comparação ao trabalho que tinha feito no Movimento. E o Padre responde “Basílio, Basílio! A Igreja necessita que você, aceite!”. E assim o fez. No dia 24 de setembro, os Irmãos dirigiram-se à Sala Capitular para eleger o IX sucessor de Marcelino Champagnat. No primeiro escrutínio, os poucos votos nominais eram insuficientes à eleição. Feita a segunda rodada, os votos foram contados, recontados e lidos: Irmão Basílio havia obtido o número necessário dos votos. Seguindo as formalidades, o Irmão Charles indagou-lhe se estava disposto a assumir o cargo para ao qual fora eleito. E o Irmão Basílio respondeu:

Levando em conta as qualidades excepcionais que deve ter um superior geral e conhecendo ao mesmo tempo minhas limitações, minha primeira intenção foi de não aceitar o cargo, mas que querem que lhes diga? [...] Asseguro-lhes entrega total de minha pessoa e de minha vontade para trabalhar com todos os Irmãos do Instituto. Dado que assim decidiram, aceito... me recomendo à proteção da Santíssima Virgem e da do fundador...Essa é minha resposta. (FLORES, 2019, p. 576).

Na sequência, o Irmão Basílio foi acolhido com uma explosão de aplausos. Todos ali presentes prometeram-lhe obediência e Basílio abençoou-os como o novo Superior Geral. Ainda em 1968, ele escreve as Cartas Circulares referentes ao XVI Capítulo Geral, cujo objetivo era conscientizar os Irmãos de levar a sério as diretrizes do Vaticano II. Já na segunda seção do Capítulo apareceu um dos pontos mais delicados para a época: a liberação de alguns membros ao sacerdócio:

O Concílio declara outrossim não haver inconveniente algum que nos institutos de Irmãos, mantida sua índole leiga, para atender às necessidades do ministério sacerdotal em suas casas e por disposição do Capítulo Geral, alguns religiosos recebam as ordens sagradas (PC 10).

As posições estavam bem polarizadas. Segundo relata-nos Flores (2003, p. 15), ouvia-se nos bastidores que “alguns Irmãos deixariam a Congregação se se aprovasse o sacerdócio e alguns outros que se retirariam se não se aprovasse”. A sugestão do Capítulo e aprovado pelo Irmão Basílio foi que se mantivesse o assunto em estudo até o próximo Capítulo Geral, pois, nesse

período, seria feito um estudo detalhado, teológico e científico em vistas de uma solução adequada.

No intervalo dado ao Capítulo, o Irmão Basílio fez uma viagem à África, visitando 11 países em 48 dias. Trouxe para a última sessão Capitular uma avaliação com situações concretas e possibilidades reais para um plano de governo. Declarou: “É necessário responder ao chamado da Igreja e do Concílio a favor dos Povos. A abertura à evangelização da África se faz acelerada e urgente” (FLORES, 2019, p. 578). Por fim, o Capítulo é encerrado, com palavras de ânimo aos Irmãos e de alegria nas renovações. A partir da viagem à África, iniciaram-se visitas a todas as Províncias Maristas.

### *3.2.1 Ações significativas como Superior Geral*

Depois de uma longa caminhada, servindo em um movimento que não tinha vínculo direto com seu Instituto, viajou e conheceu muitos jeitos de ser Igreja, culturas e situações diversas que ampliaram seus horizontes, o que o ajudaria como Superior Geral na renovação pedida pelo Vaticano II. Agora, como Superior Geral dos Irmãos Maristas, o pensamento ocorreria de forma mais reduzida, no âmbito da sua própria Congregação, que, não sendo alheia à Igreja, sofria dos mesmos males, ou semelhantes, e das mesmas alegrias. Irmão Basílio precisava responder à altura ao que a Igreja e o seus Irmãos esperavam do cargo para o qual fora eleito no pós-Vaticano II.

Um dos temas que tocaram a missão do Irmão Basílio foi o concernente aos responsáveis pela renovação e adaptação:

Compete, porém, aos capítulos gerais, com recurso, quando necessário, à Sé Apostólica ou ao ordinário do lugar, de acordo com as determinações do direito, estabelecer as normas da renovação, promulgar as leis necessárias e autorizar, com prudência, certas experiências. Neste trabalho de adaptação, os superiores, contudo devem procurar consultar sempre e ouvir, dentro das possibilidades, todos os membros do instituto. (PC 4).

Irmão Basílio conclui esse mesmo número com a seguinte observação: “Lembrem-se todos de que, na renovação, deve-se esperar muito mais da fiel observância da regra e das constituições do que a multiplicação de novas leis” (PC 4). E foi nesta perspectiva que, juntamente com seu Conselho Geral, o Irmão

Basílio fez sua viagem à África. Posteriormente, visitou as demais províncias, na intenção de ouvir e recolher o maior número de sugestões possíveis, visto que o decreto não subtrai aos Superiores o papel que lhes é próprio.

A metodologia de visita às províncias foi na modalidade de retiros espirituais, que, além de cumprir o objetivo da sua visita, facilitavam sua agenda, pois todos os Irmãos da província são convocados ao retiro. Pode-se dizer, de maneira geral, que todos os Irmãos do Instituto, na época, tiveram contato com o Superior Geral.

Como a renovação iria ocorrer pela primazia da vida espiritual e não por leis “por isso os religiosos devem haurir das fontes autênticas da espiritualidade cristã e assiduamente cultivar a oração e seu espírito” (PC 6), os retiros vieram a calhar de maneira significativa e deram muitos frutos.

Segundo Flores (2003, p. 579), o retiro compunha basicamente de duas partes, uma pelo que é fixo e constituinte do Instituto e da renovação que se inicia, e a outra parte, mais extensa que a primeira, é composta a partir da realidade local. Os cinco primeiros dias sucediam-se em total silêncio, para aprofundamento e oração, e os três últimos dias eram de ações concretas e construção de resoluções.

Outra metodologia que foi utilizada, bem mais que os seus antecessores, foram as Circulares. As circulares chegavam a todas as províncias e tornaram-se um grande “jornal” com informativos sobre andamentos, decisões, os resultados de pesquisas, sensos, a avaliação das viagens, mas também se tornaram uma “biblioteca” com troca de conhecimento. Algumas de suas Circulares viraram livros, pois ajudaram não só a vida marista, mas também outras congregações e a Igreja. Mais adiante, retomaremos algumas Circulares que nos ajudarão a abordar o tema proposto para este trabalho.

Se passarmos rapidamente sobre o panorama das circulares, é claro que algumas visam à mudança de coração: Entretenimento sobre a oração; A meditação, A obediência, Um novo espaço para Maria, O espírito do Instituto; outras levam a reflexão sobre a vida Comunitária: A vida comunitária, O projeto comunitário, O projeto de vida comunitária; outras fazem tomar consciência sobre a Igreja, do mundo e dos apelos do Fundador para que nosso apostolado se adaptem às mudanças que se produzem: é o sentido da primeira Circular de 2 de janeiro de 1968. A Circular sobre a Fidelidade. (BIGOTTO, 2003b p.17).

Todas as circulares apontam para o que sonhava o Irmão Basílio à vida marista. Eram ensinamentos que derivavam de coragem, segurança, e claro, de uma rica doutrina.

### 3.2.2 O XVII Capítulo Geral: reeleição

Como se pode analisar, os oito anos como Superior Geral passaram rapidamente. Foram tantas as viagens, tantos os encontros, tantos os escritos que chegou o momento de convocar o XVII Capítulo Geral. Na Circular de Convocação, o Irmão Basílio escrevia:

Certo de que um Capítulo Geral constitui, por si mesmo, um fato importante na vida da Congregação, o que lhes anuncio reveste, ademais, a seguinte peculiaridade: nele vai ser avaliada nossa experiência atual de vida religiosa...os canais pelos quais ela transcorreu dentro da fidelidade ao Concílio Vaticano II e aos impulsos do Espírito. (FLORES, 2019, p. 583).

Foram muitas as coisas encaminhadas, e por mais que os relato de alguns Irmãos era de que o Irmão Basílio não queria continuar, a assembleia capitular decidiu que ele deveria ficar mais um mandato, para firmar os processos, visto que ele estava à frente de decisões importantes. Irmão Basílio, com seus 52 anos de idade, é reeleito Superior Geral dos Irmãos Maristas.

Às 13 horas, a Rádio Vaticana difundia a notícia da reeleição e nos comentários se ouvia: Irmão Rueda conseguiu criar um vasto Movimento de Renovação Espiritual, empregando um método especial de Exercícios organizados por ele...Os Irmãos Maristas são atualmente 7500 Religiosos espalhados em 52 províncias. (FLORES, 2019, p. 584).

Pode-se dizer que o primeiro mandato do Irmão Basílio deu-se de forma mais construtiva, com o exercício de coleta de dados dos temas propostos para o XVI Capítulo Geral, e divulgação de conteúdo levando a adequação do Instituto ao Vaticano II.

Nas reuniões prévias ao XVI Capítulo Geral realizadas na Espanha e presididas pelo Irmão Teófilo, provincial de Levante, e moderadas pelo Irmão Basílio, foram tratados os seguintes temas: Fidelidade ao Instituto, Governo, Instituto religioso ou leigo? Centros de formação

permanente, Testemunho coletivo de pobreza, Sacerdócio, Oração etc. (FLORES, 2019, p. 574).

No segundo mandato, buscou-se uma devolutiva para saber o que estava sendo implantado (cf. PC 3) e o que ainda não estava caminhando. Para suprir as dificuldades, era preciso investir mais energias para que se desenvolvesse a implementação do Vaticano II, e aos temas que ainda não haviam sido tocados suficientemente, fosse dado o devido tempo e a devida divulgação. Uma das avaliações era de que no seu primeiro mandato tratou-se pouco de Maria, o que deveria ser retomado. Foi neste segundo mandato que o Irmão escreveu a Carta Circular sobre Maria, reeditada posteriormente como livro de publicação aberta.

No primeiro período de superior geral o Irmão Basílio tinha feito um *'mea culpa'* por não ter falado ainda mais nos retiros de renovação sobre a Santíssima Virgem, na linha do Vaticano II, para apresentar a devoção solidamente fundamentada nos seguintes aspectos: a) bíblico, já que Maria, a Mãe de Cristo, está presente na dinâmica da História da Salvação; b) patrístico, quer dizer, ver o rosto de Maria como apresenta os padres da Igreja, na mais autêntica tradição e mais pura ortodoxia; c) litúrgico, tomando como base a Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

A *Lumen Gentium* e o documento *Marialis Cultus* convidam os fiéis a que busquem Maria, sobretudo na liturgia ecumênica e missionária, apresentando-a como 'a Mulher Nova', modelo e ajuda, num humanismo cristão e numa autêntica libertação humana. (FLORES, 2019, p.582).

O Irmão Basílio estava inquieto com algumas Províncias que estavam tardando em aderir às documentações e às normativas de renovação que a Casa Geral, com muito esforço, vinha elaborando, baseadas no Concílio. A propósito disso, ele escreveu que: "Não podemos permitir-nos o luxo de semelhante desperdício de tempo [em relação ao primeiro mandato]. Sem demora, teremos de descobrir e amar o que produzimos" (FLORES, 2019, p. 584).

No tocante às orientações decisivas, neste segundo tempo, o empenho em dar uma formação mais atraente e eficaz aos candidatos à vida marista é um apelo manifesto em várias reuniões e das conferências proferidas pelas províncias.

Nossa maneira de conceber a formação, com efeito não mudou muito, o que é grave para o futuro, dado que a juventude mudou profundamente. A mudança a que se deve visar nas casas de formação deve ultrapassar profundamente as estruturas das etapas e dos níveis [...] e ao mesmo tempo novas maneiras de ser; depois encontram

também comunidades e superiores acolhedores, capazes de compreendê-los de continuar a formá-los... Ou então, perdemos boa parte, talvez a melhor, dessa juventude. (BIGOTTO, 2003b, p. 18).

Outros legados que valem muito explicitar são os seguintes: a abertura aos pobres e às missões; a estruturação da Casa de l'Hermitage como santuário marista e centro de formação do espírito do fundador; a abertura do Ano da Espiritualidade de Champagnat para animar e reacender a figura de Marcelino na congregação, torná-lo, novamente, espiritualmente presente; a estruturação dos centros de formação integrada da África, em Nairóbi, e para a Ásia e Oceania; em Manilha, para a formação dos jovens Irmãos destes continentes, numa nova perspectiva de missão, de pastoral e de instituto global (Cf. PC 2).

Ademais, não se deve deixar de registrar a participação de Irmão Rueda no Sínodo sobre a Família. Consultado com antecedência, foi convidado pelo Papa João Paulo II para dirigir uma palavra aos bispos, em virtude da importância da escola católica dentro do tema da família. O tempo regimental era de apenas oito minutos, mas, durante a exposição, concederam-lhe o tempo necessário para terminar sua colocação. Segue trecho de sua fala aos padres sinodais:

Neste momento formulo meu desejo e minha vontade de sensibilizar, quanto possível, minha Congregação, as instituições e os demais educadores com que tenho contato, a fim de responder especificamente à tarefa de uma reta educação para a vida familiar e, de modo especial, orientar esse serviço para aqueles que, por provirem de famílias incompletas ou esfaceladas, ou por carecerem de amor ou de qualidades relevantes, por serem pobres em dinheiro, na ordem social, em qualidades intelectuais ou físicas, necessitam mais vivamente que nossa ação lhes torne tangível o rosto paterno de Deus e a ternura da Igreja, mãe e educadora. (FLORES, 2019, p.587).

Em comentário posterior a sua participação no Sínodo, fazendo uma avaliação do Instituto, afirmou que, no terreno da educação, sentia que a Congregação estava como que fora de órbita: “Padre Champagnat nos concebeu e formou para sermos educadores da fé e da vida cristã, mas nós, pouco a pouco, fomos perdendo esse terreno, reduzindo quase que exclusivamente à instrução científica” (FLORES, 2019, p. 588).

Deve-se a ele, ainda, como Superior Geral, ter supervisionado os trabalhos para a redação final e emissão das Constituições, de forma definitiva,

aprovadas em 07 de outubro de 1986, no XVIII Capítulo Geral e publicada no governo do Irmão Charles Howard; que estavam *ad experimentum*<sup>8</sup> nos 16 anos de seus mandatos:

Essas Constituições são verdadeiro presente do Espírito Santo, são muito evangélicas: expressão de uma Congregação que se renovou muito; são uma Regra de Vida que forma religiosos segundo o desejo do Concílio, por forte retorno ao Evangelho, às origens e por uma resposta mais apropriada ao mundo de hoje. (BIGOTTO, 2003b, p.19).

Outra questão a ser definida era a opção ou não pelo presbiterado, entre Irmãos do Instituto (cf. PC 10), decisão esta que não deveria tardar mais, pois era uma decisão que poderia afetar a identidade laical do Instituto e distorcer o princípio fundador de Marcelino Champagnat, “Não existe entre eles distinção alguma de classe ou observância: são religiosos leigos<sup>9</sup>, irmãos de uma mesma família, unidos entre si pela caridade e a obediências às Constituições” (DC p.14). Entre o primeiro mandato e o segundo, aproximadamente 30 Irmãos teriam entrado em seminários, e muitos ainda esperavam a oficialização ou não para buscarem a vida sacerdotal. Então, já no XVII Capítulo Geral, ficou definido que:

Depois de ter estudado a sondagem feita pelo Conselho Geral, depois de ter ouvido amplamente os prós e os contras da introdução do sacerdócio em nosso Instituto, e depois de ter rezado em um clima de serenidade...O XVII Capítulo Geral decidiu que o Instituto permaneça, por enquanto, com seu caráter leigo sem nenhum sacerdote. (FLORES, 2019, p.586).

Para o início de seu processo de canonização, foram coletadas algumas informações, e, na Revista Vida Religiosa, de março de 1996, pode-se analisar o apreço e reconhecimento de quem teve a oportunidade de lê-lo e ouvi-lo: “Pode- se afirmar que foi um dos guias mais ouvidos e mais equilibrados dos

---

<sup>8</sup> Seguindo a normativa da PC 4 que pedia a revisão das Constituições, o XVI Capítulo Geral teve a função de adequá-las a tal mandato. Durante o primeiro período capitular os projetos do novo texto não puderam ser aprovados por falta de tempo. Foi nomeada uma comissão, para entre os períodos, elaborar um novo e único projeto. No segundo período foi entregue, e de artigo em artigo, se obteve a adesão unanime dos Capitulares. Assim se chegou ao texto que ficou em experimento e adequação até o XVIII Capítulo Geral.

<sup>9</sup> Optou-se pelo Instituto seguir sendo uma Congregação estritamente laical. Ou seja, sem que os Irmãos possam pedir as ordens sacras. Os Irmãos que almejavam, mediante discernimento, deveriam adequar seu estilo de vida. Aos candidatos, deveria ser dada clareza quanto à identidade do Instituto.

anos da renovação conciliar, não só no Instituto dos Irmãos Maristas, mas em geral, de toda a vida religiosa” (FLORES, 2019, p. 588).

Esses são alguns dos pontos decisivos e que temos como herança do governo encabeçado pelo Irmão Basílio Rueda. Ainda neste capítulo, será aprofundado mais, por meio das circulares, os pontos basilares e fundamentais para o Instituto, retomados e ressignificados na época. Esses pontos já foram elencados no primeiro capítulo.

### *3.2.3 Retorno à pátria e volta à casa do Pai*

De maneira sintética, queremos concluir a história do Irmão Basílio, antes de partimos ao aprofundamento de seu legado. Para a redação da Carta Circular sobre “A Fidelidade”, Rueda despendeu muito tempo do ano de 1984, sobretudo porque, simultaneamente à redação, ocorria a preparação do XVIII Capítulo Geral. Tinha também muito trabalho acumulado dos dois Generalatos, mas, por fim, concluiu tudo dentro da programação, sem muitos contratempos.

Neste Capítulo Geral, foi eleito o Irmão Charles Howard como superior geral, que deu ao Irmão Basílio um ano sabático e este o liberou para que atuasse na área que melhor lhe aprouvesse. Irmão Basílio solicitou ao seu Provincial de origem para que lhe desse uma nomeação. Regressou ao México, em 24 de dezembro de 1985, onde se reintegrou à Província e reaproximou-se da família, da qual por oito anos estava um pouco afastado.

Em 1988, o noviciado da Província do México Central foi transferido a Tlalpan, e o Irmão Basílio foi nomeado mestre de noviços. “Desde o primeiro momento se encarregou da remodelação do imóvel e, em especial, de desenhar uma capela apropriada à liturgia e a oração, a fim de facilitar a contemplação e a união com Deus” (FLORES, 2019, p. 597). Inúmeras vezes Irmão Basílio ausentou-se do noviciado para proferir palestras e conferências a diversas congregações religiosas e também para províncias do Instituto.

Em 1990, foi convidado a retornar à Casa Geral para coordenar um curso de 18 meses para os futuros mestres de noviços, experiência que não foi nada fácil, pelas diferentes nacionalidades, culturas e concepções religiosas formativas pré-conciliares que alguns ainda insistiam em manter.

A escolha foi acertada, pois o Irmão Basílio possuía a liderança e a ascendência necessárias para manter o rumo e conduzir o grupo a porto seguro. Antes de começar o curso foi necessário arrumar a casa; Irmão Basílio e sua equipe se incumbiram do aprovisionamento: compras, previsão de mudanças, limpeza, locais e outras tarefas. (FLORES, 2019, p. 599).

Chegando à eminência do XIX Capítulo Geral, Irmão Basílio ainda era membro de direito e, em 1993, assistiu pela quarta vez um Capítulo Geral. Sempre de boa articulação e consultado por muitos Irmãos, compartilhou sua experiência com os mais jovens e preparou-se, da melhor forma possível, para tal acontecimento.

A idade avançada já o impedia de realizar algumas ações, e as consultas a médicos e hospitais tornavam-se frequentes. No entanto, em maio de 1995, é nomeado consultor da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. O prefeito, cardeal Martínez Somalo, assim expressou-se nas páginas do *L'Osservatore Romano*:

Em carta n° 374 007, de 10 de abril, o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado, notificou que sua santidade João Paulo II quis nomeá-lo consultor desta Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica *ad quinquennium*, segundo as normas vigentes. Assinado: Cardeal Martínez Somalo, Prefeito. (FLORES, 2019, p. 606).

Mas o Irmão Basílio não terminou o quinquênio como consultor. Essa nomeação pode ser considerada muito mais um reconhecimento pela vida doada pela renovação de seu Instituto e de toda a vida consagrada no pós-Concílio, ou seja, foi como um carimbo de agradecimento da Igreja.

Por complicações do mau funcionamento dos rins, seu coração e pulmão sofreram com a retenção de líquidos. Em decorrência disso, ele ficou muito frágil para um transplante de rim. Então, às nove horas e quarenta minutos do dia 21 de janeiro de 1996, o Irmão Basílio Rueda fez sua passagem ao amor infinito do Pai. A notícia espalhou-se rapidamente. Nas homenagens fúnebres, notava-se claramente o carinho, estima e veneração ao Irmão Basílio que disse uma vez a um outro irmão:

Fiz bem? Fiz mal? Isso não me inquieta, coloco tudo nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai, nas quais me sinto profundamente tranquilo, agradecido e cheio de louvor. Sei que não há melhores mãos

do que as de Deus, e nessas mãos me coloquei. (FLORES, 2019, p. 617).

A vida deve ser vivida com intensidade, intensidade no amor próprio e no amor às causas que acreditamos. E dentre os inúmeros cristãos que viram a oportunidade de uma Igreja renovada com o Vaticano II, Irmão Basílio foi um que doou toda a sua vida em prol dessa renovação. Isso fez a vida religiosa só ganhar, e o Instituto dos Irmãos Maristas ter sólidas orientações e direcionamentos nesse período que também foi de grandes mudanças para a Igreja.

### 3.3 ESCRITOS SOBRE A VIDA COMUNITÁRIA

No ano de 1970, o Irmão Basílio lança a Carta Circular sobre a Vida Comunitária. Desde a última carta circular, passou-se um ano e meio. Para a época, era um tempo considerável, pois as comunicações e as informações eram mais bem transmitidas por meios de publicação. O motivo do atraso é que o Irmão Basílio quis dar mais tempo aos membros do Instituto para que pudessem estudar melhor os Documentos Capitulares (XVI CG de 1967). Havia muita coisa a ser tratada, a ser escrita nesse novo tempo da Igreja e da Congregação, e a carta circular dá a entender que o Irmão sente como que uma ansiedade para dispô-los aos Irmãos. No entanto escrever, enviar e a recepção dos textos dispunham de muito tempo.

Na quinta parte da circular, eu tinha dito que, por várias razões como falta de tempo, número razoável de páginas que não deveria ultrapassar, e outras conveniências, alguns temas foram abreviados ou suprimidos, e prometia desenvolvê-los mais tarde.

Se renunciar àquele propósito, decido convidar-vos neste ano de 1970, a fazermos juntos algumas reflexões sobre um tema ao qual me parece que é devida prioridade: a vida comunitária. (C2 p. 48).

Essa carta circular tem um misto de experiência própria, observação da realidade, desabafo e esperança.

Uma vida comunitária deficiente é origem quase inevitável duma série de males: a vida de oração e a vida de apostolado enfraquecem; diminui ao mesmo tempo a satisfação que se sentia na religião e, finalmente é atingido o dinamismo do dom de si mesmo, de todo o

grupo social que, ao mesmo tempo, vive e sofre o fenômeno do qual é responsável e vítima. (C2 p. 48).

O Irmão Basílio acreditava que a vida comunitária deve ser autêntica: quando não se dá à vida comunitária a devida importância, só se espera, coloca nela todo o sentido da vida religiosa, ela tornar-se-á um fenômeno passageiro. É preciso despertar a alegria de uma nova maneira de viver a vida comunitária, que seja mais visível ao mundo e que seja presença do Espírito Santo.

Agindo desta maneira, damos realmente um passo avante no esforço de renovação e de adequação que se deve realizar na face da Igreja. E a este esforço foi ela quem chamou, como ela se chamou a si mesma, nos documentos do Vaticano II. (C2 p. 51).

Já no início dessa carta, o Irmão enfatiza que a vida fraterna, em família, não resume-se à vida comum e em reconhecer o mesmo superior, e sim pela fé, pela caridade, na partilha de fé e de vida, ou seja, em atitudes evidentes de profunda atenção ao Espírito que atua em todos (Cf. C2 p. 50). Essa circular divide-se em seis partes. Ela é um misto entre teologia, psicologia e filosofia, abordando assuntos como natureza, mistério, composição e eclesialidade de uma vida comum. O sexto capítulo dessa circular muito nos interessa, pois faz um levantamento da situação da vida comunitária e quais os passos para a renovação.

Foi uma circular tão bem escrita que posteriormente foi editada e publicada como livro. Depois de algumas adaptações, removendo-se o que era exclusivo a vida marista, foi publicada numa coleção denominada “Eu sou... aquele que serve”, que foi o nono livro da coleção.

Essa coleção abordou temas recorrentes no pós-Concílio como a vocação, a obediência, o sacerdócio, a renovação da vida religiosa. Irmão Basílio colaborou com o tema da vida comum. Seus colegas autores foram teólogos de grande renome na renovação pós-conciliar tais como: Congar<sup>10</sup>, Tillard<sup>11</sup>,

---

<sup>10</sup> Yves Congar, teólogo dominicano e Cardeal francês. Foi um eclesiólogo renomado do século XX, que ajudou na abertura da Igreja na implantação do Vaticano II.

<sup>11</sup> Jean Tillard é considerado como um dos grandes eclesiólogos da segunda metade do século XX. Dominicano, dedicou sua vida à docência e a teologia dogmática e ao diálogo ecumênico.

Galot<sup>12</sup>, Guillou<sup>13</sup>, entre outros. O segundo livro, com base nesta carta circular, foi publicado a pedido do Instituto Teológico de Vida religiosa de Madrid, com o título de “Projeto Comunitário”, para abordar justamente o que na vida marista é conhecido de “Projeto de Vida Comunitária” (PVC), presente no Instituto até os dias de hoje:

Agradecemos, uma vez mais, com esta breve nota, o serviço que o Irmão Basílio Rueda está apresentando à vida religiosa ao permitir que seu magistério de Superior Geral se faça extensivo e se difunda entre os religiosos e religiosas que seguem buscando uma forma de centrar sua vida e potencializar sua missão. (RUEDA, 1981, p. 7).

Ambos os livros, juntamente com a carta circular, servirão de base para o texto desta seção. Dos sete elementos a serem analisados, partiremos da vida comum, abordando assim os demais.

O estudo e a consideração do que deve ser a vida em comum podem despertar em nós maior alegria através de uma nova maneira de viver. Podem tornar mais visível ao mundo e no mundo a presença atuante do Espírito Santo, no qual tem origem o amor místico que faz com que nos amemos em Jesus e assegura assim a unidade dos discípulos. Agindo desta maneira, damos realmente um passo avante no esforço de renovação e de adaptação que se deve realizar na face da Igreja. E a este esforço foi ela quem nos chamou, como ela se chamou a si mesma, nos documentos do Vaticano II. (RUEDA, 1973, p. 6).

A vida comum é de grande importância para que se possa viver como irmãos, como uma família unida em Cristo: “A unidade dos irmãos manifesta o advento de Cristo (Cf. Jo 13, 35; 17,21), e dela dimana uma grande virtude apostólica” (PC 15). A vida comunitária é fortificada no cotidiano, na oração pessoal e na oração comunitária e litúrgica:

O verdadeiro senso de fraternidade leva-nos a procurar a união com Deus na relação com os outros e o serviço dos outros, e faz-nos apreciar as riquezas santificantes da vida comum. É por isso que não nos deixa cair no erro daquele que quisesse limitar as relações à procura, unicamente, duma santidade esvaziada – por amor para com Deus – do amor do próximo. (RUEDA, 1973, p. 23).

---

<sup>12</sup> Jean Galot, sacerdote Jesuíta. Bélgica. Doutor em jurisprudência (Lovaina) e em teologia (Gregoriana). Escreveu diversas obras de teologia dogmática e exegese. Esponte escritor no pós-Vaticano II para a renovação da vida religiosa consagrada.

<sup>13</sup> Marie Joseph Le Guillou, teólogo dominicano, professor de moral e teologia dogmática. Fundou o Instituto Superior de Estudos Ecumênicos.

É também sobre a comunidade orante que o Irmão Basílio cita Galot, descrevendo que é a oração o meio mais privilegiado de unir uma comunidade, “a união íntima dos religiosos com Deus é a coisa mais forte que os possa unir entre si” (RUEDA, 1973, p. 20). Na segunda parte do livro, encontram-se muitas obras de referência a Galot. Algumas dessas obras fazem parte da bibliografia deste trabalho.

É necessário fazer os reajustes exigidos pelo Concílio entre a espiritualidade e a vida comunitária, a partir do que se deseja para os Maristas, a fim de que seja assertiva. “Por isso, cada família religiosa deve procurar fazer os reajustamentos exigidos entre a sua espiritualidade e a vida comunitária que ela deseja para seus membros, a fim de que esta seja bem acertada” (RUEDA, 1973, p. 21). É a oração que brota de cada carisma, enriquecida com o exemplo de outros carismas presentes na Igreja, que fará com que este se perpetue.

A riqueza presente na vivência comunitária deve ser assumida e purificada na espiritualidade que se torna caridade. “Os religiosos estão unidos na posse daquilo que o Concílio chama de ‘patrimônio do instituto’” (C2 p. 81<sup>14</sup>), que é o reconhecimento da herança carismática, dos intentos do fundador, da tradição e de como essas características se manifestam pela via da caridade.

Toda a terceira parte desta Carta Circular – intitulada “dimensão mística da comunidade” – está referenciada pela caridade:

A comunidade religiosa, na sua essência mais íntima, deve ser um conjunto de cristãos reunidos sob o Espírito Santo, para viverem o cristianismo de maneira particular e com todas as suas implicações, isto é, o exercício do amor para com Deus e para com o próximo, procurando e praticando infatigavelmente. (C2, p. 109).

Uma constante, nos textos estudados, é a questão testemunhal, que vai aparecendo como algo que deve ser uma realidade, seja na oração, na vida comunitária, na caridade, na alegria do que se vive e professa, o que comprova a legitimidade da vida religiosa. A propósito disso, o Irmão Basílio assim descreve: “A ausência de caridade fraterna é prova inegável de que estamos ‘mortos’” (C2, p. 110).

---

<sup>14</sup> Com referência a PC 2.

A caridade só é caridade se for gratuita, se for universal, se impulsionar ao heroísmo e relação íntima com Deus. “Um cristão, um religioso não têm o direito de ter relações humanas não caridosas, senão, para que teria sido derramado em nós o Espírito Santo? (Rm 5,5)” (C2 p. 61). Irmão Basílio (C2 p. 127) ajuda-nos na reflexão, dizendo que a vida comum deve ser colocada num novo contexto bíblico, teológico, litúrgico como fez o Concílio Vaticano II na PC.

Assim entendia a vida comunitária o Padre Champagnat quando afirmava que a vida em família, autêntica, é a “caridade em prática, com todas as suas qualidades em exercício habitual”. E assim a entendeu também o Capítulo Geral, nos textos para a renovação do Instituto. (RUEDA, 1973, p.68).

Analisando alguns subtítulos desta Carta Circular, nota-se a ênfase dada ao aspecto da vivência, do testemunho. A comunidade é dada como: objetivo do amor, atmosfera do amor, verificação permanente do amor, fruto do amor e motivação para o amor, ou seja, a vida comunitária está intimamente ligada a oração, ao testemunho e à caridade.

Sobre a comunidade que é testemunho, o Irmão Basílio escreve no livro sobre o Projeto de Vida Comunitária: “Esta comunidade tem que ser sinal profético, um achado, por assim dizer, sacramental, que se poste de maneira clara, como se pode ver, a partir de nossa condição de construtores do Reino” (RUEDA, 1981, p. 52). E termina dizendo que hoje temos muita facilidade e liberdade na religião, nosso testemunho pode ter enfraquecido, e que é possível ser testemunhos mesmo numa sociedade em paz.

O Irmão Basílio acredita que é também na comunidade que se encontram as forças necessárias para a vivência dos votos religiosos. Esta experiência caracteriza-se como vida partilhada, de mútuo suporte, de avisos fraternos, de empatia que os votos não se tornam um fardo, ou mera profissão, mas sim vivência e diferencial do religioso.

Toda nossa religiosidade- tomando a palavra no sentido de cultura e desenvolvimento de uma vida de relações com Deus- é vã se o amor do próximo não está nela. Quem estivesse nesse estado perderia seu tempo e seus esforços sem resultado algum, o que seria lamentável para um religioso; os seus votos, com efeito especialmente o de castidade, vividos pelo Reino dos Céus, devem por sua própria essência, gerar no coração uma força de amar, um estilo de amor de qualidade superior. (RUEDA, 1973, p. 55).

Temos também, no texto das Constituições, revisadas por mandato do Vaticano II (cf. PC 3), algo similar e de referências aos votos e sua vivência a partir da vida comunitária.

A consagração, por meio dos votos no seio de uma comunidade apostólica permite aos religiosos externar com maior profundidade e maturidade a graça da confirmação no espírito das Bem-Aventuras. Sem ser do mundo garantem a presença de Deus no mundo. (C 7).

A finalidade da vida religiosa, para os sujeitos consagrados, é alcançar a perfeição da caridade<sup>15</sup> conforme o Evangelho, como comunidades-sinais do Reino de Deus. Tudo conflui em nos ordenar a Deus e ao próximo: “Cremos não só em Deus, mas também no próximo<sup>16</sup>” (C2 p.175). O Vaticano II, por meio da PC, perfilou uma vida religiosa com novo panorama, no qual a vida comum recupera seu valor e sentido ao lado dos elementos tradicionais de pobreza, obediência e castidade:

Por isso não se pode aceitar como válida e bem realizada qualquer renovação que prescindia da vida comunitária. A verdadeira revisão da pobreza, da castidade e da obediência há de acarretar como consequência a reestruturação da vida de caridade na comunidade; e vice versa, empenhar-se a fundo no viver comunitário há de produzir o redescobrimto do valor e da função dos votos religiosos, e desusadas motivações para a sua renovação; porque votos, caridade fraterna e vida comum estão mútua e indissociavelmente coordenados. (RUEDA, 1973, p. 107).

Analisando o livro *Projeto Comunitário*, encontramos, de forma mais objetiva, os outros dois elementos restantes. E ressaltamos a importância deste instrumento na recepção do Concílio no Instituto Marista, pois foi nos governos do Irmão Basílio que o Projeto de Vida Comunitária (PVC) tornou-se tradição no Instituto. Passou inclusive a estar presente nos estatutos/ normas do Instituto, como vemos no número 50.1 nos *Estatutos* maristas:

O Projeto de Vida Comunitária é um meio importante para construir a comunidade marista. Permite exercer a corresponsabilidade na procura da vontade de Deus. O Capítulo Provincial decide quanto a sua obrigatoriedade para as comunidades. Esse projeto incide sobre alguns pontos das Constituições de acordo com a situação concreta da comunidade. Leva em conta as prioridades da província, indicadas pelo Irmão provincial, segundo as orientações do Capítulo. Deve ser

---

<sup>15</sup> Baseado na GS 38.

<sup>16</sup> Há uma dimensão de próximo que nos foi revelada, e cremos nela no sentido operante da fé.

aprovada pelo Irmão Provincial. (IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS, 2010, p. 49).

Por mais que alguns aspectos da vida monástica tornaram-se modelares à vida religiosa ativa, foi com o Vaticano II que os Maristas apropriaram-se com maior convicção do termo “contemplativos na ação”, ajudando numa definição mais clara, na distinção entre a vida contemplativa e a vida ativa na vida religiosa. Afinal, contemplação e ação apostólica formam uma unidade. Segundo Caliman (2012, p. 65), o que não poderia era a vida apostólica ficar a parte da espiritualidade, da oração, da meditação e da contemplação. Não era porque se tinha uma vida ativa que ia se omitir a vida de oração:

A vida comunitária não se pode resumir ao que se vive porta adentro, nem somente o que se vive porta a fora, por exemplo a atividade apostólica. É co-natural a vida religiosa situar em mesmo nível, tanto o compromisso da atividade apostólica, realizado por via obediência, como o testemunho devido aos Irmãos no mistério de amor da vida comunitária e, também a oração, tanto pessoal como a aquela que se realiza na comunidade. (RUEDA, 1981, p. 51).

O Irmão marista é um apóstolo comunitário – insiste Irmão Basílio, pois o compromisso apostólico é uma tarefa comunitária. Também se pode dizer que o primeiro apostolado do Irmão, a reta vivência comunitária, sua dedicação e seu testemunho de uma vida comum e fraterna é testemunho ao mundo de vida consagrada: de fraternidade e de que o Reino pode e dever ser vivido já aqui na terra.

A comunidade, pelo testemunho do amor fraterno de pessoas consagradas, já é evangelizadora no seio da Igreja local. Além disso, oferece a seus membros os meios adequados à finalidade do Instituto. Aberta a ação pastoral, faz seu o trabalho apostólico de cada um dos seus membros. Por sua vez, cada Irmão, seja qual for seu trabalho, integra-se plenamente na comunidade para que cresça a caridade. (C 58).

Seguindo o exame de consciência feito pelo Irmão Basílio – de que no seu primeiro mandato teria falado pouco de Maria – e para resolver essa situação, escreve uma Carta Circular sobre Maria, no seu segundo mandato. Faz isso para esclarecer que, nem na circular, nem no livro apologia e desmitificação da vida comum e nem no livro sobre o projeto comunitário são encontradas referências

significativas à pessoa de Maria. Para um pesquisador marista, isso chega a ser até inquietante.

No entanto, utilizaremos um texto das Constituições, renovadas e aprovadas no generalato do Irmão Basílio para tecer o paralelo de Maria e a vida comunitária. “A exemplo da comunidade do Cenáculo, unida no Espírito Santo no dia de Pentecostes, a comunidade marista reúne ao redor da Rainha dos Apóstolos os Irmãos, animados por uma identificação à vocação apostólica” (C 53).

A vida de Maria é um exemplo para a vida comunitária, pois, desde a atenção, o serviço à sua parente Isabel em Caná ou na vida simples e laboriosa de Nazaré. Maria foi transmitida aos Maristas através de um pensamento brilhante e uma vida autêntica do Padre Champagnat, que, em seu testamento espiritual, escreve: “Que uma terna e filial devoção vos anime em todos os tempos e em todas as circunstâncias para com a nossa Boa Mãe. Fazei-a amar por toda a parte tanto quanto vos seja possível” (RUEDA, 1976, p.111). É nessa inspiração que o padre Champagnat definiu nossa vida comunitária, e que, com plena certeza, estava enraizado na vida e missão do Irmão Basílio Rueda.

O Irmão Basílio quer que a relação com Maria retome a intencionalidade primeira da fundação: “Sempre houve no Instituto a vontade de situá-la como Mãe, Primeira Superiora e, sobretudo como Recurso Habitual” (RUEDA, 1976, p. 124), e o que se via no Instituto era um clima marial, mas com fortes questionamentos.

Seguindo o apelo do Concílio Vaticano II que exorta “ao considerarem a singular dignidade a Mãe de Deus, se abstenham com cuidado, tanto de qualquer falso exagero, como também de demasiada pequenez de espírito” (LG 67), era preciso essa retomada à espiritualidade na vida em comunidade, que deveria ser mais orante, caritativa, missionária e testemunhal dos ensinamentos de Cristo.

### 3.4 ANÁLISE SOBRE “O ESPÍRITO DO INSTITUTO”

Em setembro de 1975, o Irmão Basílio escreve uma Carta Circular, próxima à convocação do XVII Capítulo Geral, a “Circular sobre o Espírito do Instituto”:

Certo dia de 1975, foi-me apresentada uma questão a respeito do nosso espírito. Procurei responder por uma conferência seguida de diálogo. Depois voltei ao assunto de maneira mais profunda, com um centro de espiritualidade; essas reflexões, agora escritas, são propostas à vossa meditação. É preciso, efetivamente, que o espírito de nosso Instituto continue a ser um princípio de vida para os Irmãos e os aspirantes numa busca e fervor autênticos; e é esta a finalidade que tenho em vista desta circular. (C3 p. 127).

Na obrigação de voltar às fontes, Irmão Basílio recorre aos textos originários, que remetiam ao Padre Champagnat, em especial a biografia escrita pelo Irmão João Batista Furet, e encontra elementos fundamentais que descrevem o espírito do Instituto, que manifesta a real intenção e intuição de Marcelino para a fundação. O Irmão João Batista, biógrafo do fundador, escreve uma das concepções de Champagnat sobre os Irmãos em relação ao espírito do Instituto:

Os verdadeiros Irmãozinhos de Maria esforçam-se por imitar sua divina Mãe e adquirir-lhe o espírito. Para tanto, conservam-se na simplicidade e modéstia quando falam ou escrevem, usam as expressões mais simples. Ao contrário, aqueles que, como você [ao Irmão que está sendo advertido], perdem o tempo construindo frases complicadas, para alardear cultura quando não sabem nada, não tem o espírito da SSma. Virgem, não tem o espírito do Instituto, mas o espírito do orgulho. (FURET, 1999, p. 376).

Segundo o Irmão André Lanfrey, historiador recente do Instituto, dispomos de mais elementos para comprovar que este tema era uma constante nas origens do Instituto, na vida de Champagnat e dos primeiros Irmãos.

O Capítulo XII da segunda parte da Vida<sup>17</sup> que trata da humildade do Padre Champagnat contém passagens fundamentais sobre o espírito do Fundador que, certamente, provém dele, não somente porque o Irmão João Batista o diz, mas também todo um conjunto de textos manuscritos e impressos. (LANFREY, 2011, 226).

O Irmão Francisco, um dos primeiros Irmãos e primeiro sucessor de Champagnat como Superior Geral, deixou-nos muitos escritos dessa relação entre Champagnat e sua insistência na consolidação do espírito do Instituto. Ele insistia em suas instruções: “Caráter e espírito da Sociedade dos Pequenos

---

<sup>17</sup> Edição usada para a citação em questão é da do bicentenário do nascimento Champagnat, em 1989. Sempre que usado o termo “Vida” será para se referir a biografia de Marcelino Champagnat.

Irmãos de Maria<sup>18</sup>: Conhecê-lo, conformar-se com ele e conservá-lo cuidadosamente” (LANFREY, 2011, p. 229). Essa também é uma constante nos primeiros documentos oficiais do Instituto nascente.

Temas recorrentes nesses escritos são as virtudes da simplicidade, humildade e modéstia, sendo a humildade a principal delas. Que os Irmãos devem estudar e aplicar-se às ciências humanas e à instrução das crianças. Devem ser felizes em sua vocação. Combater o orgulho. E a devoção à SSma. Virgem, ter como Mãe, intercessora e modelo de discipulado: “Para o Padre Champagnat Ela é muito mais (que atmosfera e presença): uma pessoa viva e agente, primeira Superiora, tendo um lugar bastante central – Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus” (C3 p. 130).

É na vivência das virtudes e no exemplo de Maria que se edifica o nosso espírito de família. A vida comunitária é o lugar onde não se deve esquecer que não se está sozinho, que há uma comunhão nas graças e nas desgraças. A vida comunitária não é lugar de solidão espiritual, a centralidade é vivida em harmonia com a fraternidade, e ainda, segundo uma síntese de uma conferência do Cardeal Pironio<sup>19</sup>, que não deve existir solidão moral e psicológica. Além disso, não há lugar para a autossuficiência, o azedume e o marginalizado.

Entretanto, o essencial talvez não esteja completamente esclarecido sobre o ‘Espírito do Instituto’, que é um espírito de humildade baseado na vida oculta à imitação de Maria, porque um tema aparentemente insignificante, a glória de Deus, está de fato no fundamento desse espírito. Lembremos o trecho da Vida (p.433), que é certamente do Padre Champagnat: ‘desejando unicamente a glória de Deus, praticar o bem sem barulho [...]’. (LANFREY, 2011, p. 242).

Ainda nos cabe mais uma exemplificação:

E o Irmão Francisco em sua introdução sobre o ‘Caráter e espírito do Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria” lembrava: ‘Não é senão por essas virtudes (humildade, simplicidade e modéstia) que poderemos adquirir a perfeição de nosso estado e promover a glória de Deus’. (LANFREY, 2011, p. 242).

---

<sup>18</sup> Do francês *Petits Frères de Marie*. Na tradução para o português pode ser usado *Pequenos Irmãos de Maria* ou no diminutivo *Irmãozinhos de Maria*. Ambas as traduções serão usadas em referências e em nossos textos.

<sup>19</sup> Dom Eduardo Francisco Pironio, prelado argentino. Foi secretário do CELAM e prefeito da Congregação par aos religiosos e Institutos Seculares, contemporâneo aos Mandatos do Irmão Basílio Rueda.

É justamente sobre este assunto que o Irmão Basílio escreve a Circular sobre o espírito do Instituto, que, após o Vaticano II, deveria manter uma fidelidade às fontes de forma criativa, a volta às fontes na perspectiva conciliar. “A volta às fontes: novo encontro com o Evangelho, com a vida e com o carisma do Fundador” (DC<sup>20</sup> p. 171 n° 7).

No documento sobre o espírito do Instituto, preparado para o XVI Capítulo Geral, inicia descrevendo a originalidade dos Irmãos Maristas na Igreja, baseando-se em documentos como a *Perfectae Caritatis, Lumen Gentium* e algumas Circulares: “Nós temos uma maneira de ser, de sentir e atuar, temos também uma maneira de levar as almas a Deus; maneira original na Igreja, entre as demais famílias religiosas. Isto é o que chamamos de nosso espírito” (DC p. 169 n° 1).

O n. 4 diz assim: “Cremos que o espírito marista, dom e chamado do Espírito Santo, vislumbra um serviço à Igreja, dando testemunho da riqueza infinita de Cristo e presta ao nosso apostolado uma particular eficácia” (DC p. 170 n° 4). Mais à frente, enfatiza que, nosso espírito, deve tirar proveito das riquezas espirituais do tempo presente, como exorta, por exemplo, no LG 42, PC 2, GS 57.

Ao analisarmos os temas de maior destaque para a renovação do Instituto, que foram coletados depois de análise dos escritos do Irmão Basílio, logo depois da introdução da Circular, já podemos destacar algumas observações, que partem do subtítulo “Características de nosso espírito”. Já é comentado o binômio fé e caridade:

Nossas características próprias, as queridas por nosso fundador, se situam em um conjunto de valores aos quais ele dedicou especial atenção. Como homem de Deus, buscou o essencial da fé e da caridade. Formados a seu exemplo e com suas lições, os Irmãos têm cultivado um sentimento vivo de Deus e um verdadeiro espírito de oração na total consagração religiosa. Têm aprendido a entregar-se ao serviço dos jovens, algo realmente urgente nos dias de hoje. (DC p. 171 n° 9).

No decorrer do texto, encontramos uma tríade de elementos: a devoção a Maria, o testemunho e a vida comunitária. Estes elementos são desenvolvidos

---

<sup>20</sup> Usar-se-á a versão presente nos Documentos Capitulares do XIV Capítulo Geral, da edição de 1971. Texto esse que originou a Circular sobre o Espírito do Instituto.

em subtítulos próprios. E junto a estes temas são desenvolvidos os outros dois restantes, a caridade e os votos religiosos.

Neste conjunto de chamadas portadoras de entusiasmo, o Pe. Champagnat destacou para seus filhos uma tríplice atenção, com a qual se há de beneficiar por toda a vida o Irmão: a devoção a Maria, a humildade e o espírito de família. Cremos, com ele que esta tríplice insistência aponta ao centro do cristianismo. O nome de Pequenos Irmãos de Maria que ele nos deu, não era senão uma síntese de tudo isso para ele. (DC p. 173, nº12).

A vida de Maria deve servir de exemplo aos irmãos maristas desde sua entrada na Congregação, seus votos e missão, até o dia de sua morte. Na vida de um religioso marista, Maria deve exemplo vivo de discipulado e de fé, pois toda a vida dela foi dedicada ao Cristo.

Maria modelo de todos os cristãos, teria que ser particularmente dos maristas. Um filho se reconhece na sua mãe e sua Mãe se parece com ele.

Entre todas as virtudes, o beato<sup>21</sup> Fundador assinalou para nós, sua fé, sua humildade, a entrega prazerosa de si mesma a Deus, a educação atenta e respeitosa de seu filho e seu zelo apostólico. Ela é com Jesus e depois d'Ele, o constante ponto de referência de nossas vidas<sup>22</sup>. (DC p. 174, nº 16).

Numa percepção Mariana<sup>23</sup>, o fundador recomendou e insistiu para que o Marista fosse humilde, simples e modesto. Interpretamos isso como o testemunho do seu estilo de vida e vocação. Também podemos ver como os elementos estudados se entropõe. Eles só são válidos se forem transversais. E como já ressaltado no início desse tópico, a humildade é a maior das virtudes. E assim se expressa no documento:

Fruto de uma vida interior profunda, a humildade se obtém, visto que é um dom de Deus, por meio de uma oração assídua e verdadeira. Se mantém com o estudo e a meditação dos mistérios do Evangelho e com a resposta a chamadas do Espírito Santo. Porque nos quer humildes, o Pe. Champagnat nos convida a sermos os primeiros no

---

<sup>21</sup> Marcelino Champagnat foi canonizado em 1999, no ano deste documento ele era beato, a beatificação se deu em 1955.

<sup>22</sup> Nessa citação se faz referência aos documentos do Vaticano II: LG, PC, PO e AA.

<sup>23</sup> Numa percepção Marista, fruto da experiência espiritual do fundador, com parâmetros peculiares ao Instituto, se pode dizer que Maria é modelo de virtude. Jesus é o Modelo na sua humanidade é a Ele que devemos nos configurar, no Espírito Santo. Maria é a primeira a expressar fidelidade ao Modelo Jesus – então, sim, por analogia, podemos dizer que ela também é modelo (no sentido de exemplo).

presépio de Belém, na Cruz e no Altar. Desta maneira podemos ter valor como homens e como apóstolos, e prestar um serviço de qualidade a sociedade e a Igreja. (DC p. 177, nº 26).

Só descrevendo a importância da espiritualidade mariana e o signo que a humildade deve ser para o Irmão Marista, na visão do fundador; é possível descrever sobre o espírito de família. Entram os elementos vida comunitária, testemunho, votos, caridade, missão, oração e a devoção à Maria, que exprimem a identidade dos Irmãos Maristas: “Paulo VI continuará insistindo em seus discursos aos religiosos, que a fidelidade de cada Instituto à Igreja passa pela fidelidade ao espírito do próprio fundador (Cf. PC 2)” (JURADO, 1990, p. 806). Da mesma forma se dá o apelo do XVI Capítulo Geral:

Oxalá nos interrogássemos em todo o Instituto, neste momento de renovação pós- conciliar, a cerca de nossa fidelidade, e retificássemos em nós o que pessoal e comunitariamente não responde ao que espera o Espírito Santo e a Igreja. (DC p. 179, nº36).

O espírito do Instituto acontece no cotidiano, e dele se junta a força, que nos auxilia e em que vemos a graça de Deus manifesta. “Finalmente, como testemunho eloquente do amor evangélico, sua realização se dá entre os homens, atrai olhares e constitui um maravilhoso ato de educação” (DC p. 178, nº 31). É como Maria que, diariamente, o marista deve dispor-se a levar Jesus Cristo à sociedade, a quem mais necessita.

Este foco irradia também seu calor sobre o mundo que nos rodeia. A comunidade, em conjunto, se faz educadora, e busca ser fermento dentro da massa. Assim, a alegria de viver juntos esboça a alegria da família divina e será, ao mesmo tempo, pilar para uma ação apostólica dinâmica e generosa. (DC, p. 179, nº 35).

Por fim, a carta circular apresenta duas conclusões, uma do texto como um todo e outra intitulada conclusões e pedidos. Ressalta ainda as principais características do religioso no Instituto, apontando para o perfil de Maria no Concílio Vaticano II (cf. LG 66) e para a devoção filial a Maria, como insistia o Pe. Champagnat, que deve ser vivida na simplicidade, humildade e modéstia. As apreciações feitas no documento, na sua grande maioria, têm suas citações nos documentos que recém tinham saído do Vaticano II, bem como citações das primeiras circulares do Instituto, dos escritos dos Fundador e citações bíblicas. Bigotto assim escreve sobre o Ir. Basílio:

Aqui a sabedoria consiste em conhecer bem o Fundador, o Espírito do Instituto, o carisma que é próprio da Família Marista, de maneira a dizer uma palavra adaptada aos Irmãos que são os primeiros destinatários de seu trabalho. Ele impressiona justamente por sua visão sobre Marcelino, como também pela análise que faz do nosso espírito e de nosso carisma. Ele surpreende pela profundidade e justeza. Não demos uma linguagem de devoção, mas de compreensão que dá mais gosto de viver. É nessa forma de inteligência que se inscreve a paixão de Basílio pelo que é marista. (BIGOTTO, 2013, p. 262).

A Circular sobre o Espírito do Instituto é findada com um parágrafo que lembra muito o final da PC, na qual diz que se respondermos à altura e com qualidade ao espírito do instituto despertaremos vocações a vida religiosa marista. Que esta justa posição possa ser motivo de alegria para Igreja, bem como para os milhares de jovens espalhados pelo mundo.

### 3.5 CARTA SOBRE A ORAÇÃO

A Carta Circular sobre a oração foi enviada aos Irmãos Provinciais em abril de 1981. Porém muitos pediram que este texto fosse mandado também aos demais Irmãos indistintamente da função, com o propósito de que todos pudessem cultivar a relação com Deus e colocar-se à disposição do Espírito. Esta foi a quarta Circular escrita entre as cartas previstas para o segundo mandato de Rueda. Na introdução, o Irmão Basílio expressava seus sentimentos, que eram de pudor e de urgência: pudor por pensar não ser um testemunho suficiente de oração e não ter legitimidade para escrever; urgência, porque, como Superior Geral, via que os Irmãos precisavam de um aporte, de um marco, que pudesse ajudá-los na vida de oração. Irmão Basílio diz que:

A presente carta havia sido solicitada por uma decisão do Conselho Geral, já faz quase um ano; foi adiada por causa do Sínodo<sup>24</sup>. Entretanto muitas vezes ela me vinha a mente e tentava elaborá-la. Realmente não pode esperar mais. Não estou sozinho a estar preocupado com o problema. A preocupação é também do Conselho Geral. (C4 p. 3).

Na segunda nota de rodapé dessa Circular, o Irmão Basílio define o que seria a oração, a ser tratada no seu escrito:

---

<sup>24</sup> O Irmão Basílio trabalhou como consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos no Sínodo das Famílias, em 1980, no Vaticano. Neste Sínodo, expressou algo que chamou fortemente a atenção: “Creio que devemos escutar. As famílias têm muito a nos dizer”.

Ao termo Oração dou o sentido estrito, tal em francês<sup>25</sup>, embora não tenha em outras línguas uma tradução específica. Refiro-me a este espaço de tempo em que o Pe. Champagnat queria que os Irmãos consagrassem diariamente a passar num “eu a tu” pessoal com Deus. Muitas vezes ele se perguntava se não devia consagrar a esta Oração duas vezes meia hora por dia em vez de uma só. O termo empregado pela tradição marista é Meditação. Em si é um termo bastante inadequado. Entretanto, está bem claro, que com este termo, sempre quis designar a Oração. (C4 p. 3).

O intuito desta carta também não é o de padronizar o estilo de oração, pois a oração é fruto de caminhada e encontro, pessoal. É também fruto de uma comunidade, e espaço geográfico em que se está. Mas, como já citado, o momento era de preocupação, pois havia aparentemente um esfriamento espiritual no Instituto, o que interferia de forma direta na vida religiosa dos Irmãos Maristas.

Fique claro que falamos de oração cristã e que oração cristã nunca pode ficar dissociada da vida cristã, da moral cristã e da caridade cristã. O que conta não é a oração como um ato isolado, mas ela enquanto alma das obras, do amor, da dedicação e da ação apostólica. (C4 p. 6).

Muitos são os testemunhos da intensa vida de oração que dispunha Irmão Basílio. Por mais que estivesse atarefado com inúmeras atividades que o cargo de Superior Geral lhe impunha, sempre dedicava longas horas à oração pessoal, além da participação dos sacramentos e da oração comunitária. Escreve o Irmão Cláudio Girardi<sup>26</sup>:

O Irmão Basílio não podia estar sempre presente nas preces comunitárias. Contudo dizia, e ninguém punha em dúvida, que diariamente dedicava longas horas à oração. E quando fazia a oração, via-se que realmente ele rezava. Os retiros que ele orientava sobre a oração eram impressionantes, profundamente recolhidos. Ajudei-o muitas vezes na pregação de seus retiros na Argentina e no Brasil. Muito aprendi com ele. Sua oração não era complicada: sempre muito bíblica e calcada na realidade. (BIGOTTO, 2013, 145).

A Circular está dividida em quatro partes: “alguns princípios”, “reflexão sobre a situação”, “o que fazer” e “como fazer”. Interessante é que não põe a

---

<sup>25</sup> “Oraison” que na vida prática de Champagnat se expressava, além das orações formais, pelo estar na “presença de Deus”, dispor-se a Deus.

<sup>26</sup> O Irmão Cláudio Girardi, brasileiro, foi Provincial, depois Diretor do Colégio Internacional, em Roma no tempo de Basílio Rueda, e enfim Conselheiro Geral.

responsabilidade toda no Irmão (indivíduo), mas tem ciência que a Congregação, gerou esse arrefecimento na oração, por meio do ativismo e a pouca importância as coisas sagradas. E questiona: “Desse jeito pode haver profundidade espiritual e eficiência apostólica?” (C4 p. 19). E acrescenta:

Não quero nem simplificar nem exagerar esquecendo que existe a dificuldade do tempo e que há sempre o coeficiente de personalidade que conta, mas estou convencido também de que há alguma coisa a ser feita por parte da Congregação.

A organização de nosso grupo religioso e sua formação exige que tomemos nosso sistema de vida em ambas as mãos, com carinho, mas com decisão para orientá-lo a uma superação se queremos garantir uma perseverança melhor, sobretudo homens perseverantes mais qualificados para enfrentar a situação atual. (C4 p. 20).

Irmão Basílio, ao consultar alguns especialistas e até mesmo ouvir o conselho de amigos, recebeu algumas devolutivas que fizeram calar em seu ser. Era preciso que os Irmãos dessem mais atenção à qualidade e não à quantidade de momentos de oração, “evidentemente, para ter a qualidade, há exigências bem mais fortes” (C4 p. 20). Assim sendo:

Uma vida consagrada não pode, pois, ficar ao nível do “obrigatório” ou do não-obrigatório; a vida religiosa está no plano da generosidade e da magnanimidade. Para se manter nessa altura é preciso muita graça. É preciso beber abundantemente da Palavra de Deus para fortificar a fé e conservar o coração generoso. Numa tal vida a oração não pode ser medida mesquinhamente, mas sorvida largamente. O impulso da vida religiosa está na medida da oração. (C4 p. 10).

O Irmão Basílio acreditava que os Irmãos têm qualidades excelentes para o apostolado, para a criatividade, para gerir com qualidade, porém há uma falha generalizada, ou seja, em nível de Congregação existe uma “fraqueza de vida de oração” (C4 p. 21). É preciso considerar que há muitos Irmãos que se santificam na Congregação, e que são modelos de vida e de oração, mas o Irmão Basílio ressalta que parece mais um esforço pessoal desses Irmãos do que um resultado de esforço da província ou da comunidade. E, por isso, há necessidade de a oração estar em todos os níveis da vida e vocação do Irmão, ou seja, uma reestruturação fazia-se necessária.

A oração, como oferta, perpassa os votos religiosos, os conselhos evangélicos. Ela não é uma mera obrigatoriedade para ser “alguma coisa”, ter um status, ou até mesmo ganhar o céu, como se pensava até então. Os votos

religiosos são a essência da vocação do Irmão, são a sua oferta diária, sua ação de graças e seu louvor.

Colocar os bens em comum, deixar de fundar uma família, renunciar ao amor conjugal... de nenhum modo são obrigações da simples vida cristã. Pelos votos de pobreza e de castidade renuncio a bens indiscutíveis: 'o operário merece seu salário', 'não convém que o homem fique só', "o homem deixará seu pai e sua mãe para unir-se à esposa", 'enchei a terra', 'é para a liberdade que Cristo nos libertou'. (C4 p. 10).

A vida religiosa constrói-se no sacrifício a Deus, de opções heroicas em razão do Reino e de um bem aparentemente sem valor na aqui na terra, mas que, se vividos com intensidade, com autenticidade, são um sinal a toda a humanidade e conseqüentemente motivo de salvação. "O impulso da vida religiosa está na medida da oração" (GRUPO MARISTA<sup>27</sup>, 2015, p. 22).

Ao falar da caridade o Irmão Basílio expressa que a vida de oração cristã é um ato de amor a Deus que se expressa numa pedagogia própria: "rezando expressa-se o amor; agindo, se o realiza" (GRUPO MARISTA, 2015, p. 22). A caridade vai além do amor sentimento e das obras, ela é a soma dos dois.

Quando a caridade toma conta de uma pessoa e se manifesta no dom de si mesmo pela ação, o coração experimenta a necessidade dum tempo de oração que seja somente ORAÇÃO. Dizer o contrário é ignorar a dinâmica da experiência espiritual; é falar em teoria, (à toa). (C4 p. 11).

O Irmão Basílio acrescenta também que a caridade e a oração passam pela vida fraterna e que é possível, apesar das diferenças e preferências de cada membro da comunidade, uma vida comunitária com sentido. "Mas uma vida comunitária, que vive da fé e do amor de Deus, inspirando o do próximo no mistério de Jesus, só pode encontrar sua força na oração" (GRUPO MARISTA, 2015, p. 29).

Dentro de nossa chave de leitura do documento, falta-nos fazer referência a dois elementos, o testemunho e a devoção a Maria. Esse documento em questão é privilegiado pela necessidade do testemunho. Uma pessoa que ora é perceptível na sua vida. Isso deve ser um impositivo aos que buscam a vida

---

<sup>27</sup> Grupo Marista representa juridicamente a Província Marista Brasil Centro Sul. É composto por setores com dinâmica comercial e pastoral. As obras aqui citadas são publicadas pelo Setor de Pastoral por meio da Assessora de Comunicação Institucional.

religiosa. Como a maioria dos documentos conciliares, ele finda o documento com uma referência à Maria.

O Irmão Basílio não se toma como exemplo, mas sim os grandes místicos, por aquilo que se percebe nos grandes homens e mulheres de fé. Nestes parece que toda a sua vida está possuída por Deus, num impulso de amor e de fé.

Se sua sede de oração nascera de uma obrigação, eles podiam dar-se por dispensados, porque toda a sua vida é uma oração. Mas como vivem habitualmente em estado de oração, os momentos fortes de oração pessoal-formal, tornam-se uma exigência a fim de manterem sua vida neste estado de oração. (C4 p. 13).

Ainda neste tópico é relatada a experiência no Sínodo sobre a família de ter conhecido a Madre Tereza de Calcutá. “Sim, percebia-se que estava em oração contínua, seja guiando as discussões, seja dirigindo-se as comissões ou acolhendo alguma questão de debate ou de diálogo” (C4 p. 13), isto é um belo exemplo de vida e oração. Além do mais, nos intervalos sempre se via ela com o terço na mão. Não será a Madre Tereza que irá nos dizer que a oração quotidiana é desnecessária. É preciso que sigamos bons exemplos, dizia o Irmão Basílio.

É levantada ainda uma questão: Que sentido tem a vida de oração na dinâmica do apostolado pós-conciliar? E a resposta não tarda: “Com homens cujo coração é pacificado pelo Espírito de Deus, educado, evangelizado, enriquecido por longos momentos de oração, a gente percebe logo a mudança do homem, do apóstolo, do membro da comunidade” (C4 p. 16). Aí está o sentido, deixar Deus mais próximo de si e dos outros, pessoas gratas, fraternas, capazes de sustentar e intensificar a escolha que fez por Cristo na vida religiosa marista.

Junto à oração autêntica e o apostolado, encontra-se o testemunho. Somados, não separados, ambos com suas devidas importâncias. “Que nosso apostolado seja verdadeiro, movido pela reta intenção, livre de apegos e pleno de disponibilidade. Que sua verdade marque, por toda a vida, as pessoas que encontramos” (C4 p.18).

Já se encaminhando para o final da circular, a oração é proposta como unificação e harmonização da vida marista, que é o que estamos construindo neste trabalho, elementos específicos de um estilo de vida, que são transversais.

Isso significa que não é questão de viver qualquer GRAÇA-ORAÇÃO, mas a graça da oração tipicamente marista, isto é, conforme a nossa espiritualidade marista. Aquela espiritualidade que formou esses homens de oração que muito bem temos conhecido em cada uma de nossas províncias, aquela espiritualidade que nos dá o jeito marista, esta fisionomia marista tão bem reconhecida por aqueles que viveram conosco, graças à abertura à Igreja, às necessidades do mundo dos jovens, na simples prestação de um serviço evangélico como Maria, no seio duma comunidade unida por verdadeiro espírito de família. (C4 p. 29).

Por isso, o Irmão Basílio acredita que é preciso criar condições provinciais e comunitárias que ajudem a oração, isso é indispensável para um período pós-conciliar. E usa a expressão “pão de casa<sup>28</sup>”, que deve ser fortalecida, que podem ser sinais de mudança como a oração das horas, visitas ao Santíssimo Sacramento, pôr-se na presença de Deus, o rosário... O Concílio não veio abolir as práticas antigas, mas significá-las: “Na vida espiritual, ontem, não termina amanhã” (GRUPO MARISTA, 2015, p. 40).

No período pós-Concílio, a Igreja teve uma primavera, pois “levantou uma nova geração portadora de autênticas graças de oração; pessoas, movimentos, métodos e lugares” (C4 p. 34). Faz-se necessário aproveitar este tempo que o Espírito nos dá, olhar possibilidades, readequar. Não se pode perder o tempo, não há desculpas para não melhorar a qualidade da oração.

A circular conclui-se com uma invocação à Maria, sob o título de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, de cujas mãos saem raios dourados que são as graças pedidas, e raios apagados que são as graças não pedidas. Estes raios podem simbolizar a prece dos Maristas pela renovação da vida de oração, pelas comunidades e províncias, que podem ser pedidos e alcançados, ou não aproveitados.

A tradição marista tem Maria como primeira superiora, que pode e quer ajudar: Como Maria é mãe, companheira e serva do Senhor, torna-se assim para

---

<sup>28</sup> Expressão utilizada pelo Irmão Basílio para falar dos elementos que são comuns aos Irmãos, sem forçar nada, nem fazer nada de extraordinário, simplesmente aquelas coisas que são de tradição desde os inícios e que ajudam a caracterizar os Maristas e são apreciados por pessoas de fora: oração da hora, visitas ao Santíssimo, presença de Deus, Rosário...

nós mãe, na ordem da Graça (Cf. LG 61). Murad (2015, p. 587) cita, no seu vocábulo sobre Maria a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* de Paulo VI, e diz: “Maria é a mestra da vida espiritual de cada um. Os cristãos olham para Maria, a fim de que, como ela façam de sua própria vida um culto a Deus, e do seu culto, um compromisso vital (Cf. Mc 21)” e espera-se que neste seguimento quase todos os irmãos, cedo ou tarde, chegam a um amadurecimento da fé e à intimidade com Deus.

### 3.6 PERSPECTIVAS SISTEMÁTICAS

Além dos sete elementos apresentados como os principais caminhos tomados pelo Irmão Basílio para a renovação do Instituto no pós-Concílio, são oportunas algumas análises e definições quanto à missão, à espiritualidade e ao carisma marista. Elas podem até não ter sido a meta direta da renovação, no entanto com a postura adotada foram as que mais se modificaram, e caracterizam o Instituto Marista.

Fazendo um apanhado dos textos do Irmão Basílio, num comparativo com outros autores, nos ajudará a clarificar melhor a questão:

a) Carisma: Partimos da citação de Villas Boas (2015, p. 78), já descrita na página 6 deste trabalho, que esclarece a categoria carisma, a partir da concepção do Vaticano II.

-Irmão Basílio escreve na Circular sobre o Espírito do Instituto (C3 p. 128), que “o carisma atinge simultaneamente o ser e o agir: O espírito é antes uma ‘maneira de ser’, de ares de família, ambiente criador de parentesco e de alma entre homens. [...] Com efeito recebemos uma missão para algo que deve ser feito, mas esta ação está de certo ligada ao nosso ser. [...] quando o Espírito Santo dá vocação a alguém para entrar em determinado grupo, inculca-lhe no ser graças de estado para que sua ação emane do ser como fruto natural da vida.

-Escreve Viñas (1994, p. 227) também sobre carisma: “Tão importante é a doutrina do carisma que somente a partir dele, de compreensão certa e profunda dele, podem ser entendidas todas as dimensões de cada um dos projetos religiosos.

b) Missão: Como visto na Carta Circular sobre o Espírito do Instituto, é do carisma que brota a missão e a espiritualidade. “É por meio da vivência do espírito próprio que se configura a missão: Recebemos a missão para algo que deve ser feito, mas esta ação está de certo ligada ao nosso ser. Cumprindo-a, recebemos graças de estado destinadas a transformar nosso ser; e o modo de transformação realizado em nosso ser deve torna-lo cada vez mais apto para a missão” (C3, 128).

- No *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, García Paredes (1994, p. 683) assim descreve missão: “É categoria que faz referência ao homem, aos quais cumpre oferecer uma mensagem, um serviço. Não se fala adequadamente de missão quando se prescinde dos “sinais dos tempos” e dos “sinais dos lugares”, das culturas, das situações pessoais, sociopolíticas dos homens.

c) Espiritualidade: Também na Circular sobre o Espírito do Instituto (C3 129), o Irmão Basílio nos descreve sua compreensão sobre a espiritualidade: “É a sistematização de nosso espírito. O espírito que habita em nós, que anima as relações entre nós, torna-se um ‘estilo’ de vida e de relação que pode ser percebido, expressado. É possível dissecar suas linhas fundamentais e construir assim um certo corpo de doutrina. O espírito transmite-se vivendo; a espiritualidade pode ser explicada, e até ensinada.

- Também sobre espiritualidade Guerra (1994, p.383) nos esclarece: “Por isso o carisma condiciona a própria espiritualidade como contribuição parcial – não parcialista – e integradora”. E continua: “E para isso deverá conhecê-la – e não supô-la – ao menos genericamente, e não aproximar-se dela mediante desqualificação global e acrítica, que inibe nesta a aceitação. Nas situações mundanas lhe falta o espírito e nela o religioso deve responder.

Para concluir este tópico que abordou essas três categorias, que estão intimamente ligadas ao estudo feito, lembramos que o Irmão Basílio teve sua formação acadêmica voltada à filosofia, o que muito lhe ajudou no caminho do conhecimento e de fé. No entanto apontam-nos algumas omissões, ou pouco aprofundamento em alguns temas, como pode ser percebido no decorrer do nosso estudo e que o próprio Irmão Basílio reconhece:

A redescoberta de nosso espírito marista não é decepcionante. No entanto submeti este espírito a um exame severo, e alguns talvez possam estar impressionados por verem separados tão duramente o aspecto psicológico e o aspecto espiritual, o aspecto psicológico e o aspecto estrutural, sublinhar erros cometidos, relativizar elementos de devoção e de cultura.

Porém, todo este exame crítico salientou, e muito, o verdadeiro conteúdo do espírito marista. A análise de seu valor evangélico concluiu por nos tranquilizar profundamente: a base do espírito marista é incontestavelmente sólida. (C3, p. 183).

Com efeito, ele foi um homem prático, que aprendeu muito com as situações que lhe apareciam. Não perdendo a oportunidade de esclarecer o que estava obscuro, e de buscar conhecer com maior exatidão o que precisava transmitir. No entanto, dentro das suas possibilidades físicas, sociais e temporais conseguiu dar uma boa resposta ao que lhe foi solicitado como Superior Geral.

## **CAPÍTULO IV**

### **GOVERNO DO IRMÃO BASÍLIO RUEDA: PRISMA PARA OS IRMÃOS MARISTAS NA VIVÊNCIA DO VATICANO II**

Neste último capítulo, cabe-nos fazer um apanhado do que foi trabalhado até então, e de forma sintética comparar como o carisma adaptou-se a essa nova fase e como os superiores gerais de sucederam ao Irmão Basílio usaram de seu legado para renovar o Instituto nos mais de 50 anos do pós-Concílio.

O modo de viver, orar e agir será aquele que melhor convenha às condições atuais, físicas e psíquicas de seus membros, de acordo com a índole e a natureza de cada instituto, as necessidades apostólicas, as exigências culturais e as circunstâncias sociais, econômicas, isso em toda a parte, mas, de modo especial, nas missões. (PC 3).

No início do trabalho, definimos os elementos captados na renovação dada pelo Irmão Basílio a partir do Dicionário do Vaticano II. Agora, definiremos estes sete elementos, a partir dos escritos do Irmão Basílio, que nos ajudarão a compreender os documentos que foram escritos depois de seus mandatos:

a) Oração: “Com homens cujo coração é pacificado pelo Espírito de Deus, educado, evangelizado, enriquecido por longos momentos de oração a gente percebe logo a mudança do homem, do apóstolo, do membro da comunidade”. (C3 p.16).

b) Comunidade: “Os membros da comunidade são pedras vivas e funcionais, e com elas se constrói este edifício, também vivo e funcional, que é a vida comunitária e que constrói nosso verdadeiro lar”. (RUEDA, 1973, p. 9).

c) Caridade: “Quando a caridade toma conta de uma pessoa e se manifesta no dom de si mesmo pela ação, o coração experimenta a necessidade dum tempo de oração que seja somente oração”. (C3 p. 11).

d) Maria: “Se consigo imitar algum santo em devoção marial, devo isto a Maria. Eu chegaria a confessar que conhecia a Maria antes mesmo de conhecer bastante Jesus Cristo para segui-IO”. (RUEDA, 1976, p. 243).

e) Missão: “Exercemos uma missão eclesial, e temos consciência disso, pois trabalhamos para manifestação do reino de Cristo, mediante uma ação prolongada e diversificada entre os jovens ‘esperança da Igreja’ (Cf. GS 2)”. (DC p. 391).

f) Votos: “Os votos, têm por objetivo desfazer nosso egoísmo e criar, dirigir e consagrar todas as energias da caridade que há no coração, hão de originar um dinamismo que vá diretamente a Deus e ao próximo”. (RUEDA, 1973, p. 108).

g) Testemunho: “Somente o amor do Senhor, e o desejo de manter bem alto em face do mundo o testemunho do Evangelho vivido, deve ser motivo que os mova. Não há melhor réplica contra certos fatos e ideias, do que viver alegre e serenamente aos olhos todos as próprias convicções”. (RUEDA, 1973, p. 193).

A partir dos sete elementos selecionados dos textos do Irmão Basílio, analisaremos alguns documentos da história recente do Instituto e que são de grande impacto na vivência carismática dos Maristas de Champagnat: são eles: Documento *Água da rocha* (sobre a espiritualidade Marista); o Documento *Em Torno da Mesma Mesa* (vocação dos leigos Maristas) e as Circulares do Irmão Emili Turú em preparação aos 200 anos de fundação, que nos motivam a um novo começo.

O sucessor do fundador, o Irmão Superior Geral reúne todos os Irmãos do Instituto em torno de Cristo. Guia-os e acompanha-os na fidelidade a seus compromissos. Com eles discerne o que favorece a adaptação de seu apostolado às necessidades dos tempos, conforme o carisma do Instituto. (IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS, 1986 p. 110).

E foi assim que cada um, depois do Irmão Basílio tentou prosseguir na renovação do Instituto, cada qual com seu Conselho, do Capítulo Geral que o elegeu e na escuta dos Irmãos, deixaram-nos pontos importantes. É interessante citar todos os Superiores Gerais que sucederam ao Irmão Basílio - México (1967-1985) são eles: Irmão Charles Howard - Austrália (1985-1993), Benito Arbués - Espanha (1993- 2001), Seán Sammon – EUA (2001-2009), Emili Turú – Espanha (2009- 2017); atualmente, está no cargo o Irmão Ernesto Sánchez natural do México.

Cada qual a seu tempo, ajudou a construir a Congregação Marista que temos hoje. Houve falhas em alguns aspectos, pois é constituída por pessoas, mesmo assim, edifica a Igreja e a sociedade, pois é fruto do Espírito Santo, e esse a torna apta a permanecer nos tempos atuais.

#### 4.1 ÁGUA DA ROCHA

Este documento foi publicado no ano de 2007, no mandato do Irmão Seán Sammon, para retratar a espiritualidade marista. Podemos dizer que foi um documento para apresentar a uma esfera mais ampla e sistematizar, como que em um compêndio, essa espiritualidade que flui de Marcelino Champagnat e perpetua-se com o passar dos anos.

Os Irmãos que participaram do Capítulo de 2001 pediram ao novo Conselho Geral a elaboração de um manual que tornasse a espiritualidade apostólica marista de Marcelino Champagnat acessível a uma audiência mais ampla. Os capitulares estavam conscientes de que, desde o começo do Instituto, essa espiritualidade fora um atrativo não apenas aos Irmãos de Marcelino, mas também para o laicato Marista. Constitui-se um privilégio para mim apresentar este documento intitulado Água da Rocha: Espiritualidade Marista- fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. (AR, p.10).

Aqui já temos alguns elementos que nos ligam a nosso tema, um é a questão da espiritualidade apostólica, tema enfrentado pelo Irmão Basílio para consolidar nossa espiritualidade frente às mudanças do Vaticano II, que até

então era uma espiritualidade contemplativa com apostolado. Vale também ressaltar a simbologia presente no título “água da rocha”, que a citação a seguir esclarece e reporta-nos ao Irmão Basílio por sua iniciativa de retomar os lugares fundacionais como caracterizantes da espiritualidade Marista:

Quem conhece a história de Marcelino sabe que ele construiu a casa de L’Hermitage com suas próprias mãos, aproveitando a rocha que ele havia cortado. A água do *Gier*, riacho que percorre a propriedade de L’Hermitage, foi fonte importante de vida para a comunidade nascente. Ao recolher estas duas imagens, o documento Água da Rocha reserva para a espiritualidade apostólica marista de Marcelino, o lugar central e merecido na vida de cada um de nós e de todos os que chegarem a conhecer e a amar o fundador, como os primeiros discípulos seus, há tantos anos. (AR p. 11).

Foi o Irmão Basílio que, vislumbrando a volta às fontes, arquitetou os lugares fundacionais como santuários para os maristas e motivo de peregrinações, o que acontece até os dias de hoje. Inclusive estão registradas, nos Anais da comunidade do *El Escorial*, as peregrinações que o Irmão Basílio promovia com os grandes noviços<sup>29</sup> para L’Hermitage, antes mesmo de ser Superior Geral.

Era o sonho de Basílio que todos os Irmãos pudessem fazer uma experiência profunda e direta do Fundador e das origens maristas. Seu estalo genial consistirá em fazer de L’Hermitage o santuário marista: lugar de oração, de contato e de formação. [...] Hoje a missão essencial de L’Hermitage é ser um santuário marista que acolhe os que pesquisam o espírito das origens. (BIGOTTO, 2013, p. 106).

Além desse afã de tornar os lugares de fundação marista como santuários, motivos de peregrinação, que hoje tanto dizem aos Maristas de Champagnat, o Irmão Basílio é reconhecido por seus sucessores como esse propulsor da nova vivência da espiritualidade marista. Ainda, na introdução do documento, na parte referente à história da espiritualidade marista, o Irmão Seán assim se expressa:

Após o Manual de Piété (1855), foi publicado o texto Oração-Apostolado-Comunidade, fruto do 17º Capítulo Geral (1976) que sintetizou nossa concepção de espiritualidade. Aquele documento destacou a integração das diferentes dimensões de nossa vida. O Irmão Basílio Rueda, então Superior Geral (1967-1985), mediante uma

---

<sup>29</sup> Grandes noviços era um nome comum dado aos Irmãos que participavam do Segundo Noviciado, já esclarecido anteriormente.

produção escrita abrangente e profunda enriqueceu nossa espiritualidade renovando a expressão de seus elementos carismáticos, inscritos nas correntes teológicas e espirituais nascidas do Vaticano II. Em sua revisão das Constituições, o 18º Capítulo Geral (1985) descreveu a nossa espiritualidade como mariana e apostólica. Desde então, os Superiores Gerais, bem como o XIX (1993) e o XX (2001) Capítulos Gerais continuaram a desenvolver o sentido e as implicações dessa espiritualidade mariana e apostólica. (AR p. 17).

Após essas aproximações, é necessário ainda retomar os elementos estudados, e como se está pensando cada um na atualidade, nesses novos documentos. Como já assinalado, a espiritualidade marista é mariana e apostólica. Tem Maria como exemplo no seguimento de Cristo. Olhando como ela seguiu Jesus, os maristas inspiram-se e põem-se a caminho no discipulado. O capítulo dois é todo uma fundamentação mariana, cada subtítulo recebe uma passagem bíblica relacionada à Maria: “O anjo do Senhor anunciou a Maria...”, “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo”, virá sobre ti o Espírito Santo”.

Maria inspira nossas atitudes para com os jovens. Ao contemplá-la nas Escrituras, impregnamos-nos de seu espírito. Vamos, sem hesitação, ao encontro dos jovens lá onde eles se encontram, anunciando-lhes a fidelidade, a justiça e a misericórdia de Deus. Relacionamos-nos com jeito mariano com os jovens, tornamos-nos a face de Maria para eles. (AR 27).

Irmão Basílio empenhou-se ao máximo para estimular os Irmãos a retomarem o espírito mariano. No Capítulo Geral em que fora eleito para o primeiro mandato, foi escrito um documento mariano, no entanto, por outros temas serem mais urgentes e desafiadores para o período, o tema foi deixado em segundo plano. Só conseguiu escrever no seu segundo mandato, como já revelado em capítulo anterior. Mas o Irmão Basílio sempre motivou e estimulou a devoção à pessoa de Maria. Bigotto apresenta-nos um relato sobre o Irmão Basílio:

Alegra-se porque os Irmãos do Brasil organizam um congresso Marial e escreve-lhes: ‘tenho certeza que vai ser uma benção para o Brasil e estou certo de que uma das vocações particulares do Brasil Marista será reanimar, reativar e fazer surgir no mundo marista a devoção à Nossa Senhora<sup>30</sup>. (BIGOTTO, 2013, p. 76).

---

<sup>30</sup> Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982.

A espiritualidade interfere também em todas as esferas da vida Marista. E a adjetivação de mariana e apostólica dá um jeito todo especial ao que se faz e de como se vive. Se ela é apostólica, requer missão, caridade e oração, não como pontos estanques e vistos de forma disforme, mas, sim, como engrenagens de um mesmo sistema, que são interdependentes para que uma máquina funcione e tenha sua melhor performance.

Nossa espiritualidade nos permite “encontrar Deus em todas as coisas! Em todos os aspectos da vida. A oração é o recurso que propicia o aprofundamento das experiências da vida. Jamais substituímos oração por trabalho. A atenção à palavra de Deus nos faz permanecer fiéis, em nosso empenho pela construção do Reino. Nossa oração emerge da vida e devolve-nos à vida. (AR 76).

Poucas vezes temos escrita a palavra testemunho, e como foi um dos elementos usados na nossa análise, faz-se necessário registrar essa constatação. Por mais que não esteja explícito de maneira tão incisiva, o testemunho é primordial, só assim haverá novas adesões a esta espiritualidade, e o Instituto cumprirá sua missão. Ser testemunhas da alegria é a tônica da exortação do Papa Francisco aos religiosos e religiosas, na sua carta circular aos consagrados e consagradas (2014), e, para cada Irmão marista, este mesmo testemunho da alegria de se viver a espiritualidade, que brota como a água da rocha, talhada por Champagnat, que l’Hermitage representa, precisa ser buscado no dia a dia:

O mundo precisa de místicos – pessoas sensíveis ao mistério da vida em uma atitude de abertura e disponibilidade. Tendo vivenciado o amor de Deus, são testemunhas da luz, entre seus companheiros de jornada, servindo de inspiração na busca de Deus. (AR 71).

A comunidade expressa o centro de onde brota essa espiritualidade, lugar fontal para o reabastecimento das energias. É na comunidade que se partilha missão e fé, onde se “renovam a unidade interior de nossa vida ativa” (AR 83). Seja onde for e sobre a situação que o tempo impor, a comunidade deve ser orante, onde se viva e se celebre o sentido que Maria dá a nossa vida.

Partilhamos nossa fé pelo testemunho de vida, mediante as orações e celebrações, por nossas opções, e pela posição profética que assumimos, em favor dos excluídos. Apoiamo-nos, mutuamente, nos

diálogos de fé, ajudando-nos a reconhecer os elementos fundamentais para a nossa vida em comum. (AR 84).

Nesse documento, são também abordadas as questões relacionadas à sustentabilidade e ao meio ambiente, uma ecologia integral, ligando essa questão a uma tradição, a do amor ao trabalho, tão presente na vida marista, e na pastoral comunitária. O documento também aborda a virtude da simplicidade e aproximando-nos dos pobres que têm que trabalhar para garantir o seu sustento.

Nosso desejo de estar em comunhão com a natureza manifesta-se de diversas maneiras. A tradição Marista valoriza de modo particular o trabalho manual, pois ele nos coloca em contato direto com a criação, com os outros seres vivos e com todas as coisas. Ele nos impõe [...] o cuidado na preservação e na transformação da natureza. E nos ensina [...] a sermos pacientes e organizados. Esse cuidado destaca o valor do trabalho manual e o exemplo dos povos indígenas que vivem em respeitosa e harmoniosa interação com a terra. (AR 39).

Como já descrito nos capítulos anteriores, carisma é graça do Espírito para toda a Igreja-Corpo de Cristo. Os religiosos são os primeiros responsáveis por receber e frutificar o carisma. Mas não significa que sejam proprietários, pois não o são. Praticamente todos os carismas (recebidos por religiosos) podem ser participados por leigos, ajustados às exigências do seu estado de vida laical. Assim aconteceu com Champagnat, e com o Instituto Marista:

O modo de viver de Marcelino ajudou os primeiros Irmãos a descobrirem a presença amorosa de Deus. Em nossos dias, somos igualmente inspirados pelo testemunho de muitos Irmãos e Leigos Maristas. Em suas experiências cotidianas, essas pessoas encontram Deus e usufruem de Sua presença. Ouvem o chamado diário do amor de Deus e, como Maria, dizem seu generoso 'sim'. (AR 68).

Nas últimas décadas, tomou-se mais consciência e propriedade disso, tanto que se estimula a abertura do carisma aos leigos e leigas. A espiritualidade marista não é tratada como uma vivência exclusiva dos Irmãos. Mas, sim, Irmãos e Leigos são colocados no mesmo patamar enquanto detentores e testemunhas do carisma legado por Champagnat.

Não temos referência direta aos votos religiosos, pois, como explicitado, esse documento não é de uso exclusivo para os Irmãos. A pobreza, a castidade e a obediência à vontade de Deus estão presentes nas inúmeras páginas

dedicadas à Maria, que nos falam da fidelidade, da simplicidade e da escuta/serviço de Maria, que, de certa forma, levam-nos a um entendimento germinal da vivência dos votos.

Ainda analisando Maria, retomamos muito do que já foi escrito: ela inspira nossa espiritualidade a tornar-se apostólica, sobretudo entre crianças e jovens – como propõe o fundador Marcelino – com maior dedicação aos necessitados. A estes, particularmente, os maristas anunciam o Reino de Deus:

Maria inspira nossas atitudes para com os jovens. Ao contemplá-la nas escrituras, impregnamos-nos de seu espírito. Vamos, sem hesitação ao encontro dos jovens lá onde eles se encontram, anunciando-lhes a fidelidade, a justiça e a misericórdia de Deus. Relacionando-nos com jeito mariano com os jovens, tornamos-nos a face de maria para eles. (AR 27).

A atitude frente aos jovens, destinatários privilegiados da missão, deve ser também a usada para com todas as pessoas. Além de atitudes, deve tornar-se sentimentos, fé e estilo de vida, para que a espiritualidade Marista resista ao tempo e torne-se motivo de graça e bênçãos para toda a Igreja.

Por fim, concluímos este tópico com a citação do número 13 deste documento que caracteriza, de uma maneira sintética e profunda, o carisma marista na Igreja, que é dinâmico e adapta-se aos sinais dos tempos e leva seus adeptos à transcendência:

Creemos que o carisma de Marcelino é uma graça concedida à Igreja e ao mundo, graça que somos convidados a viver e desenvolver, à medida em que aprofundamos nossa participação no carisma. A espiritualidade marista descreve e expressa esse carisma, encarnado nos diversos tempos e lugares da história. Como acontece com todos os carismas autênticos, ele é dom do Espírito Santo colocado sob nossos cuidados e dedicado à construção e à unificação da Igreja, Corpo Místico de Cristo. (AR 13).

Como pudemos observar, o Concílio Vaticano II foi o começo de uma nova história ligada às origens, de redescobrimto, de reinterpretação e de adequação de caminhada. Isso se deu também no Instituto Marista. E como analisado, muitas coisas refletidas e ressignificadas pelo Irmão Basílio Rueda foram essenciais para a caminhada contemporânea do Instituto.

## 4.2 EM TORNO DA MESMA MESA

Com o Vaticano II, a concepção de vocação e de chamado de Deus foi reestruturada de forma basilar. Como já mencionado, os ordenados, religiosos e religiosas deixaram de ser as únicas vocações no âmbito eclesial. Dessa forma, todo o batizado passou a ter sua vocação e oportunidade de buscar a santidade com ela.

Na Igreja, há diversidade de ministérios, mas unidade de missão. Cristo outorgou aos apóstolos e seus sucessores o poder de ensinar, santificar e governar em seu nome. Os leigos, também participantes das funções sacerdotal, profética e real de Cristo, cumprem seu papel na missão de todo o povo de Deus na Igreja e no mundo. Exercem um verdadeiro apostolado ao atuar em vista da evangelização e da santificação dos seres humanos, ou quando se esforçam por imbuir do espírito do Evangelho as coisas temporais, contribuindo para seu pleno desenvolvimento. (AA 2).

O que para nós hoje é algo fácil de ser compreendido, para a época, exigiu uma mudança de mentalidade, que se refletiu em várias esferas eclesiais, desde a ampliação do sentido de chamado vocacional, até a participação ativa dos leigos na liturgia. Essa realidade não foi diferente no Instituto Marista:

Durante os anos seguintes, nossos esforços foram empreendidos para que fosse esclarecida a identidade do laicato, bem como seu papel e lugar na Igreja. Não importa quanto custe, essa é uma tarefa que ainda precisamos completar. Afinal, os documentos do Vaticano II são bastante claros: a convocação à santidade é universal e, pelo mérito do batismo, cada um de nós deve assumir a responsabilidade pela missão da Igreja, proclamando o Reino de Deus e a sua imanência. (EMM p.7).

Nos escritos e na missão do Irmão Basílio Rueda, não se encontram muitos textos dirigidos diretamente ao tema laical dentro do Instituto Marista. Como já dito, a preocupação dele era diretamente com a adequação e a adaptação dos Irmãos ao Concílio. A vida religiosa consagrada foi seu foco, desde antes, durante e depois dos seus mandatos como Superior Geral.

A importância de Basílio está nas sementes deixadas e na possibilidade de abertura aos sinais dos tempos, sem medo, mas com cautela. Talvez, nos oito primeiros anos, esse tema tenha passado despercebido, mas, no segundo

mandato, ele começou a figurar, tanto que, no XVIII Capítulo Geral, em 1985, já foi instaurado o Movimento Champagnat da Família Marista (MChFM).

Nesse Capítulo em questão, o Irmão Basílio encerrou o seu mandato, e já foi presidido pelo Irmão Charles Howard, que recebeu os méritos pela fundação do MChFM. Mas se ressalta que antes da fundação teve um terreno fértil, onde pode crescer e fortalecer-se esse movimento, que não foi fruto do acaso. E aí acreditamos que, mesmo de maneira secundária, o Irmão Basílio foi peça fundamental para a oficialização do MChFM. Esse movimento é constituído de leigos que se reconhecem no carisma de Champagnat e desejam estar próximos, para consolidar a vida cristã e partilhar do mesmo espírito.

O Movimento Champagnat é uma forma de organização reconhecida pelo Instituto para as comunidades maristas leigas. Aprovado pelo 18º Capítulo Geral e animado pelo Ir. Charles Howard, Superior Geral, como resposta ao que considerava um autêntico apelo do Espírito, conta com milhares de membros em todo o mundo e, em poucas décadas, criou uma rede de fraternidades que começam a se articular em âmbito regional e continental. (EMM 87).

O que existia até então, em relação ao mundo leigo, era o reconhecimento de autenticidade de vida e de partilha de carisma. Mas não era algo de vinculação e apostolado, ou seja, uma abertura carismática para a santificação dos leigos por meio do carisma marista. A propósito disso, podem-se citar alguns exemplos de abertura e aproximação aos movimentos laicais. A primeira entidade a ser reconhecida foram as associações de ex-alunos maristas (C 46). Também estavam reconhecidos, nas Constituições de 1985, os Afiliados ao Instituto Marista:

Os noviços são membros associados. Participam dos bens espirituais da Congregação. Os membros afiliados gozam de similares benefícios, serão escolhidos entre as pessoas que levam uma vida cristã exemplar e que tenham dado provas de adesão ao Instituto. (C 3).

Vemos ainda sutis aproximações, que demonstram a necessidade de incentivar a vocação leiga no Instituto como forte relação dos Irmãos com os familiares dos Irmãos (C 59). No capítulo VI das Constituições, dedicado aos Irmãos que saem do Instituto, reserva-lhes o respeito e a caridade, quando dispõe assim: “ajudem-nos os Superiores, segundo a necessidade” (C 87), e

também lhes assegura ajuda na nova orientação de vida. Figurou depois, passo a passo, um florescer da vocação laical Marista.

Far-se-ão os comparativos dos elementos até aqui estudados, e o que do legado do Irmão Basílio é vida e missão no apostolado leigo marista. Já mais contemporâneas têm sido as propostas dirigidas às comunidades de vida, em que Irmãos e Leigos maristas compartilham a vida espiritual e a missão. São comunidades autênticas nas províncias e distritos. Há ainda os variados tipos de grupos de leigos maristas:

Com sua própria história e caminhada, vivem a comunhão com o Instituto de muitos modos. O fundamental em uma vocação marista leiga é a vinculação ao carisma, da qual nasce a comunhão com os Irmãos. Essa comunhão não implica, em todos os casos, o desejo de pertença. (EMM 139).

O documento *Apostolicam actuositatem* n. 18 é também propositivo para as demandas que surgiriam das organizações laicas, pois dá a possibilidade, em união com a Igreja, dos leigos unirem-se num mesmo apostolado, numa mesma causa comum.

Quer nas comunidades eclesiais, quer em outros ambientes, o apostolado requer, quase sempre, uma ação comum. Daí a grande importância que tem o apostolado associado. As associações fundadas com o objetivo apostólico dão apoio aos seus membros e os formam para o apostolado, preparam-nos para agir corretamente do ponto de vista apostólico e os disciplinam, de modo a permitir que se obtenham resultados muito mais apreciáveis do que se agissem separadamente. (AA 18).

Até o presente momento, nenhuma das formas de vinculação laical ao Instituto Marista é considerada juridicamente como associações de leigos. Mas a referência é para exemplificar e modelar as inspirações que o Espírito vem soprando e que o Instituto vem tentando organizar e incorporar. Em 2010, surge, então, a necessidade de criação de um documento para este fim: os leigos e o Instituto Marista.

O documento se intitula “Em torno da mesma mesa”. A imagem e a experiência da mesa partilhada é o grande símbolo que Jesus propôs para explicar o Reino de Deus. A mesa da Eucaristia nos reúne em torno Dele e O faz presente depois de dois mil anos. Do mesmo modo, a mesa simples de La Valla representa para nós, maristas, a gênese da vocação. Em torno da mesma mesa, compartilhamos como irmãos

o trabalho, a oração, a fraternidade. Como na mesa das famílias em nossos lares, reunimo-nos para celebrar a vida. Há, nestas páginas, um desejo de convidar mais pessoas para que partilhem esta mesa, que tomem parte desta família marista que Deus quer continuar abençoando. (EMM p. 12).

No documento, os leigos maristas são colocados oficialmente para o Instituto e para a Igreja como uma vocação cristã, cada qual a sua maneira, ou seja, aluno, educador, catequista, administrador, nos serviços gerais, sendo ex-aluno, pai de aluno, amigo, entre outros. Basta que conheçam os Irmãos, seu carisma e que esse carisma frutifique e gere vida na sua vida e das outras pessoas. Essa aproximação está presente nos números 9, 10 e 11 do documento EMM e é compreendida de três formas:

a) Os que por diversas opções reconhecem o carisma e sentem-se atraídos, mas não se vinculam por já terem optado por outras pertenças;

b) Os que são chamados a estarem mais próximos e que desejam vincular-se à espiritualidade e ao modo de vida, mas não entendem isso como vocação partilhada;

c) Os que, a partir de um processo pessoal de discernimento, decidem viver sua espiritualidade e sua missão cristãs do jeito de Maria, seguindo a intuição de Marcelino Champagnat. Estes são os leigos maristas.

Na capa do documento, vemos estampada a *mesa*, feita pelo próprio Marcelino Champagnat, que denota a volta às fontes: a primeira comunidade de Irmãos em torno de Marcelino. Se o Irmão Basílio priorizou l'Hermitage como um santuário, o caminhar histórico fez da mesa de La Valla símbolo de união. Hoje, l'Hermitage e La Valla são lugares emblemáticos para a fundação e o carisma marista. A casa e a mesa unem, espiritualmente, os Maristas de Champagnat; é o espírito de família tão ressaltado em todo o documento. É a familiaridade que nos torna uma comunidade, que faz partilhar o pão, que nos torna irmãos:

Vivemos realidades diferentes, por isso as formas de vida comunitária são igualmente diversas. O modelo de comunidade que vive sob o

mesmo teto e tem tudo em comum é uma possibilidade real, contudo não constitui o único ideal marista laical. (EMM 85).

Para os que partilham a vida em comum, seja em uma fraternidade, seja numa comunidade de Irmãos e Leigos, ou ainda de uma das outras formas que se estrutura a vivência laical no Instituto, faz-se necessária a estruturação de um projeto de vida, fruto também dos ensinamentos do Irmão Basílio. Foi uma insistência que perdura até os dias de hoje; a necessidade de um projeto de vida (pessoal) e de um projeto de vida comunitário, já que essas fraternidades são um prolongamento do Instituto, e que já inspirou e proporcionou muitos frutos de missão, espiritualidade e novas vocações ao Instituto Marista.

O Projeto de vida é um caminho fecundo para desenvolver a vida comunitária e fonte de inspiração para que o Movimento enfrente os desafios que estes novos tempos apresentam: crescer com autonomia e responsabilidade na própria vocação laical, conectar-se com as novas gerações, transmitir a paixão pela vocação marista, tanto de irmão quanto de leigo, envolver-se em novas formas de missão, e articular-se de modo mais efetivo com outras realidades do mundo marista. (EMM 88).

O apostolado, a caridade e o testemunho estão interligados para o leigo Marista. Ele é identificado pelo amor com que faz as coisas para o Reino, no espírito de doação e no seu trabalho que promove uma sociedade mais justa e igualitária, ainda mais às crianças e jovens.

Sua fecundidade é a mesma que existe na relação de trabalho, tanto para a obra como para os leigos ou irmãos. A singularidade se fundamenta na força do testemunho cristão, que dá de graça o que recebeu de graça. A gratuidade de tempo e empenho é uma imagem privilegiada do amor de Deus. (EMM 51).

No nosso fio condutor, temos que analisar a vida de oração e a pessoa de Maria, que, no capítulo quarto, entrelaçam-se. Tópicos de como viver no Espírito, seguimento de Jesus como centro da vida do leigo Marista e um relato da complementariedade entre missão, comunhão e espiritualidade, tecem este nosso último tema.

A vida do Marista de Champagnat deve ter como o centro os mistérios de Cristo, contemplados nos três lugares de predileção<sup>31</sup> do Padre Champagnat: o Presépio, a Cruz e o Altar. É reavivar o amor primeiro, é renovar o nosso compromisso com Jesus do jeito de Maria que esteve como mãe no presépio, mulher ao pé da cruz e discípula no cenáculo.

Como Maria, também se faz necessário pôr-se constantemente na presença de Deus. Ler na história suas marcas e seus apelos. É da atitude de pôr-se na presença de Deus que brotam do coração, de forma espontânea, a súplica, a ação de graças, a oração e o abandono nas mãos de Deus. Somada a esses propósitos, faz-se a revisão do dia, partilha-se a Palavra, Eucaristia e os demais sacramentos. Partilha-se vida e com Maria; reza-se o rosário e entoam-se outras preces marianas.

Essa vida de oração, de espiritualidade, expressa-se na vida simples, no senso de humor, no amor ao trabalho que mantém a vida e na profissão que garante o sustento de cada indivíduo e de cada família:

Assim, nossa vida assume uma dimensão profética que rompe com algumas ideias sociais centradas no "eu". O êxito, o prestígio e o nível de consumo têm para nós um sentido diferente, a partir da experiência de Deus, do jeito de Marcelino. (EMM 121).

Maria, historicamente mulher leiga e primeira discípula, comprometida com os excluídos, mãe, atenta aos sinais de Deus no tempo, é a *figura exemplar* que Marcelino escolheu para os Maristas, com o título de Boa Mãe.

Sentimos especial confiança em Maria. Como Marcelino, proclamamos que ela tudo fez entre nós<sup>32</sup>. Costumamos ir a Cristo através de seu amor de Mãe. A devoção a Maria nos centra apaixonadamente em Jesus e nos sustenta no caminho do Evangelho. (EMM 114).

---

<sup>31</sup> Os lugares de predição referem-se aos lugares de revelação do Mistério de Jesus. Isso é sugerido nos Evangelhos, depois organizado em método de oração pela Espiritualidade Oriental e enfim por Inácio de Loyola. Marcelino tomou isso desta tradição anterior. Era a famosa contemplação dos mistérios de Cristo: Belém, Nazaré, Caná, Cenáculo etc. Depois passaram ao Rosário, por exemplo. Marcelino utilizava o lugar do altar para representar os mistérios pós-ressurreição.

<sup>32</sup> Ressaltamos uma vez mais que na teologia da graça, o recurso habitual e mediador de acesso é o Espírito Santo, mas que na tradição marista se utiliza essa expressão pela proximidade com a figura de Maria, como já relatado. A intercessão de Maria só é possível pela ação do Espírito Santo.

Assim, de forma resumida e buscando os frutos dos escritos do Irmão Basílio – que naturalmente são assimilados à própria tradição marista –, alguns elementos explicitados foram essenciais para a vida laical hoje presente no Instituto, ainda em desenvolvimento.

Mesmo tendo passado tantos anos desde que o Irmão Basílio foi Superior Geral, ele é lembrado no último número do documento, com a sua famosa expressão: “Ajudar a aurora nascer”. Para nós, significa um coroamento do que quisemos expressar com esta seção. Foi retirado do discurso da abertura da I Conferência Geral, na palavra do Superior Geral a seus Irmãos Provinciais. Também está na Circular de 1 de junho de 1971, e grifado na citação:

Como leigos e leigas maristas, envolvemo-nos, juntos com os Irmãos, em novas e audaciosas iniciativas de formação. Temos diante de nós o desafio de *ajudar a nascer a aurora*<sup>33</sup> de uma nova vida marista e fortalecer a que existe, tornando-a mais criativa, fiel e dinâmica. O futuro dependerá de nossa resposta. (EMM 169).

Assim, terminamos nossa análise do documento: “Em torno da mesma mesa”, sobre a vocação dos leigos maristas de Champagnat, tecendo um paralelo com os elementos que vêm sendo discutidos e as sementes deixadas pelo Irmão Basílio que ajudaram no crescimento e no desabrochar dessa vocação tão bonita dentro do Instituto dos Irmãos Maristas que é dom à Igreja.

#### 4.3 RUMO A UM NOVO COMEÇO

Chegamos ao tópico que aborda a preparação às festividades dos 200 anos do Instituto dos Irmãos Maristas. Neste tópico, analisaremos, de forma simultânea, algumas Circulares do Irmão Emili Turú, Superior Geral que estava no cargo na celebração do bicentenário.

A primeira é uma belíssima circular, de 2 de janeiro de 2012, intitulada “Deu-nos o nome de Maria”, em que se faz um apanhado geral de como está o instituto. A renovação proposta pelo Concílio ainda não findou, e esta, em especial, tem como fonte Maria. A ajuda do Instituto Marista, para a renovação

---

<sup>33</sup> Grifo do autor.

da Igreja, e Maria a aurora dos novos tempos - aqui a aurora remete-nos ao Irmão Basílio e seu desejo de que façamos a aurora nascer.

Esse questionamento ganhou força na segunda metade do século XX com a celebração do Concílio Vaticano II. Nossa identidade no interior da Igreja foi de novo questionada, e isso se agravou com o grande número de saídas de Irmãos do Instituto. O Irmão Basílio, Superior Geral, lançou um convite para uma conversão institucional (1971). Depois dele, outros Superiores Gerais conclamaram para a refundação e reestruturação. Certo é que, em pouco tempo, o Instituto experimentou mudanças profundas, em fidelidade ao apelo da Igreja para retomar às fontes e ao *aggiornamento* (renovação). (TURÚ, 2017, p.141).

O segundo tema é “Um novo La Valla”, da Circular convocatória do XXII Capítulo Geral. É preciso que, passados 200 anos, seja prefigurado um novo começo, sem perder as fontes, as origens em La Valla. Para esse Capítulo, que culminou com a celebração do Bicentenário, foram escritas três outras Circulares, que remetem ao início de tudo: *Montagne: A dança da missão*, *Fourvière: A revolução da ternura* e *La Valla casa de luz*. Cada figura remete a um símbolo fundacional, da história que deu origem ao que se viveu e celebrou na atualidade.

Na primeira Circular citada, o Irmão Emili faz uma análise de como está a vida da congregação, na Igreja e no mundo. E o ponto que mais nos salta aos olhos é a diminuição numérica de Irmãos. Irmão Basílio foi o primeiro a se deparar com essa realidade, pois muitos pediram dispensas dos votos após o Vaticano II. Hoje, além de poucos entrarem, o número de dispensas, se for comparar por porcentagem, ainda continua alto. Em alguns lugares do mundo, há muitos Irmãos idosos, em outros muitos Irmãos jovens. O desinteresse por parte da Igreja pela vocação e missão do Irmão pode ser desestimulante. Irmão Emili ajuda-nos nessa reflexão:

Frequentemente, perguntam-me com incredulidade por que entre nós não há sacerdotes. Não deixa de ser uma ironia que, no contexto da vida religiosa, que nasceu laical, os Institutos de Irmãos apareçam agora como uma exceção ou uma raridade, quase precisando justificar sua existência. Não caberia aos Institutos clericais explicar-nos como o ser religioso combina com o ser clérigo? Essa situação não deveria desalentar-nos, mas estimular-nos. Num contexto clericalizado, nossa opção se torna profética. (TURÚ, 2017, p. 16).

Não será o número de Irmãos que medirá o êxito evangélico, e nem a perenidade do carisma recebido por Champagnat, mas será o testemunho de vida espiritual, de apostolado, de caridade, de fraternidade entre Irmãos e Leigos Maristas que definirão estes elementos.

Nessas Circulares aparecem, muitas vezes, as palavras novo, nova, renovação combinadas com outras muitas palavras, para significar que a renovação está em andamento. Não foi atingido ainda o objetivo traçado pelo Vaticano II e iniciado pelo Irmão Basílio Rueda, mas de uma coisa tomou-se a plena convicção: é por Maria, no seu exemplo, que atingiremos nossa finalidade no seguimento de Cristo.

Despertar a aurora – Profetas e místicos para nosso tempo. Estamos no limiar de um novo tempo, que exige criatividade, imaginação, inovação. A primeira parte do lema, despertar a aurora, indica uma atitude ativa, de compromisso frente aos grandes desafios que os últimos Capítulos Gerais propuseram e que se poderia agrupar em torno das palavras profecia e mística. Trata-se de “forçar a aurora nascer, acreditando nela”, como gostava de repetir o Ir. Basílio Rueda, citando o poeta francês Rostand. (TURÚ, 2017, p. 141).

Tornar-se o rosto mariano da Igreja, essa é a maneira original e específica de compor e construir a Igreja que os Maristas de Champagnat devem adotar em sua vida cristã:

Queremos aprofundar um pouco as características desse rosto mariano da Igreja que nos sentimos impulsionados a construir. Com grande liberdade de espírito, visto que, como já se sublinhou anteriormente, tanto Irmãos como as pessoas leigas, por não sermos membros da hierarquia, não somos chamados a atuar como agentes da instituição, mas como profetas no meio do Povo de Deus. (TURÚ, 2017, p.34).

A Igreja, com rosto mariano, não é um movimento, uma bandeira, uma construção intelectual, mas sim é aquela que cada um, do seu lugar, com seu processo empenha-se a construir, sendo fermento e sal na massa, na simplicidade, na humildade e na modéstia. “Essa Igreja para que possa existir, necessita que tu e eu nos tomemos a firme decisão de torná-la realidade; não a estamos reclamando ao demais: nosso sonho nos compromete” (TURÚ, 2017, p. 65).

Nos anos anteriores ao Concílio, certo Irmão fez um cálculo baseando-se desde a fundação até os dias que decorriam; assim, fez as projeções dos números do Instituto. Nessas projeções, o que mais se destacava era o grande número de Irmãos que existiriam. No entanto, o que se viu, após o Vaticano II, foi uma diminuição expressiva nos quadros de Irmãos e uma crescente participação laical no carisma e na missão. Esse é um exemplo de como o futuro é incerto, mas também de quanto o Espírito é vivo, dinâmico e atua no mundo à sua maneira, a maneira de Deus.

Que podemos dizer sobre o futuro? Certamente não está em nossas mãos e provavelmente nos equivocamos em qualquer previsão que fizemos; o que, sim, podemos fazer, o que já estamos fazendo, é agir no presente. Não seria maravilhoso que em nosso caminho para esse bicentenário pudéssemos sentir o entusiasmo e uma espécie de contágio coletivo, animando-nos uns aos outros em nossa fidelidade ao projeto marista? Maria, aurora dos novos tempos, continua ao nosso lado para ser fonte de renovação. (TURÚ, 2017, p. 64).

A Circular convocatória do XXII Capítulo Geral, a realizar-se no ano do bicentenário, foi publicada no dia 8 de setembro de 2016, sob o título “Um novo La Valla”, tendo a mesa que lá está como símbolo. A convocação foi precedida por duas Circulares, com a simbologia do jovem Montagne e da Basílica de Fourvière. Sucedeu a circular convocatória, uma com o mesmo nome, La Valla, adjetivada no português como casa de luz (*lighthouse* do inglês, farol), com a simbologia do farol, trocadilhos que as traduções oferecem-nos.

Algo chama a atenção desde o início, a convocação é dirigida aos “Maristas de Champagnat”, ou seja, é um Capítulo Geral para Irmãos e Leigos<sup>34</sup>. O termo torna-se comum para se referir a Irmão e Leigos. O que já tinha sido construído por outros Irmãos, para o bicentenário, é algo que não deve mais ser omitido.

E sobre a perspectiva de futuro, além é claro das metas estipuladas para os anos que se seguiriam, o “processo” foi definido como a meta. É necessário continuar o que outros começaram, não se esquecer de todos os que antecederam, do processo histórico e da mesa ao redor da qual os Irmãos Maristas foram constituídos. Não é indicado pensar uma mudança no Instituto

---

<sup>34</sup> Salvaguardando o que é de direito e exclusivamente dos Irmãos, como prescrevem o Código de Direito Canônico e as Constituições.

em nível global, provincial, na mudança que dependa do outro. É fundamental cada um mudar o que lhe cabe, que os demais contextos mudarão conjuntamente.

Tenho certeza que muitos de nós temos a experiência de conversas que transformam. É interessante constatar que não se trata de diálogos sobre como mudar os demais, mas que o próprio processo de conversar produz mudanças em nós mesmos. Uma determinada frase, dita ou escutada; uma experiência de vida que tocou nosso coração; uma pergunta que modificou nossa maneira habitual de pensar...foram sementes de transformações posteriores. De fato, frequentemente o próprio processo é transformador, o processo é, portanto, de alguma maneira a meta. (TURÚ, 2017, p. 266).

O Instituto Marista não nasceu de uma vez por todas, lá em 1817, nos sonhos de Champagnat e dos dois jovens que formaram comunidade, mas ele nasce diariamente em cada lugar, experiência e cultura em que está inserido. Pelo Espírito, o Instituto é vivo, dinâmico e muda realidades, ou seja, cada Marista de Champagnat tem a maravilhosa missão de colaborar com o nascimento do Instituto, que sempre estará incompleto.

De certo modo, pois, cada Capítulo Geral é um momento de novo começo, pois nos perguntamos coletivamente o que Deus quer de nós nesse momento histórico concreto e tratamos de utilizar os meios necessários para responder a seus apelos. Um novo La Valla, portanto, não é um chamado para reproduzir, nostálgicamente e românticamente, a primeira comunidade marista. Trata-se de atualizar La Valla nesse início de século XXI, quando um novo mundo está emergindo. (TURÚ, 2017, p. 269).

Um outro sinal forte que deu embase a esse novo começo foi a escolha da celebração do Capítulo Geral fora de Roma, fora da Europa. O Local escolhido foi a Colômbia, perto de Medellín. Por sua importância histórica nas conferências episcopais da América, e recordados os 50 anos da convocação da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, cujas decisões marcaram profundamente a Igreja neste continente, lembramos que:

Nessa Conferência intervieram Bispos tão conhecidos como Mons. Pironio, Mons. Samuel Ruiz, Mons. Leónidas Proaño e Dom Helder Câmara. Medellín representa o esforço para concretizar o espírito do Vaticano II na América Latina, oferecendo três elementos essenciais a identidade da Igreja nesse continente: **a opção pelos pobres, a teologia da libertação e as comunidades eclesiais de base.** (TURÚ, 2017, p. 272).

Além desse dado, a Colômbia foi o primeiro país a receber a missão Marista na América Latina. Levar os Irmãos Capitulares a realidades periféricas, estar próximo da Amazônia Colombiana, vai ao encontro dos ensinamentos do Papa Francisco na encíclica *Laudato Si*: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental” (LS 139). Muitas podem ser as coincidências e as simbologias, mas todas querem remeter-se como sinal de um novo começo.

Por fim, depois de se analisar as bases fundacionais nas circulares preparatórias, todos são convocados a entrar nesse espírito e nesta missão. É preciso deixar algo para manter o todo. “Vamos de começo em começo, através de começos sem fim” (TURÚ, 2017, p. 276), sempre deixando a dinâmica do Espírito prevalecer. A carta termina numa petição à Maria, no ícone da visitação, que ajude no discernimento e transmita coragem para aceitar as inspirações do Espírito que quer gerar vida na Igreja e no mundo.

#### 4.4 UM NOVO COMEÇO EM SINTONIA COM OS SINAIS DOS TEMPOS

Novos tempos requerem coisas novas, mudanças que atualizem a vida da Igreja na sociedade que vem transformando-se, sem deixar de lado o que é basilar e de tradição de nossa fé. Neste tópico, ampliaremos nosso estudo para abranger as mudanças de mentalidade que pouco a pouco o Papa Francisco vem implantado, e que ajudam o Instituto Marista na sua renovação para além dos 200 anos.

O livro “A força da Vocação”, de Fernando Prado (2018), tem seus capítulos divididos em três seções: Olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e olhar o futuro com esperança. Estes itens foram tirados de uma conversa entre o autor e o próprio Papa Francisco. Ressaltamos estes três pontos, porque é o que esperamos para o futuro dos Maristas de Champagnat, um olhar de esperança. Nesse livro, o Papa Francisco exemplifica uma questão de atualização:

É certo que, muitas vezes, nos vemos com estruturas pesadas e grandes: grandes colégios, universidades, hospitais, projetos de muitos tipos, mas com poucas forças e com poucos religiosos. Neste caso, teremos que discernir. Teremos de distinguir entre obras e trabalhos. Nem todos os trabalhos são obras. Às vezes as obras estão

nos esmagando, é certo. Mas é preciso discernir. (PRADO, 2018, p. 48).

Na trajetória de pouco mais de 50 anos, relatadas neste trabalho, pudemos observar como cada tempo exige as suas peculiaridades. E como os temas de pauta são diferentes, temas que antes não eram de importância começam a ser fundamentais para viver o presente com paixão e olhar o futuro com esperança.

Aparecem temas fundamentais como a sustentabilidade e o meio ambiente, a misericórdia, a alegria da vida religiosa, a defesa de crianças e jovens, a Igreja em saída, os quais são alguns exemplos desta nova pauta. E são justamente esses elementos que estão impulsionando o novo jeito de ser maristas hoje.

Olhamos o pontificado de Francisco com esperança, pois ele vem retomando elementos do Vaticano II com bastante convicção. Não está apresentando-nos algo de novo, mas, sim, está sendo fiel à interpretação das Sagradas Escrituras, a Tradição e a Doutrina queridas pelo Vaticano II. O que aproxima, não historicamente, mas conceitualmente, o que o Irmão Basílio quis para o Instituto Marista, e as congregações que ele teve a oportunidade de colaborar com suas palestras, retiros e escritos: a implementação do Vaticano II é necessária. No entanto houve percalços:

Seguramente, a vida consagrada nem sempre acertou no caminho de 'adequada adaptação às condições mutantes dos tempos' (PC 2), tal como tinha indicado o Concílio. Sem dúvida, muitos irmãos e irmãs poderiam ter sido mais flexíveis frente aos conflitos com alguns pastores, favorecendo a comunhão. Todavia, muitas vezes acertou. E, no entanto, não faltou quem anunciasse 'funerais coletivos', nem 'profetas de calamidades', como sabiamente advertira Bento XVI. (PRADO, 2018, p.9).

Nem tudo nesses anos de adaptação foram acertos, e se bem a história nos ensina, muitas coisas ainda vão ter que ser repensadas, no entanto o que sempre se espera é uma Igreja em saída, institutos em saída, leves, que cumpram cada vez mais suas missões com amplitude e eficácia, tornando a missão da Igreja a eles confiadas, um refúgio e modelo de discipulado. O diálogo nos é apresentado como solução para o que está disforme ao que se acredita,

promover a cultura do diálogo, manter a comunhão e ser fraternos é um remédio doce e eficaz para muita dor e sofrimento.

Um dos marcos da renovação nesse transcorrer do bicentenário são as novas Constituições, ainda em fase de adaptação e aprovação, mas que já contêm todas estas novas perspectivas analisadas, justamente para estar sempre mais atualizada as demandas que surgem da Igreja e da sociedade. Para contemplar ao máximo essas emergências ela está assim dividida<sup>35</sup>:

- Nosso Instituto de religiosos Irmãos (identidade, natureza e finalidade) com 10 artigos;
- Nosso ser como Irmãos (consagração e votos) com 19 artigos;
- Nossa vida como Irmãos (fraternidade, oração e apostolado), com 30 artigos;
- Nosso itinerário como Irmãos (pertença) com 26 artigos;
- Nossa organização como Irmãos (governo e administração), com 45 artigos.

Junto às Constituições, também foram reformulados os Estatutos e a Regra de Vida. E a partir de então todos os demais documentos passarão a ter suas atualizações conforme for parecendo oportuno.

O Instituto priorizou a defesa das crianças, adolescentes e jovens. Vem buscando, por meio da conscientização, da denúncia e proteção levar a cabo esse elemento que é tão específico do carisma marista. Tem como principal articulador a Fundação Marista de Solidariedade Internacional (FMSI), que está presente em todas as esferas do Instituto, sendo esse suporte às crianças adolescentes e jovens. Seja nas esferas mundiais, como no Organização das Nações unidas, seja nos núcleos criados em cada província para articulação nas bases.

O Papa Francisco insiste na alegria, primeiro na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), na qual descreve a alegria do anúncio do Evangelho no mundo atual. E, no ano seguinte, na abertura do ano da Vida Religiosa Consagrada, por meio da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://champagnat.org/pt/2017/07/28/comissao-para-a-revisao-das-constituicoes/> . Acessado em 03 jan. 2020 às 17h30min.

e as Sociedades de Vida Apostólica, lança a Carta Circular Alegrai-vos (AL), destinado, especificamente aos consagrados e consagradas.

‘Esta é a beleza da consagração: é a alegria, a alegria... A alegria de levar a todos a consolação de Deus’. São palavras do Papa Francisco no encontro com os seminaristas, os noviços e noviças. ‘Não há santidade na tristeza’, continua o Santo Padre, “não andeis tristes como os que não têm esperança”, escrevia São Paulo (1Ts 4, 13). A alegria não é um adorno inútil, mas exigência e fundamento da vida humana. Nas preocupações de cada dia, todo o homem e mulher procura alcançar a alegria e permanecer nela com todo o seu ser. (AL 3).

Com efeito, onde há religiosos deve haver também alegria, deve haver testemunho, convicção, diálogo, fraternidade, assim a missão será mais frutuosa e eficaz e atrairá novas vocações religiosas e laicais. Não podemos deixar de citar o jubileu extraordinário da misericórdia, aberto em 2016, com a Carta Apostólica *Misericordia et misera* (MM). Um jubileu profético, que de forma sutil dá a linha de Francisco ao seu pontificado. E que é um chamado aos Maristas de Champagnat para olhar seu passado, viver seu presente e esperar o futuro. Só assim é possível gozar da alegria:

Quanta alegria brotou no coração destas duas mulheres: a adúltera e a pecadora! O perdão fê-las sentirem-se, finalmente, livres e felizes como nunca antes. As lágrimas da vergonha e do sofrimento transformaram-se no sorriso de quem sabe que é amado. A misericórdia suscita *alegria*, porque o coração se abre à esperança duma vida nova. A alegria do perdão é indescritível, mas transparece em nós sempre que a experimentamos. Na sua origem, está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo o círculo de egoísmo que nos envolve, para fazer também de nós instrumentos de misericórdia. (MM 3).

Motivo de grande alegria teve também a vida religiosa masculina laical com o documento sobre a Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja (IMRII) no ano de 2015. Trata-se de um documento solicitado desde o Vaticano II, para que fosse o identificador, e como que o reconhecimento da vocação do religioso leigo perante a Igreja. A vocação do religioso irmão não difere das outras vocações religiosas na Igreja, mas se pede voz e vez no seio da Igreja.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, de São João Paulo II, serve como um marco de referência para a nossa reflexão sobre o religioso irmão e a ela nos remete para todas as características gerais da vida consagrada, que compõem a sua identidade. Limitamo-nos a propor

aqui o que é mais específico ou peculiar desta vocação, apesar de serem inevitáveis as referências à vida consagrada em geral e, portanto, aos documentos que, desde o Concílio Vaticano II, a tem apresentado no contexto da eclesiologia da comunhão. (IMRII 3).

Para os Maristas de Champagnat, não poderia faltar o destaque que Maria tem no seguimento/discipulado de Cristo: “Como Maria, o Irmão é convidado a deixar-se plenificar pelo Espírito, a escutá-lo dentro de si, que clama no mais profundo do coração: Abba (Gl 4,6; Rm 8,15)” (IMRII 20). Já nas páginas finais deste documento contém como que uma síntese daquilo que tentamos apresentar neste último capítulo: um misto entre Igreja em saída, misericórdia, a defesa dos marginalizados, alegria e o testemunho, trazendo uma vez mais a importância de ser Irmão hoje:

A vida dos irmãos é uma história, uma história de salvação a seus contemporâneos e entre eles, especialmente para os mais pobres. ‘A beleza mesma do Evangelho nem sempre pode ser adequadamente expressa por nós, porém, há um sinal que jamais deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e rejeita’ (EG 195). O que é próprio dos Irmãos é o preocupar-se em ser um dom de Deus Pai para aqueles aos quais eles são enviados. Eles são transmissores do amor do Pai ao Filho e do Filho a seus irmãos: ‘Como o pai me ama, assim eu os amo. Permaneçam no meu amor’ (Jo 15,9). A permanência que lhes é pedida compreende uma dinâmica ativa, a do amor. (IMRII 32).

Este documento retoma também a busca pela perfeição no amor. Como estudado nos capítulos anteriores, enfatizando que “a vocação do Irmão e seu compromisso de ser memória, para todos, desta obrigação é também motivo para um maior empenho na busca da perfeição” (IMRII 26). E assim terminamos como começamos, com esse apelo fundacional à vida religiosa e por consequência aos Maristas de Champagnat, ser modelo de caridade, exemplo de serviço e de alegria por estar seguindo a Cristo, buscando sempre a radicalidade da consagração batismal e da vivência sacramental.

Nessa tão esperada implementação do Vaticano II, e, na abertura aos sinais dos tempos, o Irmão Basílio e o Papa Francisco encontram-se num desencontro temporal, mas no encontro de fé e de esperança de que só quem olha o passado com gratidão vive o presente com paixão e olhar o futuro com esperança pode ter.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, produzido com muito entusiasmo e aprendizagem, quer-se apresentar seus elementos conclusivos, notando, porém, que esses não esgotam a profundidade e a importância do tema, tanto para os Maristas, quanto para a vida consagrada em geral.

Para atingir os objetivos deste trabalho – com foco na teologia conciliar dos carismas na Vida Consagrada e sua recepção em Rueda (superior geral marista) –, foram examinados os documentos do Vaticano II a respeito (cf. LG, PC) e os pronunciamentos magisteriais posteriores (cf. ET, VC), ao lado da documentação pertinente aos mandatos do Governo Geral de Irmão Basílio Rueda.

Com base em documentos históricos e peritos no assunto, buscou-se criar uma linha temporal para contextualizar os acontecimentos, e não deixá-los estanques. Toda a história vivida para esse acontecimento ajudou na efetivação dele, da mesma forma que toda a história de vida do Irmão Basílio o constituiu e possibilitou todo o trabalho prestado à Igreja pelo Instituto Marista.

A renovação e a pertinência histórica do Concílio Vaticano II são indiscutíveis, bem como os meios para a sua realização nas amplas esferas da Igreja. Aberto pelo Papa João XXIII, que logo depois da primeira seção veio a falecer, esse Concílio teve sua continuação em mais três seções com o Papa Paulo VI com a prerrogativa era aproximar a Igreja da modernidade.

Documentos foram publicados, os quais, como dizia João XXIII, ventilaram a Igreja em todas as suas esferas. Em algumas dessas, o Concílio foi recebido com significativa abertura, mas nem por isso a renovação deu-se por acabada. Em outras houve resistência, o que fez tardar a adaptação da Igreja à sociedade e à modernidade.

Na vida religiosa, as mudanças também tiveram que ser profundas, desde sua auto concepção e lugar na Igreja até as formas de apostolado, espiritualidade, vivência comunitária e inserção na vida social cotidiana. O sentido do ser religioso teve uma nova perspectiva: volta às fontes, superação do juridicismo, a retomada da inspiração evangélica no seguimento de Cristo pelos votos religiosos, o viés apostólico, entre outras que descrevemos neste

trabalho. O que pareceria fazer a vida religiosa florescer fez com que muitos deixassem a vida religiosa.

No Instituto Marista, também foram verificadas essas duas respostas aos apelos do Concílio, a da recepção e da resistência, mesmo que agraciados com um Superior Geral que acreditava numa Igreja renovada e que se empenhou para que todos os novos elementos entrassem na vida marista e renovassem seu modo de ser, sendo mais eficaz na evangelização em tempos modernos. Também o número de solicitação de dispensas dos votos religiosos foi um crescente nesse período.

Como observado no trabalho, não foram poucas as vezes que o Irmão Basílio cobrou de seus Provinciais a facilitação da abertura das províncias ao Vaticano II, e o quanto o preocupava essa demora. Na sua concepção, não havia motivos convincentes que explicassem a demora e a morosidade para as mudanças no estilo de vida, na formação, nos estudos e na missão. Sobre isso, o Irmão Basílio foi bem direto em algumas Circulares, mas muitas delas não tivemos a oportunidade de aprofundar neste estudo.

Das várias possibilidades e mecanismos que poderiam ser utilizados para fazer chegar o Concílio aos Irmãos, presentes nos cinco continentes, analisamos um em especial, as Cartas Circulares, que, para a época, era o meio mais rápido, eficaz e tradicional de transmitir informações. Também foram importantes as visitas que o Irmão Basílio fez a todas as Províncias. Nessas visitas, na presença dos Irmãos, pregava um retiro, em que tratava da renovação conciliar, e o que, a partir da realidade, poderia ser feito.

Não foram tempos calmos, mas, de maneira visível, o Irmão Basílio demonstrou que acreditava naquela proposta e que não mediria esforços para torná-la melhor conhecida e vivível. Por sua experiência eclesial ampla, ajudou também outras congregações na recepção do concílio e no Sínodo sobre a família, citado também neste trabalho.

Para atingir os objetivos deste trabalho, analisamos três temas, identificados principalmente por três Circulares, de mesmo nome, do Irmão Basílio: a vida comunitária, sobre o espírito do Instituto e a oração. No estudo destes materiais, foram levantados sete temas, que repetiam nos escritos e que dão a entender que estão interligados: a oração, vida comunitária, caridade, Maria, apostolado, votos religiosos e o testemunho.

Com isso, chegou-se à conclusão de que foram elementos primordiais adotados pelo Irmão Basílio, para atingir seu objetivo de recepção do Vaticano II no Instituto Marista. Foram os únicos temas? Não! Existem outros elementos importantes e que foram amplamente discutidos e difundidos. Mas, para não alongar muito o trabalho e por fazerem sentido num conjunto de obras, foram priorizados estes sete elementos.

Coletados os elementos, foram escolhidos documentos conciliares que pudessem responder, de maneira mais direta, ao tema, para ter esse elo entre Vaticano II e recepção marista por meio do Irmão Basílio. Estudou-se o capítulo VI, sobre a Vida Religiosa, da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o Decreto *Perfectae Caritatis*, que aborda questões mais práticas para a renovação da vida religiosa, e ainda, o Decreto *Ad Gentes* sobre a nova perspectiva missionária. Estes últimos, que não era específicos à vida religiosa, mas que atingiram em cheio a nova evangelização e a forma de missão.

Outros documentos ajudaram-nos nesse construir, como é o caso da Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, por se tratar de um documento destinado à vida religiosa e publicado nos anos de recorte deste trabalho, e o capítulo VIII, também da *Lumen Gentium*, que apresenta Maria na Igreja, tema muito importante, em razão da grande devoção à Maria no Instituto Marista.

Depois de analisados o Concílio e os documentos conciliares, o generalato do Irmão Basílio e suas obras, numa busca da recepção imediata da teologia dos carismas vindos do Concílio, é imprescindível olhar do tempo atual para o tempo estudado e encontrar os frutos deste período. Não é buscar o produto acabado daquele período, pois lá foi o início do processo, mas o que aquele período possibilitou que se avançasse nos anos que sucederam.

Para essa aproximação com a história recente do Instituto Marista, analisaram-se três documentos: o documento *Água da Rocha*, o documento *Em Torno da Mesma Mesa* e os documentos em preparação ao bicentenário de fundação do Instituto Marista: rumo a um novo começo. Pode-se concluir que o processo iniciado há mais de cinquenta anos, com os governos do Irmão Basílio, frutificou e que fez com que os Maristas de Champagnat buscassem coisas novas e cada vez mais se adaptassem aos sinais dos tempos.

A recepção e a adaptação não estão concluídas, pois o Espírito é dinâmico, e para aqueles que se abrem a sua inspiração, coisas novas vão

surgindo para a efetivação da missão no mundo. No último tópico deste capítulo, temos algumas perspectivas para o futuro, espelhadas no Pontificado de Francisco, que, enquanto vivência e implementação do Concílio Vaticano II, muito se assemelha ao Irmão Basílio Rueda.

Se a problemática para a elaboração deste estudo era, justamente, como o carisma marista caminhou para chegar ao que se tem hoje no pós-Concílio, trazendo um novo ponto de vista a essa área da teologia, colaborando com a vida religiosa e sobretudo com o carisma do Instituto do Irmãos Maristas, pode-se dizer que o objetivo foi alcançado. Não tem a pretensão de ser a única perspectiva sobre o tema, mas, sim, ajudar aos que se dedicam ao estudo e vivem esse carisma na Igreja.

Que este trabalho possa ajudar aos Irmãos, leigos, jovens, vocacionados a se ver dentro desse processo de renovação da Igreja e que assim possam ajudar a construir, sempre mais, um novo começo, novas experiências e novos estudos. Que esse material possa ser de utilidade pastoral na formação e na atuação. Que sua utilidade seja real e eficaz, demonstrando que Deus continua a se fazer presente plenamente na história e inspirando a muitos na edificação e propagação do Reino.

## REFERÊNCIAS

ALBERIGO, G. (et al). **O catolicismo rumo à nova era- O anúncio e a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962)**. Vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ALMEIDA, Antônio José. **Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1989.

ALMEIDA, A. Sendo Cristo a luz dos povos - considerações sobre a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In UMBRASIL. **Utopias do Vaticano II- Que sociedade queremos? – Diálogos**. UMRASIL. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 27-44.

ALMEIDA, J.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs). **As janelas do Vaticano II – A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida - SP: Santuário, 2013.

ALONSO, Severino. Conselhos evangélicos. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 261-290.

AMARAL, Luciano. **Dons espirituais de serviço**. São Paulo: Loyola, 1993.

ANDRADE, J. Missão como êxodo pascal – Da missão ad gentes a missão interagentes, do mundo contemporâneo de desajustes. In UMBRASIL. **Utopias do Vaticano II- Que sociedade queremos? – Diálogos**. UMRASIL. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 125-148.

ASSIAÍN, Miguel Angel. Comunidade. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 182-216.

BARAÚNA, Guilherme. **A igreja do Vaticano II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1965.

BARRIO, Juan J. **A vitalidade do programa educativo Marista, 1840-1993**. Coleção Carismas e princípios educativos Maristas V. 2. Curitiba: FTD, 2017.

BEOZZO, José Oscar. Concílio Vaticano II. In IN PASSOS, João e SACHES, Wagner (Coords.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2015. p. 183-204.

BIGOTTO, Giovanni. **Ir. Basílio Rueda Guzmán - Homem de Deus**. Cadernos Maristas nº 2, postulação junto a causa dos santos. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2003a.

BIGOTTO, Giovanni. **Ir. Basílio Rueda Guzmán - Homem para o homem**. Cadernos Maristas nº 7, postulação junto a causa dos santos. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2003b.

CABRA, Pier Giordano. **Breve curso sobre a Vida Consagrada – Tópicos de teologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2006.

CALIMAN, Cleto. **Perfectae Caritatis – Texto e comentários**. Coleção visitar o Concílio. São Paulo: Paulinas, 2012.

CODINA, Vitor. **“Não extinguias o Espírito” (I Ts 5,19): iniciação à Pneumatologia**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. **VATICANO II - Mensagens, discursos e documentos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **ALEGRAI-VOS: Carta Circular aos Consagrados e Consagradas**. Roma: 2014.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Identidade e missão do Religioso Irmão Igreja**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

COYLE, Kathleen. **Maria na tradição cristã- a partir de uma perspectiva contemporânea**. São Paulo: Paulus, 1999.

DÍEZ, Felícimo Martinez. **Vida Religiosa- Carisma e missão profética**. São Paulo: Paulus, 1995.

FALVO, Serafino. **O despertar dos carismas- uma surpresa maravilhosa para a Igreja hoje**. São Paulo: Paulinas, 1976.

FERNÁNDEZ, Domiciano. Maria. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 621-631.

FERRARINI, Sebastião A. Apresentação. In: **Nossos superiores gerais: biografia dos superiores do Instituto dos Irmãos Maristas, de 1839 a 1993**. Memorial Marista. Curitiba: PUCPRESS, 2019. p. 5-32.

FLORES, José. **Biografía del Hermano Basilio Rueda Guzmán**. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2003.

FLORES, José. Irmão Basílio Rueda – 9º Superior Geral (1967-1985). In: **Nossos superiores gerais: biografia dos superiores do Instituto dos Irmãos Maristas, de 1839 a 1993**. Memorial Marista. Curitiba: PUCPRESS, 2019. p. 554-617.

FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério – ensaios de mariologia simbólico-narrativa**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Roma: 2013.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Sí***. Roma: 2015.

FRANCISCO. **Carta Apostólica misericórdia *et misera***. Roma: 2016.

FURET, Jean Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat**. São Paulo-SP: Edições Loyola, 1999.

GALOT, Jean. **Nueva perspectiva de la Vida Consagrada**. 2ª ed. Bilbao: Mensagero, 1969a.

GALOT, Jean. **Os religiosos e a Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969b.

GALOT, Jean. **Renovação da Vida Consagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969c.

GALOT, Jean. **Em el Corazon del mundo- la Gaudium et Spes y la vida consagrada**. Bilbao: Mensagero, 1970.

GARCÍA MONJE, José A. Oração. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 750-779.

GARCÍA PAREDES, José C. R. Missão. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 683-699.

GONSALVES, Paulo S. L.; BOMONATO, Vera I (Orgs). **Concílio Vaticano II – Análise e prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GREEN, Michel. **A educação Marista a partir de 1993 – sua vitalidade e seu potencial para a criação de uma nova realidade**. Coleção Carismas e princípios educativos Maristas V. 3. Curitiba: FTD, 2017.

GRUPO MARISTA. **Carta sobre a Oração- Ir. Basílio Rueda/Ir. Ivo A. Strobino**. Curitiba: Editora Champagnat, 2015.

GUERRA, Augusto. Espiritualidade. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 372-385.

HÄRING, B.; RAHNER, K. **A Virgem Maria na constituição sobre a Igreja**. Caxias do Sul: Edições Paulinas, 1969.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **CIRCULAR Nº 2 – Sobre a Vida Comunitária**. Vol. XXV. Roma, 1970.

IRMÃOS MARISTAS DA ESCOLAS. **CIRCULAR Nº 3 – Conferência Geral**. Vol. XXV. Roma: 1971.

IRMÃOS MARISTAS DA ESCOLAS. **CIRCULAR Nº 3- Sobre o Espírito do Instituto**. Vol. XXVI. Roma, 1975.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **Documentos capitulares- XVI Capítulo General**. Zaragoza: Editorial Luis Vives, 1979.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **CIRCULAR Nº 4- Sobre a Oração**. Vol. XXVII. Roma, 1982.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **Circular nº 5- A criatividade na oração comunitária**. Vol. XXV. Roma, 1973.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **Circular- Constituições e Estatutos, nossa regra de vida**. Vol. XXIX. Roma: 1986.

IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. **Constituições e Estatutos**. Gráfica Guidonia. Roma, Edição de 2010.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata**. Vaticano, 1996.

JURADO, Manuel R. Vida Consagrada y carismas de los fundadores. In: LATOURELLE, R. (org). **Vaticano II: balance y perspectivas- veinticinco años despues (1962-1987)**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990. p. 801-815.

KEARNS, Lourenço. **A teologia da vida consagrada**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1999.

LANFREY, Ir. André. **Introdução à Vida de M. J. B. Champagnat**. UMBRASIL: Brasília, DF, 2011.

LATOURELLE, R. (org). **Vaticano II: balance y perspectivas- veinticinco años despues (1962-1987)**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990.

LIBANIO, J. B. Concílio Vaticano II – Os anos que se seguiram. In LORSCHIEDER, A (et al). **Vaticano II – 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 71-88.

LOPES, Geraldo. **Lumen Gentium – Texto e comentários**. Coleção revisitar o Concílio. São Paulo: Paulinas, 2017.

LORSCHIEDER, A (et al). **Vaticano II – 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARTINA, Giacomo. El contexto historico em el que nació la idea de un nuevo concilio ecuménico. IN LATOURELLE, R. (org). **Vaticano II: balance y perspectivas- veinticinco años despues (1962-1987)**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990. p. 25-64.

MARTÍNEZ ESTAÚN, Antônio. **Pedagogia da Presença**. Curitiba-PR: Grupo Marista, 2014.

MÜHLEN, Heribert. **Fé cristã renovada – carisma, espírito, libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

MURAD, A. Religiosos (as)/ Vida Religiosa. In PASSOS, João e SACHES, Wagner (Coords.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2015. p. 831-837.

\_ **Nossos superiores gerais: biografia dos superiores do Instituto dos Irmãos Maristas, de 1839 a 1993**. Memorial Marista. Curitiba: PUCPRESS, 2019.

OST, Pedro. **Uso evangélico dos bens**. Editora CMC. Porto Alegre: 2009.

PALMÉS, Carlos. Batismo. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 56-65.

PASSOS, João e SACHES, Wagner (Coords.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2015.

PAULO IV. **Exortação Apostólica Evangelica Testificatio**. Vaticano, 1971.

PEDRINI, M. A vida religiosa: carisma, profecia e serviço – *Perfectae Caritatis*. In ALMEIDA, J.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs). **As janelas do Vaticano II – A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida - SP: Santuário, 2013. p. 405-425.

PRADO, Fernando. **A força da vocação: A vida consagrada hoje – uma conversa com Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2018.

RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

ROMERO, Antonio. Carisma. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 89-99.

ROUET, Albert. **Maria e a vida cristã**. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUEDA, Basílio. **Apologia e desmitização da vida comum**. São Paulo: Paulinas, 1973.

RUEDA GUZMÁN, Basílio. **Proyecto Comunitario**. Madrid: Instituto Teológico de Vida Religiosa, 1981.

SANCHIS, Antonio. **La vida religiosa em el mistério trinitário**. Salamanca: Secretariado Tinitario, 1967.

SECONDIN, Bruno. **O perfume de Betânia – A Vida Consagrada como mística, profecia, terapia – Guia para a leitura da exortação apostólica *Vita Consecrata***. São Paulo: Loyola, 1997.

SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In GOSNSALVES, Paulo S. L.; BOMONATO, Vera I (Orgs). **Concílio Vaticano II – Análise e prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 17-67.

TAYLOR, J; ESTAUN, A.; DRUILLY, F. **Herdeiros da Promessa**. Curitiba: Grupo Marista, 2015.

TILLARD, J.M.R. Renovação. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 983-989.

TURRADO, Argimiro. **Antropologia de la vida religiosa**. Madrid: Paulinas, 1975.

TURÚ, Emili. **Circulares dos Superiores Gerais- Instituto dos Irmãos Maristas**. Tomo 32 (2009-2017), Circulares 412 a 419. Roma: 2017.

UMBRASIL. **Água da Rocha – Espiritualidade Marista fluindo na tradição de Marcelino Champagnat**. Brasília, DF: UMBRASIL, 2008.

UMBRASIL. **Em torno a mesma mesa - a vocação dos leigos maristas de Champagnat**. Brasília, DF: UMBRASIL, 2010.

UMBRASIL. **Utopias do Vaticano II- Que sociedade queremos? – Diálogos**. UMRASIL. São Paulo: Paulinas, 2013.

UMBRASIL. **Calendário Religioso Marista: 2017**. Brasília, DF, 2016.

VILLAS BOAS, A. Carisma. IN PASSOS, João e SACHES, Wagner (Coords.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2015. p. 78-80.

VIÑAS, Teófilo. Congregação. In RODRÍGUEZ, Angel; CASAS, Joan. **Dicionário teológico da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 216-233.